UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A TECELAGEM TOGNATO E AS TRANSFORMAÇÕES
DO ESPAÇO INDUSTRIAL EM SÃO BERNARDO DO CAMPO

LEANDRA BRITO DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Léa Francesconi

SÃO PAULO

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A TECELAGEM TOGNATO E AS TRANSFORMAÇÕES
DO ESPAÇO INDUSTRIAL EM SÃO BERNARDO DO CAMPO

LEANDRA BRITO DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Léa Francesconi

Versão corrigida

SÃO PAULO

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

JESUS, Leandra Brito

A Tecelagem Tognato e as transformações do espaço industrial em São Bernardo do Campo/Leandra Brito de Jesus; orientadora: Léa Francesconi – São Paulo 2009.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Área de Concentração: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Geografia da Indústria 2. Dinâmica espacial 3. Município de São Bernardo do Campo

Agradeço a todos que acreditaram em mim e me deram as possibilidades de chegar até aqui, especialmente meu pai, Antonio Francisco e minha mãe Maria Helena.

Agradecimentos

Ao chegar ao fim de mais uma etapa da minha trajetória acadêmica, dois sentimentos tomam conta do meu ser: o primeiro a alegria de ter chegado até aqui dando continuidade à algo que se iniciou na infância, meu amor pelos estudos; o segundo a angústia pela falta que sentirei dos encontros, das discussões, confraternizações, companheirismo de todos que me acompanharam e apoiaram ao longo dos últimos anos no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana.

Sentirei falta de tudo e de todos, dos momentos de pesquisa individual, das horas de estudos, dos sentimentos de alegria por novas descobertas, dos debates esclarecedores com os professores do departamento desta instituição e também com professores da Fundação Santo André.

Muitas pessoas fizeram parte desse percurso, espero não cometer injustiça ou cometer o menos possível para com todos que colaboraram com a efetivação dessa pesquisa.

Inicialmente, devo agradecer especialmente a minha orientadora, Léa Francesconi pelo seu compromisso, ética e competência ao longo desses anos de orientação. Além disso, é merecido o destaque a sua atenção em nos atender a todo momento disponível dentro da universidade ou fora dela, demonstrando sempre interesse e preocupação com nossos estudos.

Aqui faço um agradecimento muito especial ao meu pai, que infelizmente não está mais presente para comemorar conosco o fim dessa etapa, mas que teve um papel fundamental para a realização desse estudo ao dizer todos os dias de sua vida que o conhecimento e aprendizado de coisas novas só chegam ao fim quando acaba-se a vida.

Agradeço também a minha mãe, Maria Helena, que compreendeu todos os meus momentos de mau humor e alegria repentina durante toda essa etapa. Ao meu irmão Oberdan, que a todo momento me socorreu com as dificuldades relacionadas a falta de conhecimentos da utilização de equipamentos informatizados.

Meus agradecimentos também são para todos do Centro de Memória de São Bernardo, Setor de Planejamento Urbano de São Bernardo; Museu Octaviano Gaiarsa em Santo André, em especial para a Bibliotecária Márcia que sempre me atendeu prontamente no fornecimento de documentos, que foram de grande contribuição para esse estudo; Sindicato do Tecelões de São Bernardo e Diadema que me colocaram em contato com ex-funcionários da tecelagem. Agradeço ainda aos ex-funcionários da Fiação e Tecelagem Tognato que permitiram que eu escutasse e registrasse suas histórias e experiência sobre a tecelagem e sobre o bairro Baeta Neves.

Aos membros do Departamento, agradeço a atenção de todos que fizeram parte do nosso convívio em todos esses anos: funcionários, professores e amigos.

Aos meus amigos Sônia Pampolin, Eraldo Ramos e Sidney Carvalho que ao longo desses anos sempre respeitaram minha dedicação aos estudos, e sempre tiveram o carinho de se preocuparem com meu bem estar através de visitas, telefonemas, leituras e discussões sobre temas pertinentes bem como os contatos com pessoas que poderiam colaborar com este estudo.

Agradeço ainda aos meus companheiros de orientação, presentes em grande parte de nossos momentos de pós-graduação, nos encontros para leituras e discussões, nos colóquios, congressos, nas trocas de experiências e ideias.

RESUMO

O presente trabalho estuda a relação entre a Tecelagem Tognato e as transformações do Bairro Baeta Neves, em São Bernardo do Campo. Para tanto abordamos a história da industrialização brasileira, paulista e do ABC paulista, especialmente o segmento têxtil. Abordamos também a evolução do bairro que se constitui e se expande a partir da instalação da Tognato na década de 1940. A indústria do ABC obedece a dinâmica nacional, sua origem com as indústrias têxteis no século XIX, o desenvolvimento no século XX com a implantação das indústrias de bens de produção e, no final do século, a reestruturação industrial marcada pela transformação do modelo fordista para o flexível, que implicou em mudanças na dinâmica interna e externa das fábricas. Ao mesmo tempo ocorre a expansão da cidade de São Paulo e a formação da região metropolitana envolve o ABC, São Bernardo e o Baeta Neves. se integram à nova dinâmica e atendem às necessidade de serviços. As atividades de comércio e serviços passam a predominar. A paisagem se altera com o fim dos galpões e a verticalização. A Tognato insere-se nessas transformações e seu estudo possibilitou compreender como as novas dinâmicas produtivas relacionam-se com a sociedade e o espaço, promovendo mudanças no ABC especialmente em São Bernardo. A saída da Tognato do bairro, a ocupação do seu terreno por empreendimentos imobiliários revela as transformações que ocorreram na indústria e no urbano.

Palavras-chave: ABC paulista, São Bernardo do Campo, Indústria têxtil,. Espaço Urbano, Transformação do Espaço Industrial

ABSTRACT

This research studies the relation between Tognato's weaving and the transformations in Baeta Neves' neighborhood, in São Bernardo do Campo. For that, we have studied the industry history of São Paulo and ABC Paulista, especially the textile industry. We discuss also the evolution of the neighborhood that is established and extends since the installation of Tognato in the 1940s. ABC's industry follows the dynamics of the national industry whose origin is related to textile industries in the nineteenth century, developed in the twentieth century with the establishment of capital goods industries and the end of the century, with an industrial restructuring marked by the transformation of a fordist to a flexible model, which resulted in changes in the dynamics of domestic and foreign factories. At the same time there is an expansion of São Paulo city and the formation of a metropolitan region. São Paulo metropolitan region involves ABC, São Bernardo and Baeta Neves in the new dynamic of trade and services. The activities of trade and services come to predominate. The landscape changes as factories close and the new buildings come. Tognato is part of these transformations and its study made possible to understand how new productive dynamics relate to society and space, promoted changes in ABC and especially in São Bernardo. When Tognato left the neighborhood, the occupation of its land by real estate ventures reveals the changes that occurred in the industry and in the urban.

Keywords: ABC Paulista, São Bernardo do Campo, Textile Industry, Urban Space, Industrial Space Transformation

SUMÁRIO

Introdução	01
O ABC	10
1. Metodologia de Pesquisa	11
1.1. Concentração e desconcentração industrial	12
1.2. O Urbano e a Metrópole	20
2. A industrialização brasileira e a industrialização do município de São Bernardo do Campo no ABC Paulista	29
2.1. Industrialização brasileira nos séculos XIX e XX	29
2.2. A mudança do cotidiano do ABC	39
3. São Bernardo do Campo e a região do ABC	44
3.1. A Formação do ABC	44
3.2. A Formação e transformação social do ABC	48
3.3. São Bernardo e sua constituição econômica	56
3.4. Baeta Neves, de “risca faca” à arranha céu	60
A TOGNATO	64
4. A Fiação e Tecelagem Tognato no contexto da indústria têxtil brasileira	65
4.1. A indústria têxtil brasileira	65
4.2. A indústria têxtil no ABC Paulista ao longo do século XX	74
4.3. Origem e desenvolvimento da Fiação e Tecelagem Tognato	80
4.4. A luta da Tecelagem Tognato entre 1990 e 2006	95
A TECELAGEM E O BAIRRO	99
5. A fiação do Baeta na trama da Tognato: a tecelagem transforma o bairro ou o bairro transforma a tecelagem?	100
5.1. Transformações do bairro Baeta Neves	100
5.2. A tecelagem transforma o bairro? Ou o bairro transforma a tecelagem	115
5.3. As transformações espaciais no ABC	127
Considerações Finais	132
Bibliografia	136

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Localização do ABC na Região Metropolitana de São Paulo	46
Mapa 2 Localização de São Bernardo do Campo na Região Metropolitana de São Paulo	47
Mapa 1 Divisão dos Bairros de São Bernardo do Campo	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das pessoas ocupadas por ramo de atividade e média salarial da RMSP	52
Tabela 2 – PIB dos municípios do ABC em 2005	57
Tabela 3 – Valor Adicionado, por Setor de Atividade Econômica e PIB corrente dos municípios do Estado de São Paulo – 2006	57
Tabela 4 – Indústrias têxteis do ABC 1897-1935	76
Tabela 5 – Evolução do Número de Teares das Indústrias Têxteis do ABC no Período da Primeira Guerra Mundial	82
Tabela 6 – Número de Teares da Tognato em atividade entre os anos 1908-1932	86
Tabela 7 – Crescimento Vegetativo e Migratório de São Bernardo do Campo	119

IMAGENS

Foto 1 – Vestiários da Tognato na avenida Pereira Barreto, ao fundo prédios do bairro Baeta Neves	110
Foto 2 - Refeitório da Tognato na avenida Pereira Barreto	110
Foto 3 – Local onde ficava o campo de futebol da Tognato. Além dos arbustos que nasceram no meio do campo é possível ver os prédios e parte de uma revendedora de automóveis.	111
Foto 4 – Galpões da fiação e tecelagem a esquerda com teto em forma de serrote, galpões de acabamento e expedição a direita, e ao fundo a caixa d'água da Tognato	111
Foto 5 – Imagem da propaganda de página inteira no jornal Folha de São Paulo 13/10/2007 do empreendimento a ser construído em parte do antigo terreno da Tognato	124
Foto 6 – Condomínio em construção no local onde ficava a Tognato, a esquerda o shopping Metrôpole e os edifícios da região central de São Bernardo	125
Foto 7 – Área cercada para construção de condomínio vertical e ao fundo condomínios já habitados na rua Liberdade no Baeta Neves	125
Foto 8 – Os prédios parecem avançar contra as casas na avenida Catanduva no Baeta Neves	126

PLANTAS

Planta dos Córregos	93
Planta da Tecelagem Tognato	112
Planta Parcial da região central de São Bernardo do Campo	113
Fotografia Aérea	114

GRÁFICO

Gráfico 1 – Distribuição do PIB paulista por Região Administrativa do Estado de São Paulo	58
---	----

INTRODUÇÃO

Este trabalho inicia-se com a percepção da paisagem dos municípios do ABC, onde resido desde a infância. Ao longo dos anos habituei-me a percorrer ruas ocupadas por enormes galpões de fábricas, povoadas por trabalhadores com seus macacões azuis caminhando apressados ou em suas bicicletas. Acordávamos pela manhã com o barulho dos ônibus que transportavam os trabalhadores, brincávamos a tarde, depois da escola, de contar quantos ônibus passavam na rua para buscar os trabalhadores após o turno do dia.

No final dos anos 1990 os elementos que configuraram a paisagem do ABC começaram a mudar. Primeiramente a chegada dos shopping centers, depois os grandes mercados e por fim os prédios mais altos do que as caixas d'água das fábricas que muitas vezes nos serviram de orientação no retorno para casa após a escola ou um passeio nos bairros vizinhos.

Essas transformações, imprimiram, entre outros aspectos, mudanças espaciais, sociais e econômicas no ABC. É marcante e chega a ser chocante para quem viveu no meio de fábricas, trabalhadores, operários de macacão, apitos, sirenes e notícias sobre as reivindicações dos trabalhadores do ABC, notar que a presença dessas características esvaiu-se dos bairros até então conhecidos.

As referências mudaram, a orientação não é mais a fábrica, mas sim o shopping, o supermercado, o condomínio. Para compreender em qual sentido essas mudanças ocorreram, nos dedicamos a essa pesquisa sobre a Tognato, o bairro Baeta Neves no qual ela estava inserida em São Bernardo do Campo.

As questões que motivaram este trabalho relacionam-se em nossa vivência diária em Diadema e nos deslocamentos para trabalho ou lazer nos demais municípios da região do ABC, bem como às transformações do espaço urbano-industrial presenciado nessa região. O ABC, faz parte da Região Metropolitana de São Paulo é composta por sete municípios Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires. No início do século XX esses sete municípios ainda não existiam, eles eram bairros ou distrito do município de São Bernardo, em meados das décadas de 1930 e 1940 foram se desmembrando dando origem aos atuais municípios que formam essa região ABCD-MR, sigla extensa, que os moradores da região abreviam para ABC mesmo quando estão se

referindo aos municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Essa abreviação de ABCD-MR para ABC nós é a que usaremos nesse trabalho.

Santo André, São Bernardo e São Caetano, tiveram um importante papel dentro da história da industrialização da metrópole paulista. Inicialmente contribuíram com a produção da indústria têxtil, moveleira e com a extração de pedra e produção de tijolos, que abasteciam e ajudavam na construção da cidade de São Paulo. Posteriormente na segunda metade do século XX, esses municípios serviram de destino para a implantação das indústrias automobilísticas e seus segmentos como autopeça e pneumática, que ali se instalaram devido a vantagens do valor dos terrenos e sua localização estarem próximas as rodovias de acesso a capital.

Esses três municípios concentraram muitas indústrias dentro da região, as de maior destaque são as automobilística e as fornecedoras de produtos automotivos, isso possibilitou o aumento da arrecadação fiscal com tributos provenientes da atividade industrial, sendo liderados pelo município de São Bernardo do Campo, onde estão três grandes montadoras (Ford, Volkswagem e Mercedes Benz), além das indústrias de autopeças e indústrias de outros ramos como têxtil, moveleiro e alimentício.

Outro fator que contribuiu para que São Bernardo do Campo, e os demais municípios do ABC se tornassem nacionalmente conhecidos, na história da industrialização paulista, foram as manifestações dos operários das indústrias dessa região no decorrer dos anos 1970 e 1980, que deram origem ao movimento dos operários e fortaleceram os sindicatos.

Esse movimento nos anos 1970 e 1980 é um marco para a história do ABC e para a história nacional, pois os trabalhadores conseguiram se organizar em manifestações, passeatas e greves em um período de censura, o Brasil estava sob o regime da Ditadura Militar, que teve início em 1964 e permaneceu até meados da década de 1980. Foram anos em que qualquer tipo de manifestação, que abalasse a “ordem”, era fortemente reprimida. No entanto, esse governo repressivo não foi intimidador o bastante para os operários de São Bernardo e dos municípios vizinhos, que foram às ruas em passeatas lutar por melhores salários, condições de trabalho e contra o arrocho salarial. O movimento cresceu, ganhou apoio de outras instituições e na década de 1980 lutaram pelas Diretas Já, reivindicando a redemocratização brasileira.

Embora o ABC seja lembrado pela indústria automobilística, ele não se restringe apenas a esse ramo, existem outras atividades importantes nessa região que também possuem

grande contribuição na história da industrialização paulista, como a indústria têxtil e moveleira, presentes desde as duas últimas décadas do século XIX, nos municípios de Santo André e São Bernardo. Além dos segmentos industriais já mencionados, a região também conta com a produção de cosméticos, que se instalou ao longo da década de 1990 no município de Diadema. Essa expansão da indústria de cosmético e também indústria têxtil, tanto da indústria têxtil ligada ao setor automobilístico, são exemplos da continuidade da atividade industrial na região, mesmo com o avanço da desconcentração industrial e desindustrialização, que vem ocorrendo em alguns bairros na Região Metropolitana de São Paulo.

Desconcentração essa, que se torna evidente com a saída das indústrias dos municípios de Santo André e São Bernardo no decorrer da década 1990, como foi o caso da Black&Decker, indústria de ferramentas e maquinários industriais; da Denadai, indústria alimentícia, instaladas em Santo André; da Brastemp no município de São Bernardo entre tantas outras, que migraram para outros estados ou municípios do estado de São Paulo. Nesse processo essas indústrias saíram dos municípios do ABC em busca de localidades com melhores incentivos fiscais e mão-de-obra mais barata.

Essa desconcentração e desindustrialização representam transformações como a saída das indústrias para outras localidades, redução do espaço de produção das indústrias que permaneceram no ABC, redução dos postos de trabalho, ocupação dos galpões industriais por empresas prestadoras de serviços, verticalização dos bairros anteriormente industriais, tudo isso aconteceu de forma acentuada no decorrer da década de 1990. Para compreendê-las precisamos entender como as indústrias se estabeleceram nos municípios da região do ABC e o seu desenvolvimento no decorrer do século XX.

Como caminho para esses estudos nos pautamos por analisar uma indústria e o bairro no qual ela se encontrava inserida: a Fiação e Tecelagem Tognato no bairro Baeta Neves, que pertence ao município de São Bernardo do Campo. Essa indústria do ramo têxtil, manteve-se em atividade durante todo o século XX, gerou empregos e rendimentos para o município, mas a partir de meados dos anos 1990 reduziu seu número de trabalhadores, em 2000 transferiu-se para uma área menor, nas proximidades da rodovia Anchieta no bairro Planalto, permanecendo aí até a sua falência em 2006. Ainda existe a marca Tognato, que foi comprada por outra empresa do mesmo ramo. Mas dos galpões existentes no Baeta Neves só ficou a caixa d'água.

Nas imediações do terreno que abrigou a tecelagem por tantos anos no bairro Baeta Neves em São Bernardo, apresentou uma série de mudanças após a saída da tecelagem, verticalização das construções, aumento das empresas do setor de serviços, comércio e abertura de novas ruas. Partindo dessas observações procuramos compreender se a transferência da tecelagem esta ligada as transformações do bairro e, se as mudanças no bairro estão diretamente ligadas a transferência da tecelagem?

Compreender e analisar as transformações, a partir da desativação da Fiação e Tecelagem Tognato no Baeta Neves, nos permite compreender a dinâmica do bairro, da cidade de São Bernardo e seus municípios vizinhos, que compõe o ABC Paulista na passagem do século XX para o XXI, dentro do contexto da dinâmica da Região Metropolitana de São Paulo.

Estudar a trajetória da Fiação e Tecelagem Tognato, tradicional fabricante de colchas e cobertores, desde a sua fundação em 1909 até a sua falência em 2006, observar as mudanças ocorridas no bairro em que a tecelagem estava instalada, o Baeta Neves, no mesmo período, dentro do contexto do município de São Bernardo e da Região Metropolitana de São Paulo nos dá elementos para compreender as mudanças ocorridas nos anos de 1990.

Alguns dos fatores, que nos ajudaram a elucidar as transformações no Baeta Neves e na Fiação e Tecelagem Tognato, bem como a relação/interação entre o bairro e a fábrica na década de 1990 são as mudanças políticas e econômicas que ocorreram Brasil nesse período como: a eleição democrática de Fernando Collor de Melo, abertura comercial da economia brasileira para o mercado global, reformas monetárias e o Plano Real. Acreditamos que essas mudanças contribuíram consideravelmente para a mudança de localidade da tecelagem, que sai do bairro Baeta Neves na avenida Pereira Barreto vai para a rodovia Anchieta, consequentemente contribuem para novas configurações do Baeta Neves.

Atualmente esse bairro não apresenta quase nenhum resquício do seu aspecto inicial, no qual predominavam as casas dos operários, nem mesmo as instalações da tecelagem Tognato, que por tantas décadas gerou milhares de postos de trabalho para os moradores do bairro. No terreno no qual a tecelagem se manteve por aproximadamente cinquenta anos um empreendimento imobiliário de alto padrão esta em construção.

Ao andar pelas ruas do Baeta Neves nos dias de hoje é possível perceber o quanto ele se transformou perdendo as características daqueles tempos em que as casas eram feitas com partes de caixas de madeira, os operários que também era comum encontrar pelas ruas do

Baeta tornaram-se raros. Poucos são os moradores antigos, e entre esses, muitos eram crianças no período de formação do bairro ou nem mesmo eram nascidos.

Observar as transformações que vem ocorrendo no Baeta Neves e São Bernardo, nos permite compreender, que elas fazem parte do processo de formação do ABC e ao mesmo tempo da continuidade da formação da região, de seus municípios e bairros inseridos dentro da dinâmica da metrópole paulista.

O município de São Bernardo e seus bairros, não podem ser avaliados como um processo específico, aparte das transformações da metrópole paulista. Diante disso essas transformações seguem uma lógica do processo de formação e expansão da metrópole paulista. Na qual as cidades do ABC cumprem um importante papel diante dessa metrópole como o oferecimento de moradias para aqueles que trabalham nela.

Muitos estudiosos dedicaram-se ao estudo da metrópole paulista, da região metropolitana e também do trabalho na região do ABC, dedicaram-se principalmente ao papel do trabalhador da indústria nessa região, é natural e importante essa preocupação, já que a indústria proporcionou transformações significativas na sociedade do ABC. No entanto é preciso compreender as dinâmicas desses municípios, que estão impregnados de transformações espaciais, sociais e econômicas, para avaliá-las dentro do contexto da indústria afim de ampliarmos o conhecimento do ABC como parte da metrópole paulista.

Como metodologia para compreensão dessas transformações, realizamos levantamento histórico entre o final do século XIX e início do século XXI nos centros de memória dos municípios da região do ABC, museu Octaviano Gaiarsa, museu Paulista, Prefeitura Municipal de São Bernardo e a Junta do Comércio do Estado de São Paulo.

As principais fontes utilizadas foram: jornais, revistas, livros com a história da região, livros de registro de impostos e fotografias, todas essas fontes foram importante para compreendermos a formação da Tognato e a formação do Baeta Neves.

Além das várias visitas aos centros de memórias também realizamos investigações em outras instituições através de recursos da informática como o sítio virtual do IBGE, SEADE, Ministério do Trabalho, bibliotecas virtuais para leituras de arquivos e textos pertinentes a essa pesquisa.

Entre os anos de 2005 e 2009 realizamos vários estudos do meio, visitamos o bairro Baeta Neves com o intuito de observar, fotografar, conversar com moradores e compreender as transformações espaciais em curso. Isso nos possibilitou acompanhar o momento da demolição dos galpões da tecelagem, da construção de novos prédios e alargamento da ruas

ao redor do terreno da Tognato e o início das obras do empreendimento imobiliário em construção no terreno que pertencia a tecelagem.

Dois estudos do meio destacaram-se no referido período, primeiro em 2005 quando tivemos a oportunidade de entrar nas instalações da tecelagem na avenida Pereira Barreto em companhia do senhor Francisco. Nessa visita tivemos a descrição do funcionamento da tecelagem e a oportunidade de observar o funcionamento da lavanderia bem como de algumas instalações da tecelagem que ainda não haviam sido demolidos

Segunda visita realizada em 2008 nos permitiu verificar as dimensões do galpão ocupado pela Tognato para a produção das colchas e cobertores entre os anos de 2000 e 2005, na rodovia Anchieta, pois a tecelagem em atividade em 2008 pertencia a outra empresa.

Outro recurso utilizado para esse estudo foram entrevistas realizadas com ex-trabalhadores da Tognato, moradores do Baeta Neves, membros do sindicato dos tecelões e depoimentos arquivados no centro de memória de São Bernardo. Essas fontes foram muito importantes, pois nos trouxeram descrições da tecelagem, do bairro e do município, preenchendo algumas lacunas relacionadas a história da tecelagem e das transformações do bairro.

Os ex-trabalhadores da Tognato que entrevistamos foram o senhores Francisco Pampolim, Edmundo Campanaro, Antonio Ângelo Peretto e Airton Rodrigues.

O senhor Francisco é filho de imigrantes italianos, que vieram para o Brasil no final do século XIX, nasceu no interior de São Paulo. Quando adulto, e já casado, mudou-se com sua família para a região do ABC. Trabalhou na Tognato a partir da década de 1960, permanecendo na tecelagem até o início dos anos 1990, quando se aposentou. Era encarregado da produção dos fios e tinha conhecimento de vários setores da tecelagem.

O senhor Edmundo Campanaro, entrou na Tognato quando era garoto, foi espuleiro sendo promovido para tecelão e depois encarregado, cargo que ocupou até os anos 1990 quando se aposentou. Atualmente integra a direção do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de São Bernardo e Diadema.

O senhor Antonio Ângelo Peretto é engenheiro mecânico aposentado da tecelagem. Trabalhou na Tognato entre os anos de 1962 e 2000. Também é membro do sindicato dos tecelões. Possui um grande conhecimento da história da tecelagem e da família Tognato, pois mantinha uma relação muito estreita com os membros da diretoria.

O Sr. Airton trabalho na Tognato de 1976 a 1998 como técnico de segurança do trabalho, conhece o funcionamento da fábrica por inteiro, desde suas instalações até o processo de fabricação e se apresenta com um perfil do trabalhador que mantém uma relação

estreita com a empresa e com seus responsáveis. Além de trabalhador da tecelagem conhece o Baeta Neves de um período muito anterior ao ano em que lá foi morar com a família na década de 1970.

Entre esses ex-trabalhadores da tecelagem entrevistados, somente o senhor Airtton permitiu que a entrevista fosse gravada, o que nos possibilitou a utilização de trechos transcritos nesse trabalho. Sobre as demais entrevistas registramos as informações que nos relataram, e procuramos utilizá-las sem transcrição direta da fala de cada um deles.

Ao longo dessa pesquisa encontramos algumas dificuldades como a realização de entrevistas com proprietários da Tognato e da T4 Tognato, bem como visita a esta última. Essa dificuldade nos gerou algumas lacunas, no entanto, elas não inviabilizaram a nossa pesquisa, recorremos a outras fontes já citadas para compreender essa tecelagem.

Para compreendermos a formação e transformação da Tognato e do Baeta Neves no final do século XX, nos dedicamos a compreensão da década de 1990, que como já informamos anteriormente é o período em que essas transformações se tornaram mais evidentes no cotidiano da sociedade da região do ABC. Dessa forma organizamos esse estudo em três partes, O ABC, A TOGNATO, A FÁBRICA E O BAIRRO.

Na primeira parte, nos detivemos na análise dos conceitos, que possibilitam a compreensão das transformações observadas tanto na Fiação e Tecelagem Tognato, quanto no bairro Baeta Neves, dentro do município de São Bernardo. Para tanto nos dedicamos a discutir os conceitos de concentração, desconcentração, desindustrialização, urbanização e metropolização, que são abordados ao longo desse estudo, já que as transformações observadas foram movidas por diversos fatores sociais, econômicos e espaciais. Um único conceito não daria conta da análise e compreensão dessas mudanças.

Depois da análise dos conceitos, estaremos apresentando a origem e desenvolvimento da industrialização paulista, a industrialização do ABC e a formação do município de São Bernardo do Campo, bem como de sua sociedade e situação econômica. Para tanto partimos a análise inicial da industrialização paulista, pois é dentro desse contexto que desenvolve-se a indústria do ABC. Assim sendo, tomamos como ponto de partida o século XIX e o início século XX, período mais relevante dentro da industrialização, sua origem, desenvolvimento e transformação.

Como nosso objeto de estudo é uma tecelagem, grande ênfase é dada a indústria têxtil, isso ocorre devido ao fato de que essa foi a atividade produtiva que apresentou maior crescimento no processo inicial da industrialização brasileira. Posteriormente, a partir da segunda metade do século XX, a atividade industrial que ganha destaque são aquelas

relacionadas a indústria de bens de consumo duráveis, principalmente aquelas ligadas ao setor automobilístico.

Após a compreensão da industrialização paulista, partimos para a compreensão da indústria do ABC com ênfase em São Bernardo do Campo e sua origem, relacionando-a com o processo de industrialização paulista e brasileira. Ao fazermos essa análise e comparação da industrialização paulista com a do ABC evidenciou-se que entre as primeiras indústrias paulista e do ABC estavam as têxteis.

Após nos dedicarmos a industrialização do ABC, passamos a apresentação do que é o ABC. Dos seus municípios, da sua população, de São Bernardo e do bairro Baeta Neves. Procuramos abordar a composição da região, seus municípios e um pouco da história e o papel desses dentro da região do ABC e também da Região Metropolitana de São Paulo. Analisando a formação social da região, a origem da população e seu papel nas atividades econômicas. Abordamos também mais detalhadamente a formação de São Bernardo, a formação e transformação do centro comercial do município e o bairro Baeta Neves no qual estava instalada a Fiação e Tecelagem Tognato.

Na segunda parte, A TOGNATO, nos dedicamos ao estudo e compreensão da história da indústria têxtil brasileira, paulista e do ABC, já que ao analisarmos o processo de industrialização brasileira citamos a indústria têxtil mas não em seus detalhes, apenas citada por fazer parte daquele processo. Nesse momento nos dedicamos com mais detalhe a indústria têxtil dentro do processo de industrialização brasileira, procurando compreender a origem da indústria têxtil do ABC, as condições que propiciaram o desenvolvimento e concentração dessas tecelagens na região ao longo de todo o século XX.

Após a compreensão da história da indústria têxtil paulista, nos dedicamos ao estudo da Fiação e Tecelagem Tognato, abordando a sua formação no início do século XX e toda a sua trajetória no decorrer desse mesmo século, estabelecendo uma relação com o panorama histórico da indústria brasileira, em especial a têxtil, essa contextualização essa que nos possibilitou a compreensão das transformações ocorridas na tecelagem na década de 1990 e início do século XXI.

Depois de nos dedicarmos ao ABC e a Tognato, sua origem, desenvolvimento e falência, procuramos estabelecer uma relação mais direta entre a tecelagem e o bairro Baeta. Essa compreensão esta na terceira parte, A FÁBRICA E O BAIRRO. Ao longo desse estudo, quando abordamos o bairro Baeta Neves citamos a Tognato, quando falamos da Tognato também citamos o bairro, mas nas discussões da fabrica e do bairro pretendemos compreender a relação das transformações entre os dois. Como se dá essa trama? A Tognato

teceu a formação e transformação do Baeta Neves? O Baeta Neves *tramou* as transformações que levaram a desativação da Tognato? Procuramos, a partir desse questionamento, compreender até que ponto a tecelagem forma e transforma o bairro e a partir de que ponto o bairro transforma a tecelagem, questionamento que foi norteador para o desenvolvimento dessa pesquisa. Por fim concluímos essa terceira e última parte de nossos estudo com a discussão da pergunta: cadê as chaminés que estavam aqui?

O ABC

1. METODOLOGIA DE PESQUISA

O estudo da industrialização do ABC ao longo do século XX foi amplamente explorado por cientistas sociais, geógrafos e historiadores que dedicaram-se a compreender a formação dessa região, seus municípios, sua sociedade e os movimentos sociais que nela se desenvolveram, no entanto, muitos estudos ainda são necessários para a compreensão dessa região que esta em constante mudança.

Compreender o ABC não é uma tarefa simples, embora, muitas vezes, ele seja apresentado como uma região coesa por alguns estudiosos, na prática, as diferenças o afasta dessa coesão, revelando-se uma região muito complexa para ser compreendida.

Inúmeros e importantes foram os estudos desenvolvidos para compreender a sociedade do ABC nas últimas décadas do século XX, principalmente no tocante ao movimento operário e as greves, que se iniciaram na região em meados da década de 1970, período amplamente estudado e discutido por Ricardo Antunes e outros estudiosos do ABC.

Ao longo do século XX, houve o desenvolvimento de estudos para compreender a organização do espaço industrial, econômico e social do ABC diante do crescimento da metrópole paulista. Nesses estudos o trabalho e o trabalhador ainda configuram parte importante, mas outros aspectos ganham destaque a guisa de elucidações.

O objetivo deste trabalho é contribuir para a compreensão da transformação espacial do ABC no final do século XX, quando elas intensificaram-se na região alterando o cotidiano da sua sociedade e dos espaços nos quais estão estabelecidas suas relações. Com o intuito de atingir essa compreensão, nos dedicamos ao estudo da Fiação e Tecelagem Tognato, e o bairro Baeta Neves. Escolhemos a década de 1990, período em que as transformações espaciais foram mais intensas para a atividade industrial e para São Bernardo como município que abrigou um número relevante de indústrias durante o século XX.

Para esse estudo nos pautamos nas obras e estudiosos que se dedicaram a compreender a formação do parque industrial como fator importante para a construção do espaço fabril brasileiro no início da industrialização e também autores que trabalharam com o conceito de concentração para explicar as transformações do parque industrial de São Paulo, que no final do século XX começou a apresentar uma redução da quantidade de indústrias. Essas transformações foram nitidamente percebidas também no ABC, já que muitas dessas indústrias estavam nos seus municípios.

Quando as indústrias dos municípios do ABC começaram a “sumir” e em seu lugar foram surgindo outras atividades, muitas especulações foram feitas, alguns jornalistas apontavam que as indústrias estavam migrando para outras localidades do Brasil, outros falavam em “risco ABC”, sindicalistas faziam debates para discutir a manutenção de emprego nas indústrias. Para compreender essas transformações, que não foram exclusivas do ABC, mas sim de muitos bairros que abrigavam indústrias na Região Metropolitana de São Paulo, estudiosos explicaram essas transformações como uma desconcentração industrial. Nesse processo de desconcentração o que estaria ocorrendo seria a migração de indústrias para outras localidades.

Ao mesmo tempo, existia a discussão de que as indústrias estariam falindo diante da abertura econômica que era uma forte concorrente das indústrias nacionais e assim não estaria ocorrendo simplesmente uma migração de indústrias para outros lugares, mas sim a desativação por falência, o ABC não teria mais indústrias, nem postos de trabalho, isso estaria caracterizando uma desindustrialização, pois para alguns estudiosos esse pode ser um processo presente em regiões industriais, as fábricas deixam de existir dando lugar a outras atividades econômicas. As transformações estão presentes no ABC, São Bernardo vem apresentando uma redução no número de indústrias e com esse trabalho fazemos o estudo dessa redução para compreender se houve uma desconcentração de indústrias, ou se elas deixaram de existir caracterizando a desindustrialização. Houve uma concentração de maquinários com a união de indústrias? Estudar a tecelagem Tognato nos dá abertura para compreender essas transformações e os conceitos acima citados nos ajudam nessa compreensão.

1.1 Concentração e desconcentração industrial

O estudo dos processos de industrialização e urbanização assim como de concentração industrial são essenciais para explicar a formação industrial do ABC Paulista. Por outro lado os processos de desconcentração industrial e de valorização urbana evidenciam-se nas transformações ali ocorrida principalmente do final do século XX.

Neste trabalho as questões centrais referem-se a compreensão das transformações ocorridas na Fiação e Tecelagem Tognato e no bairro Baeta Neves, em São Bernardo do Campo. O caso aqui estudado é exemplar da evolução desse espaço no período citado.

A Fiação e Tecelagem Tognato, instalou-se na região do ABC no início do século XX. O primeiro endereço foi em Santo André, próximo a tecelagem Ipiranguinha e outras indústrias, nas proximidades da ferrovia Santos-Jundiaí, no trecho do município de Santo

André onde haviam muitas indústrias têxteis. Posteriormente a tecelagem mudou para um terreno maior próximo ao bairro de São Mateus ainda no município de Santo André. Essa mudança resolvia o problema da falta de espaço para produção, mas afastou a tecelagem da proximidade da ferrovia e também de outras tecelagens. Depois, por um período de dez anos, a tecelagem retorna para as proximidades da estação ferroviária com um terreno maior, onde permaneceria da década de 1940 até 2005 quando muda para o bairro Baeta Neves em São Bernardo.

No momento de sua instalação no município de São Bernardo do Campo, a tecelagem se estabeleceu no bairro Baeta Neves pela presença de fatores importantes e necessários para seu funcionamento, como a abundância de água, aumento da área do imóvel da tecelagem com custo reduzido. Novamente a Tognato estava distante das indústrias e da ferrovia de Santo André, mas nos anos seguintes com o avanço do loteamento das antigas fazendas de São Bernardo, o bairro Baeta Neves, embora distante da ferrovia e de outras tecelagens e do município de São Paulo, contou com um aumento da atividade industrial com a chegada de novas indústrias têxteis e moveleiras, obedecendo a dinâmica da concentração industrial, promovendo uma concentração espacial da atividade fabril do município de São Bernardo.

O loteamento do Baeta Neves e a chegada da Tognato promoveram um aumento populacional. Que por sua vez proporcionou transformações espaciais. A concentração industrial se intensificou com a chegada de outras indústrias no bairro e no município. No Baeta Neves e suas imediações as novas paisagens mostram os galpões industriais e as residências operárias. Uma nova dinâmica do bairro passou a fazer parte da paisagem do lugar, a circulação de produtos interferindo na dinâmica do bairro através da circulação de trabalhadores e moradores.

A concentração industrial no Baeta Neves foi importante para a tecelagem Tognato, pois nos primeiros anos de funcionamento da tecelagem, depois que ela mudou para São Bernardo, todos os seus trabalhadores eram de Santo André, a tecelagem precisava fazer o transporte desses trabalhadores de Santo André até São Bernardo. Isso representava um custo para a Tognato, já que na época ainda não existia um sistema de transporte entre os bairros de São Bernardo e Santo André.

A instalação de outras indústrias e o crescimento no número de moradores no Baeta Neves contribuiu para que a tecelagem não precisasse mais fazer o transporte dos trabalhadores. A tecelagem Tognato também construiu algumas casas no Baeta Neves para os funcionários graduados. Com o tempo muitos trabalhadores da tecelagem, alguns eram antigos moradores de Santo André, também mudam para São Bernardo para estar próximo ao

local de trabalho garantindo sua permanência na tecelagem quando ela parou de fazer o transporte de trabalhadores entre os dois municípios.

Todo esse contínuo investimento de capital tinha por finalidade aumentar a escala de produção. Nesse processo, o capital transforma a necessidade em vantagem para seu processo de acumulação. De modo que o capital se beneficia com as forças e movimentos sociais de cooperação inerentes ao trabalhador e as usa tanto para executar uma recombinação técnica do trabalho na fábrica, quanto para reduzir os custos da produção e permitir uma possível variedade de processos de produção que, sem a cooperação, não seria possível. (SMITH. P. 177)

Analisando a Fiação e Tecelagem Tognato podemos perceber que ao longo de sua trajetória houve um processo de concentração. A saída da Tognato de Santo André para São Bernardo foi devido a necessidade de aumento do espaço produtivo o que resultou na concentração de capital. Para que o aumento desse capital fosse constante ela precisou reinvestir cada vez mais na compra de maquinários, meios de produção, transporte e até mesmo moradia de trabalhadores. Esse processo promoveu transformações espaciais para a tecelagem e para o bairro Baeta Neves e também transformações para a população que morava ou mora no bairro.

O processo de concentração caracteriza a industrialização moderna implantada na capital paulista e nos municípios a sua volta desde o início do século XX. Entre esses municípios está São Bernardo, integrando hoje a Região Metropolitana de São Paulo, cujas primeiras indústrias foram atraídas pelo baixo custo mobiliário e por incentivos fiscais, fatores que favoreceram a implantação industrial no município e na região do ABC.

Após a implantação das primeiras indústrias outras são atraídas para se estabelecerem nas proximidades das primeiras, garantindo o fornecimento de recursos necessários entre elas, ampliando o processo de concentração industrial. Do ponto de vista espacial, cinco ramos concentravam mais de 90% dos seus operários na Grande São Paulo: produtos farmacêuticos e veterinários, editorial e gráfica, metalúrgica, borracha e material elétrico; entre 70% e 90%, situavam-se nove outros ramos industriais.(NEGRI, 1996)

Portanto o conceito concentração ao abordar a aglomeração de atividades econômicas e industrial em uma determinada região nos dá elementos para discutirmos o crescimento industrial do município de São Bernardo do Campo, ao longo do século XX e compreender como ocorreu o desenvolvimento e a dinâmica do município dentro da região metropolitana de São Paulo no decorrer do final do século XX.

A concentração explica a aglomeração de uma determinada atividade econômica em uma região obedecendo a uma escala, esse conceito explica as transformações em São Bernardo do Campo parcialmente, já que o município é apenas uma parte da região metropolitana, portanto esse conceito nos permite refletir a formação de parte do parque industrial brasileiro, o de São Bernardo do Campo.

Por volta das décadas de 1970 e 1980 existe uma preocupação com a concentração industrial na Região Metropolitana de São Paulo. O governo estadual oferece políticas de incentivo à “interiorização do desenvolvimento” que afetará alguns bairros do município de São Paulo. A concentração industrial passa a apresentar desvantagens para trabalhadores e algumas regiões, pois ocorre uma redução do número de indústrias e também de postos de trabalho. Essa redução de postos de trabalho pode se dar por dois motivos: a união de uma indústria com outra remodela o processo produtivo com a modernização de maquinário, o que pode implicar na redução do número de trabalhadores necessários ou a indústria migra seu processo produtivo para outra localidade levando apenas alguns trabalhadores para essa nova planta produtiva como foi o caso da GM e Volkswagen que instalaram unidades no Vale do Paraíba.

A desconcentração que pode ser observada com a desativação de algumas indústrias do município. Essa desconcentração foi incentivado no final do século XX para solucionar problemas com custos de circulação e mão de obra.

O conceito de descentralização, por sua vez, não explicaria a transferência da tecelagem do bairro Baeta Neves para as proximidades da rodovia Anchieta, pois a descentralização seria a redistribuição de capital de uma determinada empresa, ou ainda, a descentralização das atividades de uma empresa dentro de uma região, de um país ou município. Geograficamente e economicamente a divisão do controle administrativo de uma empresa matriz e de suas filiais, resultam em descentralização do poder de controle econômico e administrativo. Portanto o conceito não explicaria as transformações ocorridas em nosso objeto de estudo, a Fiação e Tecelagem Tognato.

Não ocorreu fusão de empresas, a Tognato ao longo da sua trajetória não fez aquisição de outras tecelagens. O capital da tecelagem concentrou-se ao longo do século XX nas mãos da família, e seu processo produtivo permaneceu sempre unido em um mesmo lugar, portanto não houve descentralização do capital da tecelagem, descentralização do processo produtivo ou mesmo a descentralização do poder administrativo da tecelagem.

Partindo dessa problemática, os conceitos de desindustrialização e desconcentração nos parecem mais indicados para explicar esse processo pelo qual passou a Fiação e Tecelagem

Tognato e o bairro Baeta Neves no município de São Bernardo do Campo. Para tanto estaremos utilizando o conceito de desindustrialização como processo de transformação espacial e econômica de uma região industrializada em uma região sem indústrias. Nesse caso teríamos o desaparecimento das atividades industriais de uma região, que passa a contar com outros tipos de atividades econômicas, como por exemplo, o setor de serviços e comércio.

No entanto, o conceito desindustrialização por si só não pode também ser a explicação das transformações ocorridas na região em estudo, pois a desindustrialização designa um processo específico que vem ocorrendo em algumas áreas, espacialmente delimitadas, nas quais a atividade industrial perde importância em termos absolutos, mas para que essa transformação seja realmente designada por uma desindustrialização é necessário analisar as dimensões espaciais em que ocorrem esse processo.(RAMOS 2001)

Através dessa conceituação da desindustrialização podemos observar que a cidade de São Bernardo do Campo não passou por esse processo, pois ainda hoje existe a presença de muitas indústrias, mas em alguns bairros a desindustrialização pode ser um processo em desenvolvimento, portanto para a realização desse estudo podemos ainda utilizar um outro conceito, que será o de desconcentração.

Na capital paulista instalaram-se novos segmentos industriais, notadamente os de maior complexidade, que requeriam maiores economias de escalas, externas e de aglomeração. No entorno da capital – São Bernardo, São Caetano, Caieiras e Osasco – surgiram assentamentos industriais, em sua maioria ao longo do traçado da ferrovia que facilitava a importação de matérias-primas do interior de São Paulo e do exterior. (NEGRI, 1996.)

A discussão da formação espacial da fábrica é outro aspecto importante em nosso estudo, pois, as fábricas possuem uma organização espacial interna que extrapola seus muros, interferindo na produção do espaço fora da fábrica, essa extensão da fábrica torna-se ainda mais explícita quando sua localização compõe uma cadeia produtiva.

Segundo Manzagol, em um espaço com concorrência perfeita as fábricas devem se localizar a distâncias regulares, restringindo-se a competição aos limites das zonas, cuja extensão varia segundo o tamanho e a eficiência das unidades produtivas.

Essa organização das indústrias implica em uma organização espacial que atende a lógica das indústrias promovendo uma remodelação dos lugares e transformações da paisagem. Mas quando ocorre a redução do número de indústrias ou a redução dos galpões industriais também ocorre uma mudança espacial.

É importante observarmos que a partir do final do século XX as indústrias deram início ao processo de reestruturação produtiva, alterando a dinâmica produtiva e espacial no interior das fábricas, com extinção de pátios para estoque, compra de maquinários modernos com dimensões mais limitadas, extinção de “áreas de lazer” dos funcionários.

Com a revolução da tecnologia da informação foi implementado um importante processo de reestruturação no sistema capitalista a partir da década de 1980. Nesse processo, o desenvolvimento e as manifestações dessa revolução tecnológica foram moldados pelas lógicas e interesses do capitalismo avançado, sem se limitar às expressões desse interesse. O sistema alternativo de organização social presente em nosso período histórico, o estatismo, também tentou redefinir os meios de consecução de seus objetivos estruturais, embora preservasse a essência desses objetivos: ou seja, o espírito da reestruturação produtiva e econômica.(CASTELLS, 2005)

Essas mudanças, promovidas pela reestruturação produtiva implicaram em transformações espaciais internas, que extrapolaram as fábricas. O atendimento das necessidades atuais da dinâmica do capital extrapola o interior dos locais de trabalho, diversificando e expandindo as atividades e os tempos do fazer, impondo-se assim não só uma fábrica como os trabalhadores, transformando a sociedade, através das novas dinâmicas da produção; as cidades, pois a reestruturação implica em novas dinâmicas da produção com a circulação.(FERRARI, 2009)

Com a extinção dos pátios ou galpões para estoque parte das áreas que estavam ociosas ganham outras funções, no geral é vendida para outra indústria ou para uma atividade comercial, dependendo da localização em que se encontra. Na região do ABC, em especial, no município de São Bernardo do Campo, esse comportamento é muito presente no final do século XX e início do XXI. Muitas das indústrias que até meados da década de 1980 tinham grandes galpões para estoque, venderam a parte desses galpões que estava em avenidas de grande circulação para lojas, mercados e igrejas.

As “áreas de lazer”, que geralmente eram compostas de churrasqueiras, campos de futebol ou quadras foram desativadas para construção de estacionamentos ou venda da área para outras atividades.

A desativação do serviço de ônibus fretado, que transportavam os trabalhadores de suas residências para o trabalho e do trabalho para a residência, incentivou que os trabalhadores buscassem outros meios de transporte, para muitos a opção foi utilizar o serviço de ônibus coletivo municipal e intermunicipal, para outros trabalhadores a solução foi o uso carro particular, que resultou na necessidade de utilização do estacionamento da fábrica.

Até então esses espaços para estacionamento nas fábricas eram desnecessário, mas com essa nova dinâmica esse se faz necessário, o estacionamento para os funcionários que utilizavam e utilizam o carro particular para transporte, remodela o espaço fabril e também a dinâmica de circulação na região onde essas fábricas estão inseridas.

Podemos observar com esses dois exemplos, a redução do espaço da produção pela modernização do maquinário e a extinção das áreas de lazer. Por outro lado também é possível perceber que a organização espacial do interior da fábrica dita a organização espacial do exterior da fábrica. No caso das indústrias do ABC, e especialmente no município de São Bernardo do Campo, quando as linhas de ônibus fretados deixam de existir como um benefício prestado pelas indústrias, os trabalhadores dessas indústrias passam a se locomover de automóvel, promovendo um evento até então inédito nos municípios do ABC, o congestionamento nas primeiras horas do dia e no final do dia. Os primeiros horários da manhã ocorre o deslocamento dos trabalhadores de suas residências para o local de trabalho e no final do dia o deslocamento inverso, do trabalho para a residência.

Esse aumento no fluxo de automóveis na região e no município de São Bernardo do Campo gerou a necessidade de abertura de novas vias de circulação, com a construção de pontes, viadutos, ruas, avenidas, implantação de novas linhas de ônibus, que atinge apenas uma parcela da população, geralmente os operários, pois os trabalhadores do departamento administrativo, permaneceram com a utilização do veículo particular, já que o transporte público disponível apresentam desvantagens que são apresentadas como problemas que desestimula o uso do transporte coletivo.¹

Diante dessa dinâmica espacial, na qual a indústria influencia o local no qual esta instalada, ela também é influenciada por essa localidade, já que a mesma é composta por agentes sociais. A indústria impõe um ritmo ao bairro no qual se encontra pela movimentação de caminhões, de automóveis, pela emissão de poluentes, pela movimentação de trabalhadores nos seus arredores.

A Fiação e Tecelagem Tognato ao se instalar no município de São Bernardo do Campo, no bairro Baeta Neves trouxe novas dinâmicas para o bairro, que recebeu boa parte dos seus moradores por intermédio da tecelagem, já que muitos para não perder o emprego no momento em que a Tognato transferiu-se de Santo André para São Bernardo, compraram

¹ Embora esse não seja o nosso foco nesse momento é importante observar que no momento que uma parcela da sociedade utiliza-se do transporte individual para seu deslocamento residência-trabalho-residência e essa sociedade tem como uma das justificativas a má qualidade ou inúmeros problemas que afetam o deslocamento pelo transporte público, essa atitude implica transformações espaciais, já que temos aí o aumento do número de veículos circulando nas ruas e também a necessidade de reorganizar as vias de circulação de um município e região.

terrenos e construíram suas residências no Baeta Neves para estar próximo ao local de trabalho e também incentivados pela tecelagem a estabelecerem residências no bairro. A Tognato incentiva essa migração dos trabalhadores que moravam em Santo André para São Bernardo a partir do momento que a própria tecelagem constrói algumas casas no Baeta para alguns de seus funcionários, geralmente aqueles que estavam ligados a cargos de chefia da produção.

Com o passar dos anos a Fiação e Tecelagem Tognato desenvolveu-se conquistando um local de destaque dentro da atividade industrial têxtil do município e região. A tecelagem se transformou de uma pequena oficina em uma grande indústria. Essa transformação da Tognato expande-se além dos galpões e muros da fábrica, pois seus trabalhadores também se transformaram e promoveram transformações no bairro em que estava a tecelagem o mesmo bairro em que muitos estabeleceram suas moradias.

Os trabalhadores da Tognato ao mudarem seu local de moradia de Santo André para São Bernardo, nas proximidades da fábrica, foram atores importantes na formação do Baeta Neves, posteriormente com a chegada de novas indústrias na região, que por sua vez atraiu um maior contingente populacional proveniente de vários lugares de São Paulo e também de outros estados trazendo um aumento populacional dinamizou ainda mais a expansão do bairro, ocasionando novas dinâmicas sociais, pois agora, nessa nova fase marcada pela chegada das indústrias automobilística os moradores do Baeta não eram apenas tecelões ou moveleiros, eram também ferramenteiros, mecânicos, soldadores etc.. O deslocamento dos moradores não era mais apenas para a tecelagem ou as indústrias de moveis, eram também para as indústrias de automóveis, que promoviam esse deslocamento através de ônibus fretados que passam a circular pelas ruas do Baeta.

O Baeta Neves, passado cinquenta anos da chegada da tecelagem em nada se parecia com um bairro operário, as casas já não eram mais humildes e pequenas, na década de 1980 com a construção do shopping nas proximidades do bairro inicia-se o processo de verticalização do Baeta Neves, nos anos seguintes o bairro foi perdendo cada vez mais suas características de bairro industrial e de operários.

Essa nova fase do bairro Baeta Neves, que se inicia a partir dos anos 1980 contribuíram para as transformações da Fiação e Tecelagem Tognato, no final dos anos 1990 o imposto predial da tecelagem tornou-se inviável, já que houve a valorização da região na qual estava a tecelagem, isso a impulsionou para outra localidade. Dessa forma podemos notar que da mesma forma que a indústria molda o espaço interno e influencia o externo diante de

suas necessidades ela também pode se transformar devido as transformações espaciais e influencias externas, como foi o caso da Tognato.

Além das discussões acerca dos conceitos de concentração, desconcentração, industrialização e desindustrialização, é necessário também compreendermos a ideia de metrópole, urbanização e valorização do espaço urbano, pois a Fiação e Tecelagem Tognato esta inserida no bairro Baeta Neves, um bairro que pertence a um dos municípios que compões a região metropolitana de São Paulo. Através desses conceitos podemos compreender as dinâmicas estabelecidas no bairro Baeta Neves e no município de São Bernardo.

1.2. O Urbano e a Metrópole

O bairro e a cidade, possuem interesses específicos desde o momento da sua criação. O bairro Baeta Neves surge a partir do interesse em lotear uma grande propriedade particular, ao promover esse loteamento seu proprietário tinha interesse em ganhar dinheiro com essa venda, seu principal interesse não era o de fornecer um espaço para moradias, embora esse tenha sido o destino dos lotes vendidos, o projeto do loteamento foi direcionado para lotes residenciais, mas é necessário ressaltar que esse interesse era puramente capitalista, vender lotes para moradia diante da necessidade de espaços para tal, já que havia um crescimento populacional na região.

O modo como se dá a formação do bairro e da cidade são diferentes. Essa formação é marcada pelo modo como se constitui o sistema urbano, nesse sistema estão contidas as relações capitalistas no qual os espaços contem a relação entre valor de troca e a mobilização de riquezas. O bairro atende a lógica da cidade, assim o bairro é um território dominado que fica sobre as exigências de uma organização severa do território dominador, a cidade. A cidade se organiza e se protege para manter a dominação sobre os bairros. Organizando atividades do espaço urbano, suas ruas, seus bairros de acordo com os interesses da cidade. Esse conjunto tende a fixar uma estrutura imóvel. Diante disso resulta que a industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano pré-existente; ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas, aparentemente configurando o bairro e a cidade.(LEFEBVRE 1991).

Aparentemente a industrialização configura o bairro e a cidade porque aqui compartilhamos do pensamento do qual Lefebvre afirma que a cidade e o urbano, preexistem a industrialização. Essa última foi responsável por acentuar as contradições sociais urbanas,

no entanto o urbano, a cidade o bairro é anterior a indústria². Se tomarmos esse pensamento para avaliarmos a região do ABC, embora ele tenha sido caracterizado como região rural ou subúrbio de São Paulo, a partir do momento que seus primeiros municípios adquirem a emancipação e desenvolvem-se as primeiras cidades a atual São Caetano e Santo André, temos aí as relações urbanas que foram acentuadas no decorrer do século XX com a industrialização.

Com isso, o estudo do bairro da cidade e da indústria perpassa pela compreensão do urbano, do que é o urbano? Da sua constituição e suas particularidades históricas, sociais e geográficas. Será que a constituição urbana de São Bernardo e da metrópole paulista seria a mesma que temos hoje caso as condições geográficas dessa região e desses municípios que compõe essa metrópole fossem outra? Seguramente a constituição do urbano seria diferente do que temos hoje, portanto essa compreensão necessita de uma análise ampliada e detalhada, o qual implica em recorrer à filósofos, historiadores, sociólogos, geógrafos e economistas.

As transformações das cidades também não podem ser analisadas apenas como um progresso social, pois esse progresso que geralmente é atribuído as cidades, municípios e regiões, são caracterizado como investimentos em uma série de fatores que possibilitam as praticas capitalista de acumulação como exemplo, podemos pensar em: manutenção de transporte público, que possibilite o deslocamento e circulação social, asfaltamento de ruas, programas habitacionais, essas medidas e investimentos visam os interesses capitalistas. É necessário ao capital a garantia de sua circulação e para que tal aconteça é necessário que a cidade permita essa circulação, no entanto não podemos encarar aqui a cidade como uma entidade, a sua organização provém da ação social e governamental.

Segundo Botelho a cidade, antes de ser o local da moradia de seus habitantes, do local de lazer, do local de trabalho, é em si mesma, uma forma de acumulação de riquezas, que podem ser capitalizadas nos circuitos de capitais privados, pelas empresas que oferecem o serviço de transporte, pela empresa que oferece o asfaltamento das ruas, pela coleta do lixo residencial e etc. Trata-la sob esse prisma exige muitos pressupostos, dos quais, o primeiro é compreendê-la como cidade capitalista e, enquanto tal, circunscrevendo uma problemática própria.(BOTELHO 2007)

Para Lefebvre toda essa dinâmica que envolve a formação das cidades, seu desenvolvimento e suas transformações requer uma análise que não pode ser superficial. A cidade não é uma entidade descolada da sociedade que vive na cidade e a cidade. A cidade

² LEFEBVRE, H. O direito a cidade p. 05

sempre esteve em relação com a sociedade e com as relações sociais, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc) com sua história portanto ela muda quando muda a sociedade. A cidade constitui-se como mediadora contendo em si a ordem entre os interesses sociais, ela sustenta as relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução.(LEFEBVRE 1991)

A cidade, conceitualmente, constitui-se como a projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano. Assim sendo a cidade precisa ser compreendida pela discussão do urbano. Por outro lado, a discussão do urbano permeia a industrialização e a cidade, daí a necessidade de se compreender a cidade, sua formação, organização e as relações sociais que nela se estabelecem. Mas essa compreensão não é tão simples e exige muitos cuidados, de acordo com Lefebvre a compreensão do urbano, passa pela superação dos campos cegos existentes na busca do que é o urbano. Diante disso é necessário compreender o urbano, e a formação desse urbano e a constituição de sua paisagem.

De acordo com o pensamento de Lefebvre essa compreensão o urbano (o espaço urbano, a paisagem urbana), ainda não nos é de todo visível. O que vemos é simplesmente uma ideia pronta, formada, ou mesmo deformada, pela paisagem anterior que nos impossibilita de ver um novo espaço. O nosso olhar está viciado em observar o urbano pela magnitude das fábricas, pelas dinâmicas e monumentos configurados pela indústria. Há muito mais outras coisas que possibilitam compreender o urbano. Não se trata somente de uma ausência de educação para compreender o urbano, mas sim uma ocultação. O que olhamos, na verdade não enxergamos, não podem saltar do cotidiano, fabricado segundo as coações da produção industrial e do consumo dos produtos da indústria, para o urbano, que se libertaria desses determinismos e coações.(LEFEBVRE 1991)

A compreensão do urbano passaria então por um primeiro momento, no qual haveria o desmantelamento da ideia de urbano condicionado a indústria. A industrialização possui um importante papel para o urbano, no entanto um desses papéis é fabricar uma ideia de urbano ligado/condicionado a indústria, urbano esse que dedica-se a atender as necessidades industriais, que poderíamos compreender como, o urbano a serviço da indústria, no qual a sociedade que integra e interagem nesse espaço urbano encontra-se submetida a indústria pelo consumo industrial. Consumo esse que configura uma análise e compreensão do urbano apenas sob a perspectiva da indústria.

Para que esse conceito e compreensão do urbano seja reduzido a submissão da indústria reduz-se a análise do urbano e de sua paisagem à separação do campo e cidade, no qual o campo, o meio rural é a forma anterior do urbano, representado pela cidade, que configura-se como cidade ao romper com a paisagem rural, esse rompimento se daria com a indústria.

A dificuldade em compreender a realidade urbana se estabelece porque antes de nascer e de se afirmar, essa realidade

se vê reduzida, por um lado, pelo rural e a constituição de sua paisagem com seus subúrbios compostos por casas ajardinadas, os espaços ditos verdes e, por outro lado, pelo cotidiano industrial e sua paisagem constituída por moradias funcionais, as vizinhanças, as relações, os trajetos monótonos e obrigatórios, cotidianidade submetida às exigências e dinâmicas das empresas e tratada conforme a racionalidade e organização empresarial. Essa redução é ao mesmo tempo social e mental, de um lado, à trivialidade e, de outro, à especialidade. Em poucas palavras o urbano reduz-se ao industrial. A cegueira, o não-ver e o não-saber, implicam uma ideologia. Os campos cegos instalam-se na re-presentação. Há, de início, a apresentação dos fatos e dos conjuntos de fatos, o modo de percebê-los e de agrupá-los. Em seguida, há a re-presentação, a interpretação dos fatos. Entre esses dois momentos, e em cada um deles, intervêm desconhecimentos, mal-entendidos. O cegante (os conhecimentos que se adotam dogmaticamente) e o cegado (o desconhecido) são complementares na cegueira. (LEFEBVRE, 2004 p38,39)

Se tomarmos o pensamento de Lefebvre para compreendermos a formação de São Bernardo do Campo e em especial o bairro Baeta Neves, essa compreensão perpassa pela discussão do rural, pois o município de São Bernardo até meados do século XX caracterizava-se como região suburbana da cidade de São Paulo, também perpassa pela formação da cidade e da industrialização chegando assim ao urbano, portanto avaliar e observar a urbanização de São Bernardo unicamente pelo seu processo industrial nos colocaria diante da cegueira que nos é apontada pelo estudo de Lefebvre.

Para Lefebvre o espaço urbano é contradição concreta. Seu estudo, o entendimento de sua lógica e de suas propriedades formais nos direciona à análise dialética das suas contradições. O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Desse modo todo o espaço urbano traz em si esse possível-impossível, sua própria negação. De sorte que todo espaço urbano foi, é, e será, concentrado e poli(multi)cêntrico. A forma do espaço urbano evoca e provoca essa concentração e essa dispersão: multidões, acumulações colossais, evacuações, ejeções súbitas. O urbano se define como lugar onde as pessoas

tropeçam umas nas outras, encontram-se diante e num amontoado de objetos, entrelaçam-se até não mais reconhecerem os fios de suas atividades, enovelam suas situações de modo a engendrar situações imprevistas.(LEFEBVRE 2004)

A cidade a partir da industrialização transforma-se, cumpre o papel de controlar a produção rural e transformar essa produção. Dentro desse processo é necessário compreendermos que no caso de São Bernardo ocorre com uma complexidade específica, já que temos a transformação de um espaço que cumpria a função rural, fornecedor de produtos para a cidade de São Paulo, transforma-se no decorrer do século XX em uma cidade, que controla e transforma a produção rural, adquirindo também as características do urbano, concentrando em si suas contradições.

Compreender a formação da cidade de São Bernardo e seu processo de urbanização nos coloca diante das contradições do urbano e das possibilidades de cegueira na análise dessa cidade e de seus bairros. Já que a partir do crescimento da atividade industrial do município muitos de seus bairros passaram por profundas transformações.

Compreender que o espaço urbano é permeado por contradições, por concentrações e dispersões das multidões e das acumulações capitalistas, observar essas manifestações nos possibilita compreender as transformações no bairro Baeta Neves no município de São Bernardo, já que, o desenvolvimento do bairro deu-se de forma acelerada pela industrialização. Em uma visão superficial do processo de urbanização no município de São Bernardo e do bairro, poderíamos concluir que seu desenvolvimento deu-se a partir da industrialização, no entanto o município de São Bernardo e o Baeta Neves são anteriores a industrialização. Não podemos negar que o seu crescimento populacional e da produção econômica nas primeiras décadas deu-se por conta das indústrias, mas o município e o bairro não estão ou estiveram em processo de transformação unicamente em função da industrialização.

Se somente a industrialização explicasse a formação urbana de São Bernardo a partir dos anos 1990 o município passaria por um retrocesso no processo urbano? O Baeta Neves deixaria de se desenvolver? Nada disso ocorreu porque as transformações urbanas não estão submetidas unicamente a atividade industrial. A indústria impõe transformações no espaço, mas não é a responsável pela existência do urbano.

Analisar a urbanização partindo do processo de industrialização no bairro Baeta Neves ou mesmo de São Bernardo, estaríamos reduzindo todas as dinâmicas sociais e econômicas da cidade à atividade industrial. Diante disso poderíamos fazer o seguinte questionamento: se o

urbano só é possível apenas através da industrialização, com o desaparecimento das indústrias desapareceria o urbano? O que seriam (d)estas cidades urbanas?

A cidade, o bairro como manifestações do urbano não deixam de existir diante do desaparecimento das indústrias, elas transformam-se, as dinâmicas urbanas terá outras contradições que não a da indústria, pois as cidades e os bairros são compostos pela sociedade, sociedade a qual a gerou e a transformou através da suas relações sociais, econômicas e com as transformações espaciais promovidas para atender aos interesses da sociedade, que muitas vezes implica em destruir para reconstruir, criar novas centralidades gerando novas dinâmicas urbanas; com o crescimento e expansão do espaço urbano e todas as suas contradições para áreas ao seu redor chegando nos espaços anteriormente denominados de espaço rural.

A formação do município de São Bernardo e o desenvolvimento dos seus bairros compreende o processo de urbanização da cidade de São Paulo. Foi o desenvolvimento, o crescimento e expansão do município de São Paulo no decorrer do século XIX e XX que promoveu a expansão das relações urbanas e do urbano para os municípios vizinhos no decorrer do século XX. E continua a ser, agora início do século XXI, a metrópole paulista a influenciar nas novas dinâmicas urbanas de São Bernardo, pois a partir do momento em que começa a haver uma mudança no perfil do morador do município, ou de alguns bairros do município, essas mudanças não se remetem apenas aos moradores, mas as atividades econômicas da região do ABC, do município e do bairro, trazendo novas dinâmicas e contradições urbanas.

Este processo presenciados em São Bernardo estão ligadas as dinâmicas da metrópole e essas não são ditadas unicamente pela atividade industrial, mas sim por uma lógica da circulação, da especulação imobiliária e das empreiteiras responsáveis pela explosão do processo de verticalização das moradias.

A partir do momento em que o ABC e principalmente São Bernardo passam a representar uma alternativa para moradia de alto padrão e com um custo menor que a moradia em São Paulo, os bairros que poderiam abrigar essas moradias passaram por uma transformação lenta ao longo dos anos 1980 e 1990, com a valorização dos imóveis através do IPTU, que incentiva a mudança de fábricas, pois essas passaram a ter um aumento de custos com um imposto predial mais caro isso resultou na desativação de fábricas, implantação de

shopping no local onde estavam essas fábricas, remodelamento de ruas e avenidas, remodelamento ou criação de parques nas proximidades desses bairros³.

Por fim, o outro conceito que também se faz necessário para a compreensão das transformações da Fiação e Tecelagem Tognato e do bairro Baeta Neves é o conceito de metrópole. A cidade constitui-se em uma metrópole a partir do dado momento em que um conjunto de atividades específicas ligam-se umas as outras estabelecendo vias de acesso, que transformam-se em um fluxo produtivo, criando assim uma rede, ou teia de ligações, que são possíveis devido a uma série de fatores públicos e privados, como: transportes públicos, vias de circulação eficientes e rápidas, redes de comunicação, circuitos de segurança, centros comerciais, hospitais, escolas, bancos e espaços de lazer, um complexo que produz e reproduz a vida social e econômica.

Tal processo realiza-se em uma constante reprodução da cidade, que assume, neste momento histórico, a forma da metrópole. A nosso ver o termo “metrópole” revela um momento histórico do processo de reprodução da cidade, portanto não estamos diante de um novo processo, mas de transformações históricas no processo de constituição do espaço urbano. Assim, a noção de cidade ganha nova amplitude revelando-se em sua historicidade, aparecendo como categoria central da análise ao revelar a materialização do processo histórico de produção do espaço geográfico. Assim, do mesmo modo que em cada momento da história se produz um espaço, este revela, em cada momento histórico, uma cidade e suas possibilidades.(CARLOS 2001)

A metrópole aos nos revelar um processo de produção e reprodução da cidade também nos revela um processo de expansão dessa cidade a partir do momento em que implode novas centralidades dentro da cidade e também através do momento em que essa explode em um processo de expansão dos limites do crescimento da cidade dentro do município e além do município, criando assim a região metropolitana compostas por cidades, que alimentam a metrópole e interligam-se social e economicamente com a metrópole. Essa enquanto uma das formas extremas de urbanização polarizada, não pode mais ser entendida como uma grande cidade, mas sim, como região metropolitana, os complexos urbanos extravasam as cidades, superam a dicotomia cidade/campo, se conectam em múltiplas formas de interação. Múltiplos

³ Um dos motivos apontados pelos jornais para a desativação da Tognato no Baeta Neves foi justamente a tentativa de reduzir custos com IPTU, após a desativação da tecelagem houve uma transformação nas ruas, com um remodelamento. Mudanças como essas, que promoveram o aumento do valor dos imóveis e valorização dos mesmos pode ser observada no município vizinho, Santo André, que com a saída das indústrias da avenida Industrial houve o remodelamento de ruas, parques e expansão de condomínios de luxo no bairro e na avenida industrial.

controles dos espaços públicos e privados se distribuem entre novos agentes exógenos. Os problemas e soluções mudam de escala e diluem as divisas e fronteiras.(LAMPARELLI 1990)

Avaliando o desenvolvimento da cidade de São Paulo, sua concentração de atividades econômicas e sociais, ela supera e extrapola a condição de grande cidade, a princípio, com a criação de novas centralidades dentro do próprio município de São Paulo⁴, dando seqüência nessa expansão que exerce o controle e a interligação expande-se para municípios, que encontram-se a suas margens compondo a região metropolitana com uma escala ampliada das relações capitalista que anteriormente aplicava-se apenas a cidade de São Paulo.

A existência de centralidades novas centralidades na metrópole promove uma dinâmica na qual os bairros periféricos de São Paulo, que estão distantes do centro da cidade, do centro da metrópole paulista e mesmo dos municípios que estão a sua volta e compõe a metrópole paulista é um fenômeno urbano ditado pela necessidade de circulação, condição básica para as relações capitalista. Com a criação dessas centralidades todos nessa sociedade integram a metrópole mesmo não estando ou deslocando-se para o centro da metrópole.

Essa estruturação da região metropolitana compõe o espaço regional que é dominado pelo deslocamento das informações, da energia, do capital constante e das mercadorias em geral, inclusive a mercadoria força de trabalho, pois ocorre o deslocamento dos trabalhadores na metrópole. Nessa metrópole estrutura-se centros que estão em constante deslocamento de informações, capital e mercadorias em uma dinâmica que atende ao lugar. Esse lugar constitui-se pelos bairros periféricos da metrópole, pelos municípios que compõe a metrópole. Exatamente daí vem, por exemplo, o enorme poder estruturador intra-urbano das áreas comerciais e de serviços a começar pelo próprio centro urbano. Estruturação essa que possibilita a circulação e acumulação em toda a metrópole. Mesmo que os habitantes, em sua totalidade, não usufrua ou participe das dinâmicas do centro da metrópole usufruem e participam da metrópole através de suas centralidades espalhadas pela região metropolitana.(VILLAÇA 1998).

A compreensão do município de São Bernardo, ou mesmo dos demais municípios do ABC implica em analisar e avaliar esses municípios ou região como parte da metrópole paulista. Logo, suas transformações obedecem as dinâmicas da metrópole paulista.

A partir da segunda metade do século XX, desenvolvem-se novas relações capitalista, com um novo modelo de produção, a produção flexível, isso implica em novas dinâmicas na

⁴ Como exemplo dessas novas centralidades podemos destacar o papel dos centros que desenvolvem-se nas regiões suburbanas do município de São Paulo no decorrer do século XX como o da região de Santo Amaro, na zona sul e a Penha na zona leste.

metrópole e nas relações sociais, que se realizam na metrópole. As dinâmicas do desenvolvimento metropolitano já não são, hoje, tão decididamente monocêntricas, tão determinadas por um modelo singularmente polarizado de forças centrífugas e centrípetas, por um padrão de crescimento urbano que gira em torno do centro definitivo da cidade. A nova metrópole é crescentemente “descentralizada” e cada vez mais um mosaico de desenvolvimento geograficamente desigual sobreposto às lentas concentricidades e cunhas setoriais da clássica cidade capitalista industrial. A mistura das novas e velhas formas (visto que as velhas certamente não desapareceram) está hoje desafiando nossas definições convencionais de urbano, suburbano, exurbano e rural, obrigando-nos a repensar as premissas básicas da teoria e da análise urbanas.(SOJA 1994)

O município de São Bernardo como uma parcela da metrópole paulista, contém em si as contradições da metrópole, sua organização sócio, econômico e espacial. Contradições essas que são notadas na cidade e nos bairros da cidade. Diante disso a compreensão das transformações no bairro Baeta Neves a partir da presença da Fiação e Tecelagem Tognato a partir da sua desativação no final do século XX e início do XXI no bairro, marca o momento das transformações acirradas da metrópole que manifestam-se também nas localidades da região metropolitana.

A princípio, essa contradição se evidencia com a trajetória da tecelagem e a trajetória do bairro. O bairro desenvolve-se a partir da construção da tecelagem, a Tognato fazia parte da identidade do bairro e de seus moradores. A tecelagem com todas as suas características fabris distancia-se das novas configurações do bairro, ela já não é mais a identidade do bairro, quando esse desenvolve-se e transforma-se em uma nova centralidade da cidade de São Bernardo e da metrópole paulista.

2. A Industrialização brasileira e a industrialização do município de São Bernardo do Campo no ABC Paulista

A indústria nascente tende a se implantar fora das cidades. Esta não é, aliás, uma lei absoluta. Nenhuma lei é inteiramente geral e absoluta.

Lefebvre⁵

2.1 Industrialização brasileira no século XIX e XX

A indústria brasileira surge, inicialmente, com pequenas oficinas voltadas para a produção de tecidos, gêneros alimentícios e produtos de marcenaria. Essa indústria desenvolveu-se no decorrer do século XVIII e XIX, resistindo aos impedimentos impostos pela Inglaterra e Portugal através de decretos e do Tratado de Methuen⁶, que impediam a produção industrial no país e a compra de maquinários, que possibilitaria um maior crescimento da atividade industrial.

Só retoma seu crescimento efetivo a partir da segunda metade do século XIX, com investimentos do capital da economia cafeeira. Inclusive algumas dessas indústrias nascem ou desenvolvem-se com o objetivo de atender algumas necessidades emergenciais desta economia, como é o caso da indústria têxtil na região Sudeste, que desenvolveu-se para produzir vestimenta para a mão-de-obra escrava, e produção de sacarias, que substituiria a importação das sacarias de Juta, produto que, até então, era importado. Nesse período ganha destaque a indústria têxtil. (PRADO JR. 1942)

Este, novo modelo industrial, o têxtil, consegue esse destaque dentro da gênese da industrialização brasileira, devido a fatores econômicos, como o já citado acima e também devido aos interesses dos comerciantes de tecidos, em geral, ligados à importação e exportação desse produto, no qual, viram, o investimento na indústria uma forma de garantir acumulação de capital sem serem submetidos a grandes riscos, já que a indústria têxtil

⁵ LEFEBVRE, H. O direito a cidade. p. 07

⁶ BELATTO, Luis Fernando B. <http://www.klepsidra.net/klepsidra4/methuen.html> (10/04/09 - 15 horas).

brasileira não estava diretamente ligada ao mercado internacional, e não era dependente do mercado externo no que se refere à matéria-prima.(STEIN 1979)

O outro fator que garantiu o desenvolvimento da indústria têxtil no decorrer do século XIX foi o algodão, matéria-prima necessária para a produção de tecido. Essa indústria possuía uma produção muito rudimentar, seus tecidos não eram de boa qualidade. As primeiras indústrias voltadas para este produto foram fundadas na região do nordeste brasileiro, onde existia algodão em abundância, somente a partir do evolução da economia cafeeira desenvolve-se indústrias têxteis no sudeste do país.(STEIN 1979)

No momento da proclamação da República, o Brasil contava com 630 estabelecimentos industriais, que empregavam em torno de 54 169 operários. Sendo que 60% do capital encontrava-se investido na indústria têxtil, 15% na indústria alimentícia, 10% na indústria química, 4% na indústria de marcenaria, 3,5% na indústria de vestuário e 3% na indústria de metalurgia.(SHCLESINGER 1958)

No início do século XX, de acordo com o Censo de 1907, que foi realizado por iniciativa do Centro Industrial do Brasil aponta-se um número de 3 258 estabelecimentos industriais, com 151 841 operários, cerca de 33% na Capital Federal(Rio de Janeiro), 16% no estado de São Paulo, 15% no Rio Grande do Sul, 7% no Rio de Janeiro. Ganha destaque nessa produção industrial a indústria de alimentos, seguida pela têxtil. De acordo com esse inquérito a iniciativa nacional supria 78% das necessidades, cabendo 22% à importação. (IGLÉSIAS, 1994)

Alguns estudiosos como Felipe Pereira Loureiro e Warren Dean, apontam que os dados estatísticos sobre a indústria brasileira no século XIX e início do século XX não são confiáveis, pois ainda não existia um censo padronizado, alguns estabelecimentos industriais não foram incluídos por estarem em área rural ou por não ter um determinado número de funcionários. No entanto, aqui utilizamos esses dados encontrados para tornar visível, que entre o final do século XIX e início do XX foi um período importante para o crescimento do número de indústrias no Brasil.

Até as duas primeiras décadas do século XX, a indústria paulista estava se estabelecendo e expandindo lentamente a partir de pequenas oficinas, que ao encontrarem condições propícias, ampliaram sua produção passando da condição de oficina para indústria. Possuía, então, uma produção básica, a fabricação de vasilhames para produtos líquidos, tecidos de algodão (geralmente eram destinados à sacarias, e para roupas dos trabalhadores rurais e urbanos), moveis e doces. Nessa primeira fase a indústria não contou com um incentivo econômico que lhe possibilitasse um maior desenvolvimento. Só houve apoio para a

industrialização em sua segunda fase, que inicia-se após a década de 1920, quando a economia cafeeira começa a entrar em declínio. (DEAN. 1971)

Devido a industrialização ter se desenvolvido muito rapidamente durante o século XIX para atender necessidades emergenciais da economia cafeeira, a sua maior evolução aconteceu na região em que se concentrava a produção do café na região sudeste, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A grande expansão cafeeira de 1886-1897, promoveu um forte crescimento demográfico: a população do Estado de São Paulo, em milhões de habitantes, passava, de 800 em 1872, para 1,4 mil em 1890, 2,3 mil em 1900; daí até 1920, esse total seria duplicado, atingindo 4,6 milhões. A capital de São Paulo, crescia a ritmo ainda mais intenso: passava, de 31,4 em 1872, para 64,9 em 1890, para 239,8 em 1900 e 579,0 habitantes em 1920. Se no ano de 1872 a população da capital paulista equivalia apenas a 12% da população da Guanabara, em 1920 aquela cifra já crescia para 50%.” (CANO,1977)

Dentro desse processo de desenvolvimento da economia cafeeira destacam-se alguns fatores. O primeiro é que o estado de São Paulo foi largamente beneficiado por essa economia. Segundo, a construção da ferrovia Santos Jundiaí, que interligou a capital paulista ao Porto de Santos, principal porto para escoamento de mercadorias para outros estados brasileiros e também para outros países. Terceiro fator, foi a existência de mão-de-obra abundante. O estado paulista, contava com um grande exército de mão-de-obra devido a entrada de milhares de imigrantes europeus nas duas últimas décadas do século XIX.

Tanto no estado de São Paulo, como no estado do Rio de Janeiro, a economia cafeeira possibilitou o crescimento dos transportes, comércio e pequenas oficinas, que por sua vez gerou a necessidade de mão-de-obra para abastecer todos os setores produtivos ligados as atividades econômicas que estavam em processo de desenvolvimento. Segundo Dean, o estado de São Paulo acabou se destacando dentro desse processo devido a uma série de fatores políticos e geográficos. Nesse período, o porto do Rio de Janeiro cobrava uma taxa federal para as mercadorias nele desembarcadas, a qual tinha, por objetivo, a manutenção do porto, ao contrario do porto paulista, que era de propriedade particular e não existiam tarifas por desembarque de mercadorias e oferecia condições melhores que o porto carioca. Isso incentivou muitos importadores a abrir filiais em São Paulo, incentivando a ampliação da economia paulista e da malha ferroviária.(DEAN 1971)

A partir do momento em que amplia-se o número de casas importadoras no estado de São Paulo, desenvolveram-se condições que favorecem o aumento de capital, que possibilitou

o investimento na indústria nascente, bem como a continuidade na expansão da ferrovia que havia se iniciado com a Santos-Jundiaí.

Ao longo da ferrovia desenvolveram-se pequenos núcleos habitacionais, alguns datam do período da construção da ferrovia, que tinham por finalidade abrigar os trabalhadores envolvidos na construção da mesma, como é o caso da Vila de Paranapiacaba, ou vilas que desenvolveram-se pela existência de oficinas para a manutenção da ferrovia, como é o caso da Estação São Bernardo.

Muitas dessas oficinas de reparos para a ferrovia desenvolveram-se passando a produzir peças e objetos antes importados, as oficinas moveleiras, oficinas de ferragens, pequenas tecelagens e pequenas padarias, que posteriormente transformaram-se em indústrias do ABC Paulista, tiveram sua origem nesse período e incentivaram o desenvolvimento da região que, hoje, constitui parte da Região Metropolitana de São Paulo.

A implantação de indústrias ao longo da ferrovia não é uma particularidade do ABC, as indústrias paulista de modo geral estabeleceram-se também nos terrenos próximos a ferrovia Santos-Jundiaí até meados do século XX, aproveitando a facilidade de transporte, de matéria-prima, provenientes de outras regiões brasileiras e de outros países; o escoamento dessa produção para outras regiões brasileiras e também para a exportação.

Outro fator considerável neste processo de ampliação das indústrias brasileiras, sobretudo paulistas, deu-se pelo advento da Primeira Guerra Mundial(1914-1918). Nos anos em que ocorreu essa guerra os produtos consumidos no Brasil que eram provenientes da Europa, como tecidos e maquinários cessaram, fazendo-se necessário a produção de maquinário nacional e ampliando o consumo dos tecidos nacionais que, até então, não tinham grande popularidade com todas as camadas da sociedade brasileira.

Desse modo, a Primeira Guerra Mundial representou uma grande oportunidade para as nascentes indústrias nacionais. A interrupção dos suprimentos de além-mar eliminou a competição estrangeira e muitas novas indústrias foram instaladas para preencher o hiato e mesmo para suprir mercados externos. Elementos adicionais que fortaleceram a disseminação de empresas industriais foi o efeito inflacionário das finanças no período da guerra, ampliando o poder aquisitivo e os lucros – obtidos, durante esta fase, pela navegação, comércio e manufatura – aplicados na criação e expansão de empresas industriais. Criaram-se durante a guerra, 5936 novos estabelecimentos industriais e o valor da produção industrial cresceu de 212% entre 1914 e 1919. (BAER 1979)

No entanto, o período da Primeira Guerra Mundial não trouxe apenas vantagens para a industrialização brasileira, ela também trouxe problemas, pois a indústria nacional até esse

momento dedicava-se a produção de bens de consumo não-duráveis, isso implicava na necessidade de importação de produtos de consumos duráveis que ainda não eram possíveis de serem produzidos nacionalmente, diante disso a guerra provoca um problema de difícil solução em alguns setores, já as indústrias nacionais não tinham como fazer a aquisição de maquinários necessários para a produção industrial que necessitava.

Após o período de guerra, a partir dos anos 1920, a indústria brasileira inicia um processo de estagnação do crescimento produtivo, isso devido a retomada da produção e exportação das indústrias dos países que até então estavam com sua produção inativa e debilitada.

Devido a retomada das exportações dos países europeus que provocou uma freada na produção industrial brasileira voltada para a exportação. Essa estagnação deu-se devida ao fato do Brasil não possuir condições técnica o bastante para competir com os produtos importados, os bens produzidos no país eram caros e de qualidade inferior se comparados com os americanos e europeus. Estes últimos começaram a se tornar novamente disponíveis no início do período pós guerra, logo que as indústrias européias foram inteiramente reconstruídas.

A estagnação do início da década de 1920 foi superada com um forte investimento em indústrias já existentes e em novos setores, marcando um processo de diversificação na produção manufatureira, nesse período o setor industrial passou a contar com indústrias de fabricação de cimento, de ferro gusa, ferramentas elétricas, motores elétricos, máquinas têxteis, equipamento para refino de açúcar, implementos agrícolas etc. (SUZIGAN 1986)

Muitas dessas novas indústrias de produção de maquinários, como tear para indústria têxtil, por exemplo, foram se desenvolvendo a partir de pequenas oficinas de manutenção, que no período de guerra devido as dificuldades de importação de equipamentos passaram a produzi-los a partir de cópias daqueles já existentes no Brasil. Essa pratica permaneceu mesmo com o término da guerra por pressão das indústrias têxteis, que encontraram nessas oficinas de reparo a solução para a aquisição de novos teares sem depender da importação de maquinários e todos os custos que essa importação implicava.(CANO, 1977)⁷

Na história da Fiação e Tecelagem Tognato, verifica-se a preferência por esta aquisição de teares copiados. Os ex-funcionários da tecelagem entrevistados no decorrer desse

⁷ Essa informação sobre a cópia de maquinários principalmente de teares por setores de mecânica nas indústrias brasileiras no início do século XX foram citadas por todos os ex-funcionários da Fiação e Tecelagem Tognato que foram entrevistado para essa pesquisa. No caso da Tognato, existia um setor de mecânica com um engenheiro mecânico que cuidava e orientava não só na manutenção de teares como também na confecção de novos teares a partir da cópia de modelos importados mais modernos.

estudo nos informaram que a Tognato garantiu, por muito tempo, a ampliação do número de teares através da cópia de modelos importados.

Na década de 1930, a indústria brasileira sentiu os efeitos da crise econômica mundial, que se alastrou sobre o mundo devido a quebra da bolsa de Nova York, no entanto, o efeito dessa crise não atingiu a todos os setores industriais, estudos referente ao período nos revela que a indústria têxtil em alguns de seus segmentos não foi tão abalada no ano de 1929, com o Crack da Bolsa.

Nos anos 1930, através de leis que incentivavam a produção interna e a redução das importações a indústria recupera-se do declínio inicial e apresenta um crescimento significativo, com o desenvolvimento de indústrias ligadas a produção de energias, bens de produção, automobilística e mecânica.

A primeira indústria automobilística a se instalar no Brasil foi a General Motors. Em 1927, inicia-se a construção dos galpões no qual seriam produzidos os carros da empresa, marcando uma nova fase da industrialização brasileira e sobretudo para a região do ABC Paulista.

Depois do ano de 1933, a indústria paulista, tomaria novos rumos, crescendo a uma taxa anual média de 14% entre 1933 e 1939, contra 11,2% para o conjunto do Brasil. Ao longo do período de 1928 até 1937, o número de estabelecimentos da indústria de transformação do estado de São Paulo salta de 9,6 mil para 14,3 mil, o de operários também apresenta um crescimento significativo, de 158,7 mil aumenta para 253,3 mil, o que representa um crescimento anual de 5,3% . (NEGRI, 1996)

Na década de 1950 o governo brasileiro incentiva ainda mais a industrialização e a modernização industrial criando subsídios que atraíam novas indústrias internacionais para o Brasil. No final da década, foram oferecidos proteções às empresas estrangeiras do setor automobilístico, que se instalasse no país, além da oferta de infra-estrutura, de uma mão-de-obra barata e de um mercado interno em expansão, baseado principalmente no intenso investimento estatal no transporte rodoviário. (BOTELHO 2007)

Na década de 1950 e sob o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira foram criados incentivos governamentais, tais como crescimento do setor de energia, construção de estrada, desenvolvimento da indústria siderúrgica, que atraíram capital externo para a expansão industrial através do Plano de Metas⁸ (1956-1960). As metas estabelecidas

⁸ No começo do seu governo J.K. apresentou à população brasileira o Plano de Metas, que tinha por lema “cinquenta anos em cinco”. Com esse plano pretendia desenvolver o país o equivalente a cinquenta anos de desenvolvimento em apenas cinco anos de governo, no período do seu mandato. O plano consistia em

favoreceram principalmente a indústria automobilística e segmentos industriais ligados ao setor automobilístico, esses incentivos também estenderam-se a outros setores produtivos de forma indireta, possibilitando um período de crescimento e desenvolvimentos das atividades industriais brasileira.

Nas décadas seguintes, o Brasil amplia a sua participação no mercado mundial, favorecendo-se de políticas econômicas internas e externas como a criação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), que inicialmente concedia empréstimos às estatais e também às empresas privadas possibilitando o aumento da industrialização brasileira⁹.(SUZIGAN, 1989)

Esses incentivos contribuíram para a expansão da indústria paulista para outras localidades além do município de São Paulo escolheram, portanto os locais que estavam próximos as rodovias que interligavam a capital com o Porto de Santos, como foi o caso dos municípios de São Bernardo do Campo e Diadema. Esses municípios apresentaram ao longo do século XX um crescimento intenso da atividade industrial, que na primeira metade do século concentraram-se nas proximidades da ferrovia Santos-Jundiaí nos municípios de Santo André e São Caetano, mas que na segunda metade do século se expandiram para os municípios de São Bernardo e Diadema devido a construção de rodovias Anchieta e Imigrantes, que possibilitavam a circulação dos capitais industriais.

No decorrer da década de 1960, a produção industrial brasileira passou por um curto período de crise, com uma recessão iniciada em 1963 que permaneceu até 1967. Isso ocorreu diante da redução da taxa de crescimento da formação bruta do capital fixo, que estavam ligados ao pacote de investimentos, públicos e privados dos anos 1956/1957. Além disso, somam-se outros fatores ligados a políticas governamentais de 1961, que propunha o controle da remessa de lucros, redução do subsídio para importações de bens de capitais, redução de créditos públicos e a política de estabilização do novo governo. (CANO 1977)

Os primeiros três anos da 1970 significou um período de crescimento industrial para o Brasil, principalmente as indústrias automobilísticas e de eletrodomésticos, marcados não só por um significativo crescimento da produção e do emprego industrial, como também pelo desenvolvimento de uma estrutura industrial integrada, que se apoiou no processo de substituição das importações, que havia se iniciado na década de 1950, no momento em que a

investimento em áreas consideradas prioritárias, na época, para o desenvolvimento do país, como infra-estrutura (rodovias, hidrelétricas e aeroportos) e incentivo a industrialização. Foi no governo de JK que muitas montadoras internacionais se instalaram na região do ABC.

⁹ Na década de 1990 o BNDE passa a ser denominado BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

economia nacional apresentou um crescimento acentuado da capacidade produtiva do setor de bens de produção e de bens de consumo duráveis. (LEITE, 2003)

A década de 1980 não conseguiu o mesmo desempenho do início dos anos 1970. A indústria brasileira apresentou um crescimento muito reduzido se comparado com a década anterior. Isso se deve em parte a uma série de fatores como: mudança nas políticas nacionais voltadas para a produção industrial com a redução dos incentivos governamentais, necessidade de desenvolvimento tecnológico para modernização do parque industrial brasileiro e mudança do modelo de produção fordista/taylorista pelo modelo japonês de produção flexível.

No fordismo, a organização do trabalho se apoia em dois pilares: o taylorismo que é uma organização científica do trabalho que procura a racionalização dos movimentos dos trabalhadores na separação cada vez mais nítida entre os responsáveis pela concepção e organização da produção (engenheiros e técnicos) e por outro lado, os operários, esse novo sistema apareceu no início do século XX. O segundo pilar do fordismo é a mecanização do trabalho. Esse sistema tornou-se eficaz porque padronizou a tarefa do trabalho individual, possibilitando a produção em massa, promovendo uma revolução no processo produtivo. No entanto, a partir da década de 1980, esse modelo torna-se ultrapassado diante do toyotismo, que recebe esse nome porque a fábrica Toyota foi a primeira a implantá-lo. Consiste na flexibilidade produtiva. A produção e todo o sistema produtivo se adapta as flutuações do mercado consumidor isso acarreta a flexibilização da organização do trabalho.

O parcelamento das tarefas do modelo fordista já não eram mais suficientes. As operações essenciais dos operários passaram a ser, por um lado, deixar as máquinas funcionarem e, por outro, preparar os elementos necessários a esse funcionamento de maneira a reduzir ao máximo o tempo de não-produção. Assim, rompe-se a relação homem/máquina. O trabalhador torna-se flexível operando várias máquinas ao mesmo tempo, a produção fica mais enxuta e o espaço físico da fábrica também, já que essa não necessita mais do estoque. Ela só produz o necessário para abastecer as “prateleiras” do mercado (GOUNET, 1999)

A modernização e a transformação da produção industrial, trouxeram sérias consequências para a produção industrial, para a economia e para a sociedade brasileira, gerando uma estagnação econômica que se arrastou no decorrer dos anos 1980. Essa crise da indústria brasileira trouxe uma pressão para o crescimento das exportações, isso implicava em colocar as indústrias brasileiras em patamar de igualdade com as indústrias internacionais, necessitando assim de novos padrões de produção e qualidade. Esse fato foi responsável, ao mesmo tempo, pela busca de inovações tecnológicas, que visavam aumentar a eficiência das

empresas e pelas políticas repressivas de gestão do trabalho por formas menos conflituosas, que permitissem às empresas contar com a colaboração dos trabalhadores na busca da qualidade e produtividade. Esse acordo era vital para as indústrias brasileiras nesse período em que o movimento sindical crescia rapidamente e contava com um grande número de operários dessas indústrias. (LEITE, 2003)

A partir de 1985, o governo brasileiro, mais uma vez, se volta para a atividade industrial, traçando estratégias para retomar o crescimento da produção. Entre 1985 e 1987 o Estado procurou orientar o desenvolvimento da indústria. Nesses três anos ele formulou diversas estratégias na política industrial por órgãos do governo federal. As quais, enfatizavam, essencialmente, a necessidade de atingir níveis mais elevados de produtividade e aumentar a eficiência da indústria, sob um padrão de crescimento que visasse tanto à inserção competitiva no mercado internacional quanto à ampliação no mercado interno. Para isso, seria necessário, a modernização da estrutura produtiva e a capacitação científica e tecnológica nacional. Entretanto, nenhuma delas chegou a ser colocadas em prática o que nos revela a falta de consenso entorno das metas estabelecidas e a falta de articulação entre o Estado e a iniciativa privada, comunidade e instituições acadêmica e outros segmentos da sociedade. Esse insucesso contribuiu de forma decisiva para a ocorrência de uma nova recessão no final da década de 1980. (VERSIANI. & SUZIGAN 1990)

As medidas tomadas pelo governo no final da década de 1980 e decorrer da década de 1990 visavam atender os interesses do capital, reforçando as inovações do modelo japonês com o esfacelamento dos sindicatos e das organizações dos trabalhadores por melhorias das condições de trabalho e salário.

As transformações visavam a recuperação da expansão industrial para garantir o acúmulo de capital, já que o setor industrial brasileiro estava perdendo espaço nas exportações de seus produtos industrializados para aqueles países que já haviam iniciado ou concluído seu processo de modernização do parque fabril. A modernização do parque fabril implicava em aquisição de maquinários e consequentemente na redução do número de mão-de-obra já que essas indústrias após a modernização e reestruturação passaram a utilizar de robôs. Isso confirma-se com os anos de 1990 quando inicia-se com uma nova fase das indústrias com a efetivação da reestruturação produtiva e modernização do parque industrial. Promovida pela abertura da economia brasileira e um crescente incentivo às importações de produtos, que visavam a modernização da indústria.

Esse processo de intensa abertura às importações estavam combinadas: a valorização da taxa de câmbio, eliminação de controles administrativos, redução de tarifas e a

possibilidade de financiar importações em melhores condições do que as vendas internas. Assim, a participação das importações no consumo aparente total passou de 4,5% em 1989 à 19,3% em 1998. Esta entrada efetiva das importações foi especialmente significativa nos produtos baseados em ciência e de fornecedores especializados, nos quais chegou a 39% do consumo aparente em 1998, assim como os produtos de alta tecnologia, onde passou de 9% a 34% do consumo aparente no período 1989/1998. (EBER 2000)

Dentro desse panorama histórico da industrialização paulista esta inserida a industrialização de São Bernardo do Campo e do ABC. A presença da indústria nesse município e região foi moldada ao longo da história da industrialização, marcando transformações industriais, sociais, econômicas e espaciais ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. A atividade industrial em São Bernardo do Campo e no ABC será detalhada nos próximos capítulos; e constituem-se um dado fundamental para a compreensão da Fiação e Tecelagem Tognato e do bairro Baeta Neves.

2.2 A mudança do cotidiano do ABC

Até meados da década de 1990 era muito comum entre os moradores do ABC e das regiões vizinhas ao procurar emprego dirigir-se de porta em porta das fábricas da região. Deixavam seus currículos, que eram uma espécie de formulários, vendido em papelarias e preenchido a mão, ou dirigiam-se para àquelas fábricas que o amigo ou vizinho informou que estaria admitindo funcionários, lá preenchiam uma ficha com seus dados. Também existiam dias específicos da semana para que as pessoas fossem em busca desse emprego ou entregar seus currículos, todos na região, que trabalhavam, sabiam os melhores dias para conseguir um emprego era entre segunda e quarta-feira, sendo que as maiores possibilidades estavam concentradas na segunda-feira.

As fábricas, eram muito presentes no dia-a-dia da sociedade de São Bernardo assim como em toda a Região Metropolitana de São Paulo. Fazia parte do cotidiano das pessoas de Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema¹⁰ se orientarem pelos apitos das indústrias. Isso se evidenciava no último dia do ano, quando chegava meia noite do dia 31 de Dezembro quase todas as fábricas da região ligavam suas sirenes anunciando a chegada do novo ano. As indústrias ainda são importantes para o ABC bem como para a Região Metropolitana de São Paulo, no entanto, essas indústrias não estão mais tão visíveis, aparentes, como antes.

Também era comum nas fábricas de São Bernardo e demais municípios a existência de jardins. Geralmente eram grandes, bem cuidados, com bancos e ficavam a mostra para quem passasse pelas ruas; existiam também áreas de lazer com campos de futebol ou quadra e quiosques onde os funcionários passavam parte do horário de almoço ou faziam campeonatos nos finais de semana.

Um exemplo deste cotidiano industrial é a tecelagem Tognato, nela possuía uma área de lazer na qual existia um campo de futebol com vestiários, que também servia para a realização de bailes e jardins bem cuidados na entrada da fábrica.

Início do século XXI muita coisa mudou na região do ABC. Os desempregados procuram emprego em Agências de Emprego, não se dirigem mais as portarias de fábricas, pois quando vão até essas para entregar currículo são informados de que devem se dirigir a uma agência. Os “melhores” dias para a procura do emprego também já não são mais os

¹⁰ Embora a região atual do ABC compreenda outros municípios além dos quatro citados, esses que não o foram como, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra nunca abrigaram um grande número de indústrias, de modo geral funcionam como municípios dormitórios.

mesmos, pois agora todos os dias são “bons”, nas bancas de jornais, é possível encontrar à venda listas das agências de emprego dos municípios do ABC.

Ninguém mais se orienta com as sirenes das fábricas, elas também não soam no último dia do ano marcando a chegada do novo ano. Alias é muito raro se escutar a sirene de uma fábrica nos bairros que ainda abrigam atividades industriais de São Bernardo. Elas silenciaram uma após a outra. Quando passamos em frente a algumas dessas indústrias ficamos com dúvida se elas ainda estão em atividade, pois até mesmo o barulho das máquinas que escutávamos estando da rua já não existe mais.

As áreas de lazer foram abandonadas, no antigo campo da Tognato existiam árvores, quando realizamos a primeira visita em 2005, que em nada sugere que ali existiu um campo, os jardins são raros, muitos foram transformados em jardineiras entre uma vaga e outra de estacionamento para automóveis. Os trabalhadores das fábricas não possuem mais o transporte fretado oferecido pelas indústrias¹¹. Estes transporte fretado consistia na locação de ônibus pelas empresas, que transportavam seus trabalhadores no deslocamento residência/fábrica e fábrica/residência.

Os ônibus fretados passavam todos os dias nas imediações da residência dos trabalhadores e iam coletando os mesmos levando-os para as fábricas nas primeiras horas da manhã.

Entre cinco e sete horas da manhã os ônibus transportavam os operários, no horário das sete e meia até as nove da manhã transportavam os trabalhadores do escritório. A mesma movimentação desses ônibus também estavam presentes no período da tarde, a partir das quatro da tarde iniciava-se a movimentação dos ônibus transportando os trabalhadores de volta às suas residências.

Com a redução do transporte fretado e em algumas empresas chega ao fim esse modelo de condução para trabalhadores. Agora, precisam utilizar o transporte público ou particular para se deslocar entre trabalho e casa. Para permitir essa nova modalidade de transporte dos funcionários às fábricas eliminaram boa parte do jardim transformando-os em estacionamentos.

Essas transformações, desativação de indústrias, redução dos imóveis industriais e transferência de indústrias para outras regiões aconteceram de forma acentuada na década de

¹¹ Esse transporte fretado não desapareceu totalmente, mas as empresas, que ainda oferecem esse serviço reduziu muito, as que ainda utilizam esse sistema de modo geral são as grandes indústrias para os funcionários que trabalham em turnos que o transporte público coletivo não está disponível, os turnos da madrugada. Também é importante ressaltar que a existência de ônibus fretados que circulam no ABC continua a existir, mas com um novo modelo, no qual o serviço prestado é contratado pelo trabalhador e não mais pela empresa.

1990, no entanto precisamos compreender como as indústrias se estabeleceram nos municípios da região do ABC, seu desenvolvimento no decorrer do século XX para finalmente explicarmos as transformações da década de 1990.

Para compreendermos essas transformações tomamos como estudo a análise de uma indústria têxtil e do bairro no qual ela estava: a Fiação e Tecelagem Tognato inserida desde a década de 1940 no bairro Baeta Neves, que pertence ao município de São Bernardo do Campo. Essa indústria manteve-se em atividade durante todo o século XX, gerou empregos e rendimentos para o município, mas a partir do final do século XX e início do XXI reduziu seu número de trabalhadores e posteriormente transferiu-se para uma área menor nas proximidades da rodovia Anchieta, até que foi desativada por um processo de falência em 2005. Processo esse que estaremos nos dedicando em analisar detalhadamente nos próximos capítulos.

A desativação dessa indústria no Baeta Neves no final da década de 1990 nos chama a atenção devido as transformações que ocorreram em São Bernardo e na região do ABC nesse período, algumas fábricas desapareceram outras migraram para outras localidades do município, para o interior do estado ou mesmo para outros estados. As instalações das indústrias desativadas ganharam novos ramos de atividade econômicas e sociais, como shoppings centers, igrejas, redes de supermercados, trazem também a mudança de perfil dos trabalhadores de São Bernardo, bem como uma nova dinâmica urbana para os municípios do ABC.

Como já abordamos anteriormente, os municípios do ABC Paulista tornaram-se conhecidos nacionalmente a partir da metade do século XX com a implantação das indústrias ligadas ao setor automobilístico, que promoveram o crescimento do número de indústrias e consequentemente gerou o aumento populacional.

Os municípios do ABC geraram muitas oportunidades de emprego com salários atrativos ao longo dos anos 1960, 1970, mas a partir do final da década de 1970 com as políticas de arrocho salarial inicia-se o movimento grevista que reivindicava o fim do arrocho salarial trazendo para o ABC mais uma imagem simbólica para compor a história dessa região. A região do movimento operário, que nos anos 1980 funda o Partido dos Trabalhadores e tem como seu principal representante o sindicalista Lula, atual presidente da república brasileira, Luiz Inácio Lula da Silva.

O ABC inicia a década de 1980 como uma região industrializada e uma região que possui um movimento operário organizado, essas duas características do ABC são muito importantes para compreendermos o processo industrial nas duas últimas décadas do século

XX, já que a partir da década de 1980 inicia-se a preocupação de modernização da indústria brasileira para concorrer com as indústrias de outros países, o que implicava em uma redução do número de funcionários nas fábricas, modernização que teve como consequência a redução de postos de trabalho, essas mudanças estavam sendo acompanhadas de perto pelos sindicatos da região, que exigiam a manutenção dos empregos mesmo com a reestruturação produtiva.

Esse processo de mudanças rumo à reestruturação produtiva iniciou-se timidamente na década de 1980 provocando uma crise que permaneceu até final da década de 1980. A partir dos primeiros anos da década de 1990, com o início de uma nova política econômica, que resultou na abertura da economia brasileira para a entrada de produtos e empresas estrangeiras houve o incentivo às importações e modernização do maquinário industrial promovendo o avanço na reestruturação e modernização do processo fabril¹². Este alterou a dinâmica industrial do Brasil e consequentemente do ABC, da sua sociedade e o perfil do trabalhador.

A reestruturação produtiva consiste em um conjunto de transformações técnicas, econômicas e sociais iniciada após a década de 1970 como um reflexo da crise econômica que atingiu aos países levando a substituição do modelo de produção fordista pelo modelo flexível(toyotista).

Desenvolveu-se, essencialmente, na órbita microeconômica, esta relacionada as transformações estruturais da produção e do trabalho, pode ser observada sob dois aspectos. Em uma primeira ótica setorial, na qual se expressa pela reorganização e reconversão de setores industriais, que caracterizam-se pela realização de grandes investimentos nos setores de tecnologia voltada para informática, química fina, novos materiais, biotecnologia e telecomunicações; pela modernização de setores mais dinâmicos como automobilístico, máquinas e equipamentos e petroquímica; pelo declínio de setores tradicionais como siderurgia e têxtil. Em segundo, refere-se ao processo de trabalho, no qual ela concentra-se na adoção de um novo paradigma tecnológico e organizacional, com a introdução de novas tecnologias de base microeletrônica (automação informatizada) e a introdução de novos padrões de gestão/organização do trabalho (o modelo flexível), acompanhados por um processo de individualização das relações estabelecidas entre capital/trabalho, com o conseqüente enfraquecimento dos sindicatos.(FILGUEIRA, 1997)

Com a reestruturação produtiva ocorreu a modernização do maquinário industrial houve a redução tanto do espaço utilizado pelas indústrias como também o número de postos de trabalho nessas indústrias, pois muitas fizeram aquisição de robôs que dispensavam a

¹² CARLEIAL, L. VALLE, R. Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil. São Paulo, HUCITEC-ABET, 1997

presença de operários, ou aquisição de maquinários modernos que exigiam um menor número de operários para manuseá-los.

3. São Bernardo do Campo e a região do ABC

3.1 A formação do ABC

A formação dos caminhos que passam pelos municípios do ABC para quem parte do porto de Santos em direção ao município de São Paulo e vice-versa contribuíram, de forma fundamental, para o desenvolvimento da região do ABC, para a formação dos municípios dessa região e de sua população tais como estão. Permitiram também a formação de pequenos núcleos populacionais com estabelecimentos comerciais – casas de pouso e cocheiras – que atendiam a todos viajantes que por esses caminhos passavam.

No final do século XIX com a implantação da ferrovia, que ligava o porto de Santos a São Paulo, criou-se um novo caminho para chegar a capital. A ferrovia Santos-Jundiaí corta os atuais municípios de Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires, Mauá, Santo André e São Caetano.

Essa ferrovia foi de grande contribuição na formação e desenvolvimento dos municípios do ABC, sobretudo aqueles que são cortados por ela. Nesses municípios desenvolveram-se pequenas oficinas, que forneciam reparos para o trecho da ferrovia que passava pelos atuais municípios de São Caetano e Santo André e outras atividades que abasteciam a população que aí viviam para o trabalho da linha férrea e também o município de São Paulo com hortaliças, vegetais, frutas, madeiras, tijolos, móveis e, posteriormente mão de obra.

Atividades essas que foram se desenvolvendo ao longo da ferrovia pela facilidade que encontraram para transportar seus produtos, que abasteciam a capital paulista, ou acesso as matérias-primas importadas necessárias às oficinas locais que chegavam pelo porto. A ferrovia desde o final do século XIX constituiu um importante fator atrativo para a implantação industrial na região, a principio atendendo a economia cafeeira, seguida da indústria têxtil e posteriormente a uma diversidade de atividades industriais de segmentos variados.

A implantação da ferrovia implicou também na promoção de transformações ao longo do seu percurso, pois como já nos referimos a pouco, ela atraiu a atividade industrial e também a formação ou expansão das vilas suburbanas da cidade de São Paulo, que

posteriormente emanciparam-se e deram origem a novos municípios. Outro fator importante é que esse novo sistema de transporte impôs a redução e conseqüentemente o fim do transporte das tropas, tão frequente nos relatos sobre a atual região do ABC no período anterior a ferrovia.

A ferrovia foi importante para os municípios pelos quais ela passa. Santo André e São Caetano apresentaram um crescimento muito intenso nas primeiras décadas do século XX devido as facilidades proporcionadas pela linha férrea. No entanto, os caminhos coloniais tornaram-se novamente importantes no século XX, já que foram transformados em rodovias e importantes avenidas estabelecendo a ligação dos municípios que estavam distantes da ferrovia, como São Bernardo e Diadema, com São Paulo e o porto de Santos.

Somente na década de 1950, quando houve a construção de duas importantes rodovias estaduais, que ligam São Paulo a Santos, a rodovia Anchieta, que atravessa o município de São Bernardo do Campo e a rodovia Imigrantes, que atravessa o município de Diadema¹³, esses dois municípios apresentaram um crescimento da atividade industrial considerável, já que as duas rodovias possibilitavam uma facilidade na circulação dos produtos das indústrias através do transporte rodoviário¹⁴.

A construção dessas autoestradas, representaram a intensificação da relação extra regional, possibilitando a interligação entre as cidades que compõe a Região Metropolitana de São Paulo. Proporcionando um tráfego intenso que garantiu a rapidez da circulação e a implantação de novas indústrias, já que ao longo dessas novas rodovias existiam uma grande quantidade de terras propícias a implantação de indústrias. Vantagens que não poderiam ser proporcionadas por rodovias comuns, que possuíam seus arredores com poucas áreas disponíveis para esta industrialização local. (LANGENBUCH, 1971)

A circulação na região do ABC é muito importante para compreendermos suas transformações, pois se no passado elas foram responsáveis pela concentração populacional e de atividades industriais, gerando empregos e riquezas para a sociedade local e brasileira, no presente momento essas vias de circulação continuam sendo importantes e estão interligadas

¹³ No caso do município de Diadema, a implantação da Rodovia dos Imigrantes, não funcionou exatamente como atrativo para atividades industriais, pois quando a rodovia foi finalizada muitas indústrias já haviam se estabelecido no município. No entanto essa rodovia cumpre um importante papel na circulação da região, já que encontra-se paralela a Rodovia Anchieta, desviando dessa forma o transporte e tráfego das empresas de Diadema da circulação pela Anchieta.

¹⁴ É importante observarmos que o transporte rodoviário tornou-se muito mais intenso nessa região do ABC do que o transporte ferroviário no decorrer do século XX. Para tanto é interessante observar que a distribuição no Brasil dos carros montados e fabricados pelas indústrias automobilísticas da região são realizados através de caminhões cegonhas e não pelo Porto de Santos.

no processo de transformação da região do ABC paulista, sobretudo no município de São Bernardo do Campo.

Mapa1- Localização do ABC na Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: IBGE/EMPLASA – Compêndio Estatístico São Bernardo do Campo 2008

S/Escala

Mapa 2- Localização de São Bernardo do Campo na Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: IBGE/EMPLASA – Compêndio Estatístico São Bernardo do Campo 2008

S/Escala

3.2 A formação e transformação social do ABC

No século XIX, com o início da imigração européia para suprir as necessidades de mão de obra da produção cafeeira paulista, houve um aumento crescente da população paulistana dando origem, ao longo da primeira metade do século XX, à núcleos de povoamento, que posteriormente dariam origem aos sete municípios que compõem a região do ABC paulista.

A população do ABC inicialmente era formada por indígenas que lá viviam e escravos que trabalhavam nas fazendas dos beneditinos com a produção de tijolos e cultivo de produtos alimentícios que eram comercializados para o município de São Paulo, posteriormente, por volta da segunda metade do século XIX chegaram imigrantes europeus, sobretudo italianos e espanhóis.(MARTINS, 2002)

Essa população é constituída por pessoas de cor branca (cerca de 90%), não apenas brasileiros, mas também estrangeiros (24.218 em 1950), pois nessa região se concentram cerca de 4% dos imigrantes que vieram para o estado de São Paulo. Embora não tenhamos dados numéricos específicos e detalhados, é sensível o predomínio de brasileiros de origem italiana, em toda a região em estudo, o que é perfeitamente explicável, em virtude da instalação de núcleos de colonização, conforme já referimos. Mas ao longo do século XX passou a receber migrantes de todas as regiões brasileiras.(PIMENTEL, 1997)

Inicialmente os imigrantes europeus se estabeleceram no atual município de São Caetano do Sul e na vila de Paranapiacaba (local onde foi construída uma vila para implantação da ferrovia no trecho da serra), houve a construção de casas e organização de uma vila para os migrantes, que ali foram estabelecidos para a realização dos trabalhos na ferrovia e posteriormente manutenção da mesma, mas todos os demais que chegaram à região após 1890 não contaram com esse planejamento ou oferta de moradias.

O fluxo migratório para os municípios da região foi incentivado pelas oportunidades de empregos ofertados pelas indústrias que se instalaram na região, principalmente ao longo da ferrovia e das antigas estradas que ligavam o porto a capital paulista. Grande parte dos migrantes nacionais eram provenientes do nordeste brasileiro. (PENTEADO, 1958)

Na primeira década do século XXI a região do ABC conta com uma população de 2.529.876, segundo dados do IBGE. O crescimento populacional da região ainda é marcado pela migração, mas não é um fluxo com a mesma intensidade que recebeu no passado.

Essa população ao se estabelecer na região dos atuais municípios do ABC formou um considerável exército de trabalhadores que atendiam a demanda das indústrias do ABC e também da capital paulista. Isso porque a partir de meados do século XX o trem possibilitava a mobilidade dos trabalhadores entre o subúrbio e São Paulo.

Na segunda metade do século XX os trabalhadores do ABC tornaram-se conhecidos pelo movimento dos operários do ABC. Eles reivindicavam melhores condições de trabalho e melhores salários em pleno regime da ditadura militar. Esses operários também tiveram um papel importante na década de 1980 sendo um dos grupos que lutou pelo fim do regime de ditadura e pelo processo de redemocratização brasileira.

Através da organização sindical os trabalhadores da região do ABC fortaleceram e organizaram-se em greves que geraram posteriormente homens que atualmente fazem parte da política nacional e regional, como é o caso do atual presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva e o prefeito de São Bernardo do Campo Luis Marinho, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

O ABC hoje é composto por uma diversidade populacional que contribuiu para a formação e transformação do mesmo. O operário, que por várias décadas configurou o perfil do trabalhador do ABC e da região, cedeu lugar para o operador de telemarketing, o vendedor, o balconista, a operadora de caixa, o vigilante de segurança privada e recepcionistas das empresas de prestação de serviços e lojas de departamentos. Mas isso não quer dizer que o operário no ABC tenha desaparecido, no entanto é notável a redução de postos de trabalho no setor industrial e a configuração de um novo modelo de trabalhador nos municípios do ABC.

Os moradores do ABC, até meados do século XX, dedicavam-se a atividades nas oficinas de móveis e indústrias têxteis, que tornaram-se importantes para a economia e crescimento da região. A partir da chegada das indústrias ligadas ao setor automobilístico muitos trabalhadores das antigas indústrias têxteis e moveleiras migraram de função, deixaram as tecelagens ou indústrias de moveis e foram para o trabalho na indústria automobilística, em busca de empregos com melhores salários.

Segundo o depoimento do senhor Airton Rodrigues, ex-funcionário/aposentado da Tognato, *“um tecelão nosso ganhava mais que um ajustador, um torneiro lá na Volks ou ajudante. Depois, lógico, a indústria automobilística desenvolveu muito e eles começaram a ganhar mais que nós e começamos a perder muitos empregados nossos pra eles”*.

A indústria automobilística quando se instalou no município de São Bernardo do Campo e no município de São Caetano após algum tempo passaram a ser as empresas que

ofereciam as melhores remunerações, benefícios para seus funcionários, condições e salários que as antigas indústrias da região não podiam oferecer como nos descreveu o senhor Airton.

No entanto isso não significa que o trabalhador do setor têxtil ou moveleiro desapareceu dos municípios da região do ABC; nem todos migraram para as novas funções e indústrias que apareceram na região. Houve a redução ou mesmo desaparecimento dos mestres tecelões e dos mestres moveleiros do ABC devido as mudanças no processo produtivo tanto da indústria têxtil quanto da indústria moveleira, mas as funções de tecelão, marceneiro e montador de móveis continuaram existindo.

Nos dias de hoje o setor têxtil vem se mantendo com uma produtividade e oferta de emprego razoável, a maior oferta de emprego no setor têxtil da região do ABC está ligada a indústria automobilística¹⁵, pois os carpetes e estofamentos utilizados na indústria automobilística são produzidos pela indústria têxtil, garantindo a estabilidade econômica e dos empregos no setor por fornecer material para a indústria automobilística. Já os demais ligados a fabricação de produtos domésticos, para cama, mesa e banho e o setor têxtil vestuário também estão presentes na região, embora não seja muito perceptível, já que constituem-se em sua maioria de pequenos estabelecimentos ou cooperativas que reúnem costureiras, que trabalham em casa na confecção de roupas para indústrias maiores. Mas mesmo esse setor vestuário, apresentou uma redução de produção constante, tendo como consequência a redução dos postos de trabalho no ramo têxtil.

A reestruturação produtiva e a modernização do maquinário alteraram as técnicas de produção promovendo transformações no mundo do trabalho implicando em mudanças importantes para os trabalhadores do ABC, principalmente os tecelões. Na primeira metade do século XX a atividade de mestre tecelão era uma profissão de status na sociedade, pois era um ofício que exigia habilidade, domínio de técnica e muitos anos de experiência trabalhando na produção têxtil. As tecelagens primavam por seus mestre tecelões pois a existência desses profissionais eram muito escassa. Com o passar dos anos, ainda na primeira metade do século XX, o número de tecelões habilitados aumentou, no município de São Paulo, isso se deve ao aumento da quantidade de indústrias têxteis e, também a existência de curso de formação têxtil através do SENAI. As tecelagens do ABC não puderam contar com um curso técnico de tecelão nos SENAI da região, seus tecelões adquiram a experiência através da própria tecelagem. Os garotos entravam como ajudantes de pequenos serviços nas tecelagens e com o passar dos anos iam aprendendo o ofício.

¹⁵ Depoimento feito em Julho de 2009 pelo senhor Edmundo Campanaro, membro da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil de São Bernardo.

Nas últimas décadas do século XX, a figura do mestre tecelão, ou do tecelão começou a desaparecer do cenário do trabalho no ABC. As tecelagens continuam a existir, mas o tecelão com sua valorização e status que existia na primeira metade do século XX não existe mais. Essa mudança está ligada as transformações do modo de produção. A reestruturação implica em reorganizar a forma de produzir para aumentar a produção e diante disso o tecelão dá lugar ao operador de máquinas, esse último não precisa ser especialista para desempenhar essa atividade, só é necessário que tenha conhecimento de manusear máquinas que produzem os tecidos.

Quando o trabalhador da indústria têxtil passa de tecelão para operador de máquina, ocorre uma transformação significativa, não sendo especialista, não dominando todas as etapas da produção têxtil não há a necessidade de valorização do trabalho o que implica em uma redução do salário dos trabalhadores da indústria têxtil. Portanto desaparece a figura do mestre tecelão e o status de tecelão.

Em estudo do meio realizados no Sindicato do Tecelões de São Bernardo e Diadema, no município de São Bernardo para realização das investigações que resultaram nesse trabalho encontramos a oportunidade de conversar com trabalhadores das tecelagens da região sobre a oferta de emprego e salários. Suas falas sobre seus empregos e desempenho de suas atividades na indústria têxtil (ligada ao setor automobilístico), era restrita a operação de máquinas. Quando questionados se essas máquinas eram de fazer tecidos? Máquinas de tear? Respondiam que é a máquina que faz a manta do carro, ou a máquina que faz o tapete do carro. Diferentemente dos ex-tecelões, que mesmo tendo trabalhado nessas indústrias têxteis ligadas ao setor automobilístico se referem as “máquinas” como teares¹⁶.

Na atualidade, início do século XXI, a população do ABC economicamente ativa, ainda vem ocupando postos de trabalho nas indústrias, mas a maioria ocupa funções nas empresas de prestação de serviços e comércio da região. Na tabela 1 é possível percebermos que houve um grande crescimento da quantidade de empresas prestadoras de serviços.

¹⁶ Essa informação foi obtida informalmente com conversa enquanto aguardava um dos dirigentes do Sindicato. Foram escutados dois rapazes e duas moças que haviam sido demitidos e estavam no Sindicato para participar da homologação da demissão.

Tabela 1 - Distribuição das pessoas ocupadas por ramo de atividade e média salarial da RMSP

Ramo de Atividade	Ocupados - %			Salários em R\$		
	1997	2000	2007	1997	2000	2007
Indústria	22,8	22,5	21,5	1.778,00	1.537,00	1.283,00
Comércio	17,4	16,1	15,9	1.288,00	998,00	884,00
Serviço	50,7	52,4	54,1	1.574,00	1.378,00	1.109,00

Fonte: Compêndio Estatístico 2008, PMSBC.

Na década de 1990 a oferta de empregos do setor de serviços e comércio cresceram, representando uma aparente solução para o desemprego. O emprego industrial em 1997 pagava 27% a mais que o comércio e serviços, em 2000 essa diferença passa para 35% e em 2007 chega a 39%. Assim sendo, temos um crescimento dos postos de trabalho, mas também houve a redução dos salários pagos para os trabalhadores da região.

Para alguns economistas da região do ABC a saída das fábricas, ou a redução das atividades fabris em relação ao crescimento do setor de serviços e comércio é um significativo sinal de desenvolvimento e progresso para a região, pois esses setores estão promovendo um “embelezamento” do ABC e a recuperação dos empregos. Mas esses novos empregos representam as mesmas condições de trabalho oferecidas pelas indústrias?

Nesse processo de “embelezamento”, no qual as indústrias parecem desaparecer com a valorização dos shoppings como símbolo de desenvolvimento e modernização, desaparece também o operário, que é substituído por um novo perfil de trabalhador. Mas e os operários onde estão? desempregados? Quem paga e quem ganha com o crescimento do setor de serviços? Aparentemente as novas gerações, que trabalham em geral nesses novos postos de trabalho, são os beneficiados, mas se observarmos a tabela de Distribuição das pessoas ocupadas por ramo de atividade e média salarial da RMSP (Tabela 1) é possível notar que o salário do trabalhador da indústria é maior que o salário pago pelo setor de serviço e comércio, logo o trabalhador é quem está pagando pelo processo de “embelezamento”. Há uma maior oferta de trabalho nesse processo de embelezamento, mas juntamente com ele também há o empobrecimento dos trabalhadores. Assim sendo o setor de serviço e comércio foi benéfico para quem exatamente?

Para os otimistas dessa nova fase do ABC dos Shopping Center, redes de supermercados, empresas do setor de serviços e empreiteiras responsáveis pelas construções dos condomínios e empreendimentos, essas atividades econômicas são vistas como solução

para a redução dos postos de trabalho nas indústrias que foram gerados pelos processos de desconcentração e desindustrialização. Alguns desses novos postos de trabalho não tem a mesma remuneração que o trabalho industrial, outros inclusive promovem postos de trabalho instáveis com a consequente desvalorização de algumas atividades e dos trabalhadores, como é o caso das empreiteiras.

A partir do momento em que a construção de moradia, da loja, do restaurante ou qualquer outro tipo de imóvel passa a ser construído por uma empreiteira que se responsabiliza desde a compra de material de construção até a documentação do imóvel, reduz-se a demanda pelo trabalho de vários profissionais, como o pedreiro, que diante da “falta de trabalho” vai aceitar o emprego na empreiteira e o salário oferecido pela mesma. O salário da empreiteira não é equivalente ao rendimento do pedreiro autônomo, no entanto esse salário reduzido é oferecido a esse trabalhador como “seguro”, pois nunca lhe faltará trabalho, já que essas empreiteiras estão sempre iniciando novos projetos.

O “embelezamento” do ABC, não para por aí. Outras transformações estão ocorrendo para que esse processo seja contínuo e promova o “desenvolvimento” do ABC, como a promoção do turismo, dos parques bem cuidados nas proximidades de bairros nobres e com catracas (principalmente em São Bernardo, onde existem pelo menos dois parques onde a entrada é controlada por catracas, que nitidamente inibe a entrada de muitas pessoas por acreditarem serem esses parques privados).

Quando temos a saída de uma fábrica como a Black&Decker¹⁷ e a construção de um shopping center na antiga instalação dessa fábrica temos uma modernização da cidade e a geração de postos de trabalho, que podem inclusive substituir e ocupar um número maior de trabalhadores que antes não era possível com a fábrica. Mas o trabalhador da fábrica ao ficar desempregado terá um emprego no shopping? O salário, ou a média salarial dos operários da fábrica será o mesmo dos funcionários do shopping? Sabemos que a resposta para essas perguntas é não. Dificilmente o trabalhador da fábrica irá trabalhar no shopping, e aqueles, que por ventura venham a trabalhar no shopping não terão a mesma remuneração que possuía antes na fábrica.

Quando estamos pensando nas transformações do ABC através do estudo da Fiação e Tecelagem Tognato e do bairro Baeta Neves, não podemos deixar de refletir que as transformações espaciais afetam o indivíduo e a sociedade, pois o ferramenteiro da

¹⁷ Fábrica de ferramentas que estava instalada no bairro Jardim, próximo ao centro comercial do município de Santo André até meados da década de 1990. A fábrica foi transferida para o estado de Minas Gerais, instalando-se no município de Uberlândia.

Black&Decker provavelmente não ocupará o cargo de vendedor no shopping, o auxiliar de produção da tecelagem Tognato não ocupará um cargo nas lojas ou hospitais da avenida Pereira Barreto, pois esses operários não se encaixam no “perfil”¹⁸ do funcionário do shopping, das lojas e hospitais. É interessante notar que ocorre uma mudança até mesmo na denominação social que deixa de ser o trabalhador para ser o funcionário ou colaborador. Esses trabalhadores das fábricas só conseguiram empregos nessas novas atividades nos setores de manutenção e limpeza, cumprindo uma função de bastidores na qual o “perfil” não é um problema. Muitos deles continuaram vivendo no ABC, outros não mais devido as dificuldade de emprego.

Todos aqueles que afirmam que o setor de serviços e comércio é uma solução para o desemprego no ABC, encontraram nesse argumento uma explicação muito tênue, já que ela pode ser uma solução para o número de desempregados, mas desempregados jovens com um nível de escolaridade diferente dos antigos trabalhadores das fábricas do ABC, que em sua maioria possuía somente até a oitava série do Ensino Fundamental e algum curso do SENAI, no caso dos homens, e as mulheres, muitas só possuíam o Ensino Fundamental, e na maioria dos casos incompleto.

Essa mudança atende uma lógica do capital internacional no qual o setor de serviços não é uma alternativa efetiva e duradoura ao mercado de trabalho capitalista, mas cumpre um papel de funcionalidade ao incorporar parcelas de trabalhadores desempregados pelo capital. (ANTUNES, 2003)

As transformações observadas no bairro Baeta Neves estão dentro da lógica de reestruturação que não se restringe ao interior da indústria, no caso da Tognato elas - extrapolam as transformações internas a fábrica e promovem transformações espaciais no seu entorno. Quando os galpões da tecelagem são demolidos, quando prédios são erguidos no Baeta a transformação do espaço é notável, pois muda o tipo de construção, mas avaliar essa transformação apenas do ponto de vista físico é superficial, pois transforma-se também o tipo de morador do bairro, de trabalhador do local no qual antes estava a tecelagem.

É possível a todos observar que a paisagem do bairro Baeta Neves está mudando. As casas não são mais térreas, cobertas com telhas e com jardins. Também é possível notar, que a avenida Pereira Barreto, assim como boa parte de bairro Baeta Neves, é um grande canteiro de obras com prédios que semana após semana são construídos pelo trabalho constante dos

¹⁸ O novo perfil ao qual aqui estamos nos referindo são pessoas com menos de trinta anos, Ensino Médio completo, conhecimentos de informática etc. exigências que não eram primordiais para o emprego nas fábricas até a década de 1990.

pedreiros, funcionários das construtoras¹⁹. O tecelão não é mais uma figura presente na avenida Pereira Barreto, em seu lugar, por um período limitado a construção do condomínio, estão os trabalhadores da construção civil.

Segundo depoimento de moradores do bairro as transformações são muito rápidas como nos relata o senhor Airton Rodrigues *“Já tem uns 10 anos pra cá, o Baeta, você olha assim e fala, mas pera aí, não tinha ontem aí, como ele tá aí? Ta um sobe, sobe, aí, que você olha assim e tá tudo vertical”*.

Outra moradora do bairro que também nos fez um relato interessante foi a senhora Ada, dona de casa, que nunca trabalhou fora, nem seus familiares na Tognato, mas que mora no bairro há mais de trinta anos. Segundo ela o valor dos imóveis, segundo ela os mais valorizados do bairro são os imóveis maiores, aqueles que possuem um terreno grande; os imóveis como o dela, que só possuem espaço para um carro, são muito pouco valorizados, mesmo que estejam bem preservados.

As transformações observadas são espaciais, como a saída da fábrica, a construção de um condomínio no antigo terreno da tecelagem, mas elas também são sociais, o pedreiro, o porteiro, a faxineira, a recepcionista, o vendedor, o operador de telemarketing, o segurança, esses são os novos trabalhadores do ABC, muitos jamais trabalharam em uma fábrica, muitos jamais sonharam trabalhar em uma fábrica.

Assim como os trabalhadores e os postos de trabalho estão mudando no ABC seus moradores também. Segundo o senhor Airton Rodrigues *é uma outra faixa* (o nível social dos moradores dos prédios). *“Esses dos prédios estão fazendo aqui de dormitórios. Trabalham lá em São Paulo e dormindo aqui. Vem, só dorme, só tem a casa aqui, mas o emprego em São Paulo e provavelmente não na indústria”*.

¹⁹ Alguns dos moradores do bairro que foram entrevistados para essa pesquisa quando questionados sobre as transformações do bairro, apresentaram um sentimento saudosista dos tempos antigos do bairro, mas também encaram essas mudanças como sinal de progresso e valorização do bairro. No que se refere a verticalização muitos disseram que as mudanças ocorrem com uma velocidade vertiginosa, pois *“ao dormir olhamos pela janela e lá estão as casas de sempre e de repente ao acordarem há um prédio prontinho no lugar da antiga casa”*. Quase todos os entrevistados foram unânimes em dizer que a construção dos prédios é tão rápida que parecem que eles foram colocados no bairro da noite para o dia.

3.3 São Bernardo do Campo e sua constituição econômica

São Bernardo do Campo (Mapa 1) é o quinto município que mais contribui com o PIB do estado de São Paulo, ficando atrás apenas dos municípios de Campinas (4º), Barueri (3º), Guarulhos (2º) e São Paulo (1º). É um dos sete municípios da região do ABC, possui uma população de 801.580 habitantes com uma densidade demográfica de 2.410 habitantes por km². Seu território é de 408,45 km², está localizado na sub-região sudeste da Região Metropolitana de São Paulo (Mapa 2), corresponde a 49,4% da superfície do Grande ABC, 5% da RMSP e 2% do estado de São Paulo. 53,7% de sua área é protegida pela lei de mananciais.²⁰

O município possui um dos melhores desempenho econômico da Região Metropolitana de São Paulo e do ABC, seu PIB em 2005 foi de 19.448 milhões de Reais ficando entre os municípios que tem o maior Produto Interno Bruto em uma posição de destaque na região do ABC e na RMSP. Esse desempenho mantém-se no ano seguinte como podemos observar nas tabelas a seguir (Tabelas 2 e 3).

²⁰ Dados coletados no Compendio Estatístico do Município de São Bernardo do Campo do ano de 2008.

Tabela 2 - PIB dos municípios do ABC em 2005 (em milhões de reais)

Municípios	Valor	Posição		
		Grande ABC	Estado de São Paulo	Nacional
São Bernardo do Campo	19.448	1º	5º	13º
Santo André	11.427	2º	8º	22º
São Caetano do Sul	8.003	3º	13º	35º
Diadema	7.345	4º	14º	36º
Mauá	4.861	5º	19º	62º
Ribeirão Pires	1.141	6º	84º	257º
Rio Grande da Serra	239	7º	226º	906º

FIBGE – Compêndio estatístico de São Bernardo do Campo 2008.

Tabela 3 - Valor Adicionado, Por Setor de Atividade Econômica, e PIB Corrente dos municípios do Estado de São Paulo 2006 – Em Milhões de Reais

Municípios	Valor Adicionado				PIB
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total	
Total do Estado	14.217,09	203.547,21	456.765,82	674.530,12	802.521,69
1 São Paulo	19,91	54.428,48	181.192,94	235.641,34	282.852,34
2 Guarulhos	5,21	6.898,10	14.301,24	21.204,55	25.663,71
3 Barueri	-	3.360,51	17.504,84	20.865,36	25.483,66
4 Campinas	56,75	4.694,06	12.958,35	17.709,16	23.624,85
5 São Bernardo	4,54	7.288,99	9.397,13	16.690,66	20.572,08
6 Osasco	0,75	2.187,13	12.890,63	15.078,51	17.796,63
7 Santos	3,55	2.087,42	6.511,44	8.602,41	16.128,54
8 S.J. dos Campos	15,40	6.595,54	6.717,01	13.327,96	15.330,13
9 Santo André	1,28	3.629,07	6.443,38	10.073,72	11.674,56
10 Jundiaí	26,65	3.347,57	6.199,50	9.573,72	11.294,33

Fonte: Fundação Seade; IBGE 2006

Distribuição do PIB Paulista por Região Administrativa do Estado de São Paulo 2006 – GRÁFICO 1

Fonte: Fundação Seade; IBGE 2006

Essa posição de destaque do município de São Bernardo em relação aos demais municípios do ABC e RMSP é decorrente da concentração de diversas atividades econômicas dos setores da indústria, do setor mecânico, automobilística, alimentação, vestuário, têxtil, moveleira e mais recentemente das empresas do setor de serviço e comércio

Ao longo do século XX, o município de São Bernardo do Campo foi se constituindo e se transformando pelo crescente aumento do número de indústrias e atividades comerciais.

O aumento industrial acentuou-se entre os anos de 1950 e 1980, gerando durante esse período um intenso processo migratório populacional do interior do estado e de outras regiões do país, para o ABC. Essas pessoas vinham para procurar trabalho nas indústrias do ABC ou na capital paulista.

Quando ocorreu esse intenso processo migratório, muitos migrantes se estabeleceram nos bairros do município de São Bernardo do Campo, pois o custo com moradia era menor que no município de São Paulo, promovendo um aumento populacional de São Bernardo do Campo que resultou na expansão dos limites da área urbana e também valorização de alguns bairros como é o caso do Baeta Neves, bairro que compõe o nosso objeto de estudo.

O bairro Baeta Neves abrigou trabalhadores da indústria desde os anos 1940, a sua localização dentro da cidade de São Bernardo do Campo está entre duas regiões distintas do município, por um lado está muito próximo ao Paço Municipal, bairro Nova Petrópolis e ao

Jardim do Mar, conhecido na região por abrigar residências de alto padrão, centros hospitalares privados e também a antiga companhia cinematográfica Vera Cruz. Por outro lado, o bairro Baeta Neves também está nas proximidades de bairros carentes, como é o caso da Vila Triste, Jardim Farina e Irajá. Esses bairros formam favelas que se estendem até as proximidades da divisa com o município de Santo André.

Estando entre bairros com condições sociais distintas, o Baeta Neves expandiu-se tanto para as cercanias dos bairros ricos quanto para a cercania dos bairros pobres. Enquanto as construções de alto padrão se expandiram em direção ao Jardim do Mar, Nova Petrópolis e ao Paço Municipal, que compõem a região nobre do município de São Bernardo, houve também uma crescente expansão das moradias em direção aos bairros pobres, que estão próximos a divisa do município com Santo André, mas essa parte do bairro não contou com os mesmos investimentos, boa parte do Jardim Farina e Irajá constituem-se por construções ilegais formando vários núcleos de favela, com habitações precárias.

O marco divisor dessas duas realidades do Baeta Neves é a rua dos Vianas, para os moradores do bairro quanto mais próximo se está dessa rua, menores são as condições econômicas do morador e quanto mais próximo se está da avenida Pereira Barreto melhores são as condições econômicas do morador.

Os bairros Baeta Neves, Nova Petrópolis e Jardim do Mar encontram-se em volta do Paço Municipal, sendo que o único que não abrigou indústrias de grandes dimensões ao longo de sua história foi o Nova Petrópolis. O Jardim do Mar na primeira metade do século XX abrigou fábricas de móveis e o Baeta Neves abrigou indústrias de ramos variados com destaque para indústrias moveleiras e a Fiação e Tecelagem Tognato, que foi sua maior fábrica. Esses três bairros, Jardim do Mar, Baeta Neves e Nova Petrópolis, são os que apresentam as maiores transformações ao longo da década de 1980 e 1990, e a tecelagem Tognato encontrava-se localizada no limite entre esses bairros.

Através desses estudos procuramos compreender os fatores que contribuíram para as transformações espaciais na cidade de São Bernardo do Campo, sobretudo no bairro Baeta Neves. Perguntamos se essas transformações foram em decorrência da mudança da tecelagem Tognato na década de 1990? Ou essas transformações estão ligadas a redução da atividade industrial, verticalização na avenida Pereira Barreto, valorização dos imóveis e desenvolvimento de outras atividades econômicas, como o setor de serviços e comércio?

3.4 Baeta Neves, de “risca faca” à arranha céu

O bairro Baeta Neves (Mapa3), surgiu a partir do loteamento da antiga fazenda da família Baeta Neves, que era administrada por Luiz Felipe Baeta Neves – o dr. Baeta Neves, fazendeiro de Limeira. O loteamento da fazenda foi realizado pela companhia dos Pujol no atual município de São Bernardo do Campo, na década de 1920.

A propriedade do senhor Luiz Felipe Baeta Neves (que posteriormente deu origem ao bairro com o nome Baeta Neves) compreendia toda a área que hoje estão o Jardim do Mar, Chácara Inglesa, Vila São João, parte do bairro Rudge Ramos e o sítio dos Vianas. Nessa imensa propriedade havia a exploração de atividades agrícolas, uma fábrica de cerâmica²¹ e exploração de pedras para construção civil. (MEDICI, 1989)

Os primeiros moradores do bairro Baeta Neves eram funcionários das fábricas existentes no município, em sua maioria funcionários da Fiação e Tecelagem Tognato. Embora o loteamento tenha se iniciado na década de 1920 o bairro só apresentou um crescimento populacional a partir da instalação da tecelagem Tognato na avenida Pereira Barreto.

As moradias dos primeiros habitantes do Baeta Neves eram simples. Segundo depoimento do pesquisador Newton Ataliba Madsen, a vila Baeta na sua origem era formada por barracos de madeira, utilizadas para embalar as peças dos primeiros carros montados na cidade. As peças vinham de outros países, através do porto de Santos. Depois que as peças eram utilizadas pelas fábricas as caixas eram entregues para aqueles que delas possuísem interesse. Muitas pessoas utilizavam essas caixas para a construção de suas casas, portanto era muito comum ver barracos na vila Baeta com o símbolo da montadora VW²², ao longo do tempo os moradores construíram casas de alvenaria²³.

“Quando eu conheci o Baeta, a gente chamava isso aqui de “risca faca”, dava muita briga, depois foi melhorando, mas no começo era “risca faca”. Eu morava em Santo André e tinha uma namorada que morava aqui, não era minha esposa, era outra namorada, ela morava logo aqui embaixo e aqui era apelidado de “risca faca”. (Depoimento do senhor Airton)

²¹ Essa fábrica de cerâmica foi fundada por Luiz Felipe Baeta Neves, que posteriormente a vendeu para o grupo Simonsen e este por fim vendeu a mesma fábrica para o grupo Matarazzo.

²² Volkswagen

²³ Jornal Diário do Grande ABC, Santo André, 14 de julho de 1999.

O bairro Baeta Neves está localizado nas proximidades da Prefeitura Municipal, do centro comercial do município de São Bernardo e da divisa com o município de Santo André. Além de estar nessa localidade, que ao longo do século XX se tornou um local de concentração comercial importante para os moradores, a concentração e expansão comercial do centro, contribuiu para a valorização dos bairros próximos, como é o caso do Jardim do Mar e Nova Petrópolis. O bairro Baeta Neves tem um dos mais importantes corredores de ligação entre os municípios do ABC, a avenida Pereira Barreto²⁴, que atravessa o bairro.

São Bernardo do Campo não tinha a presença da ferrovia e seu desenvolvimento no século XX através dos caminhos pode ser notado pela construção da rodovia Anchieta, avenida Pereira Barreto e avenida Piraporinha. Como já citamos anteriormente, desde a década de 1950 quando a rodovia Anchieta entrou em funcionamento, muitas indústrias se instalaram nas margens ou proximidades dessa rodovia, contribuindo para a transformação do município.

No final da década de 1990 novas transformações surgem no município de São Bernardo, a explosão da construção de condomínios verticais para a classe média nos bairros próximos a região do centro comercial do município ou entre o centro do município e a rodovia Anchieta, o bairro Jardim do Mar.

O recente interesse da classe média paulista por residências na região do ABC, e sobretudo nos bairros próximos ao centro de São Bernardo está ligado a proximidade desses bairros com a rodovia Anchieta, que facilita o acesso ao centro da metrópole paulista.²⁵

A construção de habitações verticais para a classe média no município estabeleceu-se, sobretudo, em terrenos nos quais anteriormente existiam habitações térreas, o que podemos perceber é que essas habitações foram compradas por esses empreendimentos imobiliários e demolidas, em seu lugar foram construídos os prédios, que abrigam um novo tipo de morador, muito diferente dos antigos moradores que construíram as primeiras moradias do bairro, que eram operários da Fiação e Tecelagem Tognato e das demais indústrias do município.

²⁴ A região do ABC possui dois importantes corredores de ligação formado por avenidas que se interligam integrando inclusive parte do anel viário da Região Metropolitana de São Paulo. O primeiro corredor é formado pela seqüência da Avenida Eduardo Ramos Esquivel (Diadema), Corredor ABD (Diadema e São Bernardo do Campo), Avenida Lions (São Bernardo e Santo André), Avenida Príncipe de Gales (Santo André), Avenida dos Estados (Santo André, São Caetano do Sul e Mauá). O segundo corredor seqüencial de avenidas que interliga os municípios do ABC é formado pela seqüência: Avenida Eduardo Ramos Esquivel (Diadema), Avenida Piraporinha (Diadema e São Bernardo), Avenida Lucas Nogueira Garcez (São Bernardo), Avenida Pereira Barreto (São Bernardo e Santo André), Avenida Ramiro Colleoni (Santo André), Avenida Dom Pedro (Santo André), Avenida dos Estados (Santo André, São Caetano do Sul e Mauá)

²⁵ Esse interesse pelos bairros centrais que estão próximos a rodovia Anchieta tem promovido uma nova dinâmica tanto na rodovia quanto nas avenidas e ruas que dão acesso a mesma nas primeiras horas da manhã e da noite, o congestionamento de carros em direção ao centro da metrópole é cada vez mais crescente. Possibilitando a visualização desse interesse da classe média por bairros no ABC e em São Bernardo.

Os novos moradores são em geral pessoas que trabalham nos escritórios ou possuem empresas no município de São Paulo. Estabeleceram suas moradias na região do ABC e no município de São Bernardo devido ao valor dos imóveis, que é mais barato em comparação com imóveis do mesmo modelo no município de São Paulo.

A existência da rodovia Anchieta é um grande atrativo para essas pessoas, pois podem vencer a distância entre suas moradias e o trabalho rapidamente. Além dos novos habitantes no município também chegaram novos ramos de atividades econômicas e novos hábitos para a população de São Bernardo e do ABC. Esses novos hábitos produziram uma nova configuração da região e também uma nova imagem dos municípios do ABC.²⁶

²⁶ Essas novas configurações a princípio ocorreram com a construção de shoppings, empresas do setor de serviços e redes de supermercados, principalmente nas cidades de maior destaque na região do ABC, como é o caso de São Caetano, Santo André e São Bernardo. Além dessa configuração nova ligada ao comércio uma outra, que também está muito presente nestes primeiros anos do século XXI é a exploração do turismo com eventos, histórico e ecológico. Geralmente essa exploração do turismo está ocorrendo em áreas, que até então estavam em declínio de suas atividades, como é o caso da Vila de Paranapiacaba, que após a desativação do trem nesse trecho ficou parcialmente abandonada. No caso da área de Paranapiacaba a solução foi a criação do Festival de Inverno e Festival do Cambuci, que atrai turista da região do ABC e de outras regiões. O mesmo aconteceu no município de Ribeirão Pires com o Festival do Chocolate.

Mapa 3- Divisão dos Bairros de São Bernardo do Campo

Fonte: IBGE/EMPLASA – Compendio Estatístico São Bernardo do Campo 2008

S/Escala

A TOGNATO

4. A Fiação e Tecelagem Tognato no contexto da indústria têxtil brasileira

*A introdução do maquinismo transformou a existência dos tecelões, arruinando as famílias que viviam honesta e laboriosamente no campo, na proximidade das cidades, mas afastadas delas*²⁷.

4.1 Indústria têxtil brasileira

A indústria têxtil brasileira teve sua gênese por volta do final do século XVIII. Com pequenas unidades produtivas, e teares manuais, essas primeiras indústrias dedicavam-se a produção de tecidos grossos de algodão, geralmente tecidos que eram utilizados para produção da roupa de escravos.

O estabelecimento dessa indústria foi marcado por vários entraves legislativos, que por muito tempo impediu seu desenvolvimento e expansão. Primeiro entrave se deu a partir do alvará de 5 de Janeiro de 1785, que proibia a existência de fábricas na colônia e mandava fechar as que já existiam, com exceção das que produziam tecidos grosseiros e sacarias. Esse decreto impediu o desenvolvimento da indústria têxtil no Brasil no momento em que ela dava início a sua implantação, obrigando os brasileiros a comprarem os tecidos importados da Inglaterra, estando submetido aos valores impostos por esse país. A justificativa dessa medida era a manutenção da mão de obra na atividade agrícola, que representava a maior fonte de riqueza para o Brasil e para Portugal. Os produtos agrícolas, inclusive o algodão eram destinados a exportação para a Europa, abastecendo o setor manufatureiro da Inglaterra, França etc. (STEIN, 1979)

Em 1808, com o intuito de incentivar o desenvolvimento industrial no país, o príncipe regente D. João publicou o alvará que revogou o decreto de 5 de Janeiro de 1785, que proibia a existência de estabelecimentos de manufatura no Brasil²⁸. No entanto, esse alvará não

²⁷ LEFEBVRE, H. A cidade do capital p.10

²⁸ "Eu o príncipe regente faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover, e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciais dela as manufaturas, e melhoram, e dão mais valor aos gêneros e produtos da agricultura, e das artes, e aumentam a população dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistência a muitos dos meus vassallos, que por falta deles se entregariam aos vícios da ociosidade: e convindo remover todos os obstáculos, que podem inutilizar, e prestar tão vantajosos proveitos: sou servido abolir, e revogar toda e qualquer proibição, que haja a este respeito no Estado do Brasil, e nos meus domínios

atingiu seu objetivo, pois acordos estabelecidos entre Inglaterra e Portugal²⁹ provocaram o desestímulo do desenvolvimento da indústria nacional e do consumo de produtos nacionais, principalmente os produtos têxteis, já que os produtos ingleses entravam no Brasil pagando 15% de impostos e os produtos portugueses e das nações amigas pagavam 16%. Essa taxaço sobre os produtos importados desestimulava a importação de maquinários necessários para a implantação da indústria têxtil, ou mesmo modernização daquelas que já existiam no Brasil.(MELLO, 1983).

Após 1810, novos alvarás foram criados com o intuito de promover o desenvolvimento industrial brasileiro, e incentivar principalmente a indústria têxtil.³⁰ É provável, que este incentivo tenha resultado de uma espécie de desafio econômico à infiltração de mercadorias britânicas congêneres em solo brasileiro. (MELLO, 1983)

A indústria têxtil brasileira existe desde meados do século XVIII, a princípio, ela era muito rudimentar e tinha por finalidade a produção de tecidos pouco elaborados, geralmente destinados a vestimentas de escravos, como já citamos anteriormente. A existência dessa indústria no Brasil já no século XVIII foi possível devido a existência da matéria-prima, o algodão, e a facilidade em cultivá-la.

Essa matéria-prima, o algodão, foi muito importante para o desenvolvimento da indústria brasileira, sobretudo as indústrias de fiação e tecelagem. A princípio o cultivo do algodão desenvolveu-se no nordeste, pois o algodão é uma planta nativa dessa região do Brasil, daí a facilidade do cultivo e desenvolvimento dessa atividade agrícola que impulsionaria a indústria têxtil e posteriormente a industrialização brasileira.

As primeiras tecelagens brasileiras se instalam na região do nordeste pela proximidade da indústria com o fornecedor da matéria-prima, no entanto, o desenvolvimento de indústrias têxteis não ficou restrita ao nordeste, desenvolveram-se também fiações e tecelagens na região

ultramarinos, e ordenar, que daqui em diante seja o país em que habitem, estabelecer todo o gênero de manufaturas, sem excetuar alguma, fazendo os seus trabalhos em pequeno, ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para o que. Hei por bem revogar o alvará de cinco de janeiro de mil setecentos oitenta e **cinco** e quaisquer leis, ou ordens que o contrário decidam, como se delas fizesse expressa, e individual menção, sem embargo da lei em contrário.[...]Dado no Palácio do Rio de Janeiro em o primeiro de abril de mil oitocentos e oito. Príncipe d. Fernando José de Portugal." (<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br>)

²⁹ Tratado de Methuen, assinado entre Portugal e Inglaterra em 27 de Dezembro de 1703, que implicava em um compromisso de Portugal só comprar tecidos ingleses. Esse acordo implicou no final do século XVIII na desativação de indústrias têxteis que ao produzir tecido em terras portuguesas desrespeitava o tratado assinado no início do mesmo século.

³⁰ Lei de 04 de Fevereiro de 1811 que proibia a entrada de tecidos estampados que não fossem produzidos em Estado Portugues.

sudeste e sul no decorrer do século XIX. Muitas dessas tecelagens permaneceram em atividade ao longo de todo o século XX. Produziam em sua gênese apenas tecidos grosseiros destinados a vestimentas de escravos e sacarias, que eram utilizadas para ensacamento dos produtos exportados para a Europa.

Com o aumento da procura de algodão na década de 1860, período em que o produto torna-se escasso devido a guerra Civil dos Estados Unidos, principalmente o algodão de rama curta que era proveniente dos Estados Unidos e abastecia as indústrias européias, as regiões nordeste e sudeste contaram com um impulso extraordinário no cultivo de algodão para exportação.

A introdução do algodão no estado de São Paulo, foi em grande parte, resultado dos esforços da Manchester Cotton Supply Association, que enviou sementes às autoridades provinciais. Os fabricantes de tecidos ingleses desejavam uma fibra o mais similar possível à dos Estados Unidos, e remeteram sementes de Louisiana ou Nova Orleans, onde era cultivado o algodão de fibra curta mas de alta resistência. As exportações brasileiras ultrapassaram cem milhões de libras por três vezes entre 1865 e 1875, perfazendo nessa década uma média de 92 milhões de libras. (STEIN, 1979, p.58)

O cultivo do algodão na região do estado de São Paulo, a presença de meio de transporte e a abundância de mão de obra com alguma experiência na atividade industrial incentivou o desenvolvimento das primeiras indústrias têxteis do estado.

A mão-de-obra abundante foi um fator importante para o estado paulista, pois a chegada dos imigrantes europeus para suprir a falta de trabalhadores para a atividade agrícola após o fim da escravidão contribuiu para a existência de trabalhadores na lavoura e posteriormente na indústria.

Ao longo de todo o século XIX, a mão de obra da indústria têxtil sempre representou uma grande preocupação para os donos de indústrias de fiação e tecelagem. A princípio, nessas indústrias a maioria de seus trabalhadores eram escravos, a partir de 1850 com a pressão para o fim da escravidão elas começam a contratar trabalhadores livres, no entanto nem os escravos nem os trabalhadores livres tinham habilidades industriais. A partir de 1840, a indústria têxtil brasileira passou a contratar mestres tecelões ingleses para coordenar as atividades fabris. Com o incentivo governamental para a imigração de europeus para o Brasil, houve o aumento da mão de obra com alguma experiência na indústria têxtil, no entanto esses representavam um alto custo para os donos das indústrias. (STEIN, 1979)

Segundo Stein, outro fator que contribuiu para a redução da contratação da mão de obra especializada da Inglaterra foi porque os operários brasileiros haviam adquirido suficiente perícia técnica para manejar os fusos e teares, que seus parceiros ingleses haviam

colocado em funcionamento nos primeiros anos da produção têxtil no Brasil. Além disso, outros migrantes especializados, em sua maioria, italianos, alguns espanhóis e alemães começaram a ocupar essas funções altamente especializadas a partir da década de 1890, esses operários, em sua maioria especializados nesse trabalho, operavam máquinas que os trabalhadores brasileiros não estavam preparados para manejar, pois só tinham conhecimento e experiências na atividade agrícola.

No fim da década de 1890, as fábricas do Rio e de São Paulo empregavam uma força de trabalho predominantemente brasileira ou imigrante, mas não inglesa, a partir da chegada dos imigrantes espanhóis e italianos os tecelões ingleses deixaram de ser contratados, foram substituídos por tecelões dessa fase da migração do final do século XIX.

A maior parte desses imigrantes desembarcava nos portos de Santos e do Rio de Janeiro e dirigiam-se às fazendas de café de São Paulo; alguns eram escolhidos a dedo pelos proprietários de fábricas na agência de imigração existente na Ilha das Flores, no Rio, e daí, enviados para as fábricas locais. Esses novos imigrantes, provenientes de regiões onde o padrão de vida era baixo e onde se falavam idiomas mais parecidos com o português, como espanhol e italiano, que são idiomas que tem origem do Latin, assim como o português, esses imigrantes europeus de origem latina eram mais maleáveis do que os seus antecessores britânicos. Estas características facilitaram a sua integração na força de trabalho industrial constituída pelos indigentes da sociedade agrária e patriarcal brasileira. (STEIN, 1979, p.65 e 66)

A família Tognato, que no início do século XX fundou a Fiação e Tecelagem Tognato, chegou ao Brasil nesse processo de migração da segunda metade do século XIX. Vieram para trabalhar na atividade agrícola no interior do estado de São Paulo, passado algum tempo migraram para o bairro da Moóca, no município de São Paulo, juntando-se a outros migrantes italianos que trabalhavam nas indústrias do município, foram trabalhar no cotonifício Crespi e posteriormente na tecelagem Ipiranguinha³¹.

Estabelecidas as primeiras indústrias têxteis no estado de São Paulo, por encontrar condições favoráveis, mão de obra, matéria-prima e um sistema de transporte eficiente na segunda metade do século XIX, essas condições incentivaram a ampliação dessa atividade industrial no estado e o desenvolvimento da mesma, dando origem a grandes, médias e pequenas indústrias têxteis, sendo que algumas permaneceram em atividade até a segunda metade do século XX.

Nas primeiras décadas do século XX, a produção da indústria têxtil brasileira apresentou um desenvolvimento e crescimento constante, mesmo com o evento da Primeira

³¹ <http://www.tognato.com.br/>

Guerra Mundial, que a princípio interrompeu o fornecimento de maquinários importados para a indústria brasileira.

A guerra promoveu uma recessão na atividade industrial, mas essa recessão não desestabilizou a indústria têxtil, que a partir do final do século XIX já estava consolidada, havia superado muitas das dificuldades da sua fase inicial de crescimento e deu início a um período de expansão e desenvolvimento, essa fase correspondeu às três primeiras décadas do século XX, na qual a produção brasileira de tecidos de algodão, estimada em aproximadamente 20.595.375m em 1885, elevou-se para 256.982.203m em 1908 e 378.619.000m em 1911. Em 1917, alcançou 548.120.000m, mantendo-se acima dos 500 milhões de metros até 1929. (STEIN, 1979)

Nesse período, década de 1920, houve o aumento do número de indústrias têxteis, a produção de tecidos mais elaborados, como a seda artificial que desenvolveu-se e ampliou sua produção no país. Esse panorama da indústria têxtil permaneceu constante até o final da década de 1920, pois a partir de 1928 o setor têxtil começou a sentir os efeitos da recessão econômica, gerado com a crise da economia norte americana de 1929, que afetou todos os países capitalistas e as atividades econômicas desses países.

A indústria têxtil brasileira sentiu duramente o impacto da recessão econômica da virada da década de 1920 para 1930, sobretudo a indústria que produzia tecidos a base de algodão. Entre 1928 e 1929, demitiu-se mais de 1/3 da mão de obra empregada na mesma, o que perfazia 87% do total de dispensas realizadas pela indústria têxtil paulista no período. A queda do montante de capital algodoeiro, nos anos de 1929 e 1930, foi a segunda maior entre os demais, sendo superada pela indústria de juta. Além disso, das vinte e duas empresas têxteis paralisadas no estado de São Paulo quinze delas eram do ramo algodoeiro. (LOUREIRO, 2009)

Embora o final da década de 1920 tenha representado um período crítico para a indústria têxtil, essa crise que estabelece-se sobre as tecelagens não atinge a Tognato, pois analisando os dados encontrados (tabela 6), como número de teares, número de funcionários da tecelagem, é possível notar que houve nesse período o aumento do número de teares e de funcionários, dado que evidencia o aumento produtivo. A explicação para que essa crise não tenha atingido a Tognato pode estar no fator de que a lã não tenha sido um dos setores têxteis mais prejudicados na crise estabelecida entre final dos anos vinte e início dos anos trinta.

Após o período da crise a indústria têxtil brasileira voltou a seu desenvolvimento alcançando um crescimento muito grande da produção, gerando um processo de superprodução de tecidos, que trouxe preocupação para os grandes empresários do setor,

levando os mesmos a pedir diversos tipos de intervenção por parte do Estado para inibir o crescimento desenfreado da produção de tecidos no Brasil.

Uma das medidas necessárias para inibir o crescimento da produção, apontada pelos industriais têxteis brasileiros foi a redução ou proibição da importação de maquinários têxteis para o Brasil, medida essa que foi prontamente atendida. Aqui se faz necessário lembrar que a partir da crise cafeeira os industriais têxteis conquistaram prestígio que lhes garantiram influência na política brasileira em benefício da indústria têxtil e da atividade industrial de modo geral.

Através dessas influências sobre a política brasileira, a proibição de importação de maquinário têxtil ocorreu após a modernização do maquinário das grandes indústrias têxteis.

Entre os anos de 1931 e 1936, as fábricas que estavam no interior de São Paulo conseguiram tirar proveito das vendas realizadas pelos produtores europeus de máquinas têxteis que, ofereciam-nas a crédito para os países que houvessem interesse em importá-las, com baixas taxas de juros, com um prazo de longos anos para pagar. As fábricas que haviam ampliado as suas seções de fiação e tecelagem na década de vinte, geralmente as grandes indústrias urbanas, que dispunham de capital para financiar a expansão de sua produção e modernização de maquinário, produziam tecidos de alta qualidade, com os quais as fábricas antiquadas do interior não podiam concorrer. Estas pequenas fábricas do interior, obrigadas a produzir tecidos grossos, ingressaram, então, num círculo vicioso. Como não podiam importar máquinas novas de fiar, capazes de produzir fios com maior número de “counts”, viam-se impossibilitadas de fabricar tecidos que proporcionassem maior lucratividade. Optaram, então, por aumentar a produção e reduzir ligeiramente os preços, encontrando, de imediato, um vasto e pouco exigente mercado que mostrou ser mais estável quando os preços eram razoáveis e não exorbitantes.(STEIN, 1979, p.148)

Acreditavam dessa forma, os donos das grandes indústrias têxteis, que com essa medida reduziriam a produção de tecidos e conseqüentemente levaria a uma elevação do valor dos tecidos e dos lucros, já que as pequenas fábricas não teriam como adquirir novos maquinários importados possibilitando a sua expansão e produção. Diante disso, desenvolve-se uma alternativa para as pequenas indústrias com o crescimento de oficinas que passaram a produzir teares nacionais a partir da cópia de teares importados.

As indústrias do interior não dispoñdo de recursos para a aquisição de teares novos e modernos na época em que esses estavam sendo ofertados aos industriais brasileiros e no momento em que tiveram seu capital em expansão por atender uma parcela da população, que tinham preferência por tecidos mais baratos, encontraram como solução a cópia de teares.

A Fiação e Tecelagem Tognato exemplifica essa indústria têxtil do interior, afinal no início do século XX a atual região do ABC era considerada parte do subúrbio de São Paulo

com características rurais. Essa tecelagem, e outras tecelagens da região, nas décadas de 1920 e 1930 apresentaram um crescimento significativo, que pode ser percebido pelo número de teares em funcionamento declarado nos dados de contribuição de impostos do município de Santo André para essas duas décadas (tabela 5). Sendo as indústrias têxteis do ABC no início do século XX indústrias do interior esse aumento do número de teares se explica devido a aquisição de teares copiados³²

Houve uma tentativa dos grandes industriais têxteis para deter o crescimento das indústrias de teares nacionais, alegavam que essa atividade iria contribuir para aumentar o excesso de produção, que resultaria na desvalorização dos produtos têxteis nacionais, o que prejudicaria a economia nacional. Isso porque uma das consequências da restrição às importações de máquinas foi o nascimento da indústria nacional de teares. Essas surgiram com os proprietários de oficinas de manutenção e construção mecânicas que abasteciam o mercado de teares criado pela restrição às importações.

Os proprietários dessas oficinas eram acusados de serem “indivíduos destituídos de patriotismo, ávidos de lucros legais ou ilegais”, e seus teares qualificados de “imitação grosseira dos modelos ingleses e franceses” sem “o mérito da originalidade”. Entre 1930 e 1936, o maior fabricante brasileiro de teares ampliou sua produção mensal de 30 para 130 unidades. Em 1937, foram embarcados para a Argentina dois carregamentos de teares de tecelagem fabricados no Brasil. (STEIN, 1979, p.148).

Com isso é evidente que o período de crise nos anos vinte, contribuiu para a estabilização da indústria têxtil brasileira na década seguinte, pois com a existência de indústrias de teares para tecelagens no Brasil, mesmo que esses teares não fossem tão bem elaborados como os importados, a existência dessa produção significou a continuidade do crescimento do setor têxtil, já que os produtores nacionais não estavam mais totalmente dependentes do maquinário importado. Foi a existência dessas pequenas oficinas, que depois transformaram-se em indústrias de maquinário têxtil, que fez do setor industrial têxtil um dos primeiros a concluir na década de 1960, a substituição das importações brasileiras no setor.

Nas décadas seguintes a produção têxtil brasileira continuou a crescer, tendo mais um período de estímulo a produção de tecidos para consumo interno e também para as exportações. Foi o período que correspondeu aos anos da Segunda Guerra Mundial. Enquanto durou a guerra, a indústria têxtil brasileira lucrou com a exportação de tecidos para outros países, já que os países que se constituíam como grandes exportadores de tecidos estavam envolvidos com a guerra, tendo suas produções industriais voltadas para a mesma.

³² Essa informação se confirma através do depoimento feito através do depoimento de ex-funcionários da tecelagem.

Como as indústrias brasileiras, nesse período, ocupavam o segundo lugar entre os maiores produtores têxteis do ocidente aliado do fator dos Estados Unidos estar totalmente voltado para guerra, os empresários brasileiros encontraram nesse momento condições propícias para vender seus produtos para outros países mais pobres, que dependiam de produtos têxteis importados, como foi o caso do Uruguai, a Venezuela, o Paraguai e o Chile.(STEIN, 1979)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os países industrializados, que detinham a exportação de produtos têxteis e haviam parado essa exportação por conta da guerra retomam a produção das suas indústrias. Fazia parte desta retomada a modernização da indústria e a não exportação de maquinários novos e modernos, pois primeiro precisavam abastecer o mercado interno que estava desestabilizado devido a guerra, diante disso só estavam dispostos a exportar o maquinário antigo e obsoleto para os países que estava no início de seu processo de industrialização.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial a indústria têxtil brasileira entra em uma nova fase, que necessitou da organização dos industriais aliados ao Estado, para o estabelecimento de normas e leis que permitissem a continuidade do desenvolvimento industrial brasileiro e da indústria têxtil.

Na década de 1950 e 1960, a indústria têxtil brasileira consistia em um importante setor produtivo, era responsável por empregar um número considerável de trabalhadores do setor industrial, além disso, conseguiu progresso o bastante para completar o processo de substituição das importações no setor.

Nas décadas subsequentes a indústria têxtil brasileira manteve-se estável só voltando a sofrer alterações e transformações mais significativas a partir da década de 1980. Quando a falta de investimentos e modernização de maquinários promovendo a estagnação econômica registrada nos primeiros anos da década, e prolongou-se até os últimos anos da mesma. Essa estagnação foi problemática nos anos seguintes para a indústria têxtil principalmente com a abertura comercial dos anos 1990. As tecelagens sofreram com uma crise da obsolescência do parque industrial brasileiro, gerando um hiato tecnológico em relação ao mundo, e, principalmente, em relação aos países asiáticos, que se tornaram grandes produtores e exportadores, criando sérias dificuldades para esta indústria no Brasil no período seguinte, por ocasião da abertura comercial.(KON e COAN, 2005)

A indústria têxtil brasileira nas últimas décadas do século XX não apresentou um crescimento significativo como ocorreu no início do mesmo século. Na última década do século XX, muitas das indústrias, que foram fundadas no decorrer das primeiras década desse

século, já havia sido desativadas, por falência ou encontravam-se em processo de desativação ou fusão com empresas maiores.

Isso ocorreu porque a partir de 1990, quando a economia brasileira passou por grandes transformações, com um conjunto de medidas políticas internas que davam prioridade para a estabilização econômica e modernização brasileira através da abertura econômica, que consistiu na liberação às importações sem a concomitante implementação de uma política industrial que abrangesse os diversos setores da indústria, considerando suas características e peculiaridades. Este foi um dos fatores mais importantes que impôs a indústria têxtil do Brasil um pesado ônus no período de transição da abertura comercial dos anos 1990. (KON, 2005)

São muitas e variadas as causas que levaram a desativação das indústrias têxteis de pequeno porte que tinham a sua produção voltada para o mercado interno. Algumas foram desativadas por falta de capital para modernização de maquinários, outras foram vendidas e incorporadas a indústrias maiores, pois foram fundadas com capital familiar e com o passar das gerações não encontram dentro da família herdeiros interessados em seguir no ramo têxtil, também muitas não encontraram condições propícias para modernizar seu maquinário e também concorrer com os produtos têxteis importados que a partir da abertura econômica brasileira na década de 1990, passam a ser fortes concorrentes dos produtos têxteis nacionais.

As indústrias que se mantiveram ativas e superaram a concorrência dos produtos estrangeiros na década de 1990 precisaram passar por uma reestruturação produtiva, que por sua vez, promoveu transformações significativas na disposição das indústrias têxteis no Brasil, e também na oferta de emprego para a sociedade brasileira.

De certa forma, as grandes indústrias têxteis já vinham se organizando e modernizando seus processos produtivos desde meados da década de 1980, com a compra de novos equipamentos e implantação de novas técnicas produtivas, dessa forma os impactos da abertura econômica da década de 1990 se deu de forma diferenciada para os diversos setores produtivos da cadeia têxtil.

Houve a redução do número de indústrias têxteis. Essa ocorreu sobretudo nos seguimentos de fiação e tecelagem no período que vai de 1989 até 1995 e não significou o declínio do volume de produção têxtil, a produção física de tecidos declinou 7% no mesmo período e a produção de fios caiu em torno de 17% em contraste a produção física de confeccionados cresceu à taxa média acumulada de 50% entre 1989 e 1995, com incremento acumulado de 10% nas empresas formais do segmento no mesmo período. Entre 1995 e 1996, não obstante, a produção física de artigos de vestiário declinou 7,7%, acumulando queda de

preços de 0,79% no ano, sendo que o valor da produção de confeccionados caiu de US\$ 24 bilhões em 1995 para US\$ 22 bilhões em 1996. (GORINI, 2000)

Esse declínio da produção têxtil está relacionado com a entrada de produtos têxteis importados no mercado brasileiro. Com a abertura comercial ficou fácil a entrada desses produtos aumentando a concorrência no mercado interno. Para garantir a sua sobrevivência a indústria têxtil nacional necessitou passar pelo processo de modernização do maquinário e também modernização do processo produtivo.

Como estratégia, algumas dessas empresa transferiram sua produção para regiões que ofereciam uma mão de obra mais barata, com incentivos fiscais e programas de qualificação profissional para abastecer a indústria têxtil com a mão de obra necessária. Nesse período muitas indústrias têxteis transferiram suas fábricas da região sudeste para a região nordeste, a região sul também apresentou um crescimento no setor têxtil nesse período.

Foi dentro desse contexto, que se desenvolveu a indústria têxtil do ABC. Dentro do mesmo que também foi fundada a Fiação e Tecelagem Tognato, indústria que acompanhou todas essas mudanças e transformações do século XX. Essa empresa é de um setor industrial de suma importância para a compreensão da formação dos municípios dessa região e que com a chegada da indústria automobilística passa por transformações profundas que tornam-se mais evidentes nas décadas de 1980 e 1990.

4.2 A indústria têxtil no ABC Paulista ao longo do século XX

As primeiras indústrias têxteis do ABC paulista datam do final do século XIX, estavam localizadas no atual município de Santo André nas proximidades da estação ferroviária, que nesse período era conhecida como Estação São Bernardo da Borda do Campo. As primeiras foram as tecelagens São Bernardo Fabril fundada em 1885, Silva&Seabra, com registro de 1897 e a Bergman&Kowarik.

Na passagem do século XIX para o XX houve a união das tecelagens São Bernardo Fabril com a Silva&Seabra, que ficou popularmente conhecida na região como Ipiranguinha.

Tecelagem Ipiranguinha foi uma das primeiras indústria da atual região do ABC, localizava-se no atual município de Santo André nas proximidades da ferrovia. Essa tecelagem foi muito importante para os primeiros tecelões do ABC, para as indústrias têxteis

da região e para a sua sociedade de modo geral,³³ foi a origem de muitos dos donos de tecelagens fundadas na região no decorrer do século XX foram trabalhadores da Ipiranguinha, lá aprenderam o ofício de tecelão. Essa tecelagem esteve em atividade até a década de 1960, e no local dela hoje funciona o supermercado Extra Perto.

Tecelagens como a Ipiranguinha, e a Kowarik eram responsáveis pela produção de tecidos de algodão para abastecimento do mercado local e também das regiões vizinhas. O aumento populacional e da demanda pelos produtos têxteis resultou em uma ampliação do número de indústrias desse segmento nas décadas de 1920 e 1930. Produziam tecidos de algodão, casimira de lã, malha, seda, cobertores, colchas e toalhas. Algumas dessas novas tecelagens surgiram a partir do desenvolvimento de pequenas oficinas com um ou dois teares

Na tabela 4 podemos verificar algumas dessas indústrias, o tipo tecido que produziam e o ano de registro ou ano em que iniciaram sua produção. Também é possível observar o endereço ou local onde essas tecelagens estavam, algumas aparecem apenas com o nome Santo André, que na época abrangia os demais municípios do atual ABC da região até a década de 1930.

³³ “a Tecelagem Ipiranguinha, onde praticamente todos os moradores da cidade já haviam trabalhado. Ficava onde está hoje localizado o Pão de Açúcar, da Perimetral, perto da Estátua dos Imigrantes no começo da Av. Santos Dumont”. Depoimento feito por Gilson Voltoni a Prefeitura de Santo André: <http://www.santoandre.sp.gov.br/bnews3/images/multimedia/programas/> (Acesso em 22/08/09)

Tabela 4 - Indústrias Têxteis do ABC 1897- 1935

Nome	Fundação	Bairro	Produto
Silva & Seabra ¹	1897	Ipiranguinha	<i>Tecidos de algodão</i>
Bergman, Kowarick & Cia	1905	Av. Antonio Cardoso, 1	<i>Casimiras e lã</i>
Irmãos Tognato	1909	Ipiranguinha	<i>Colchas</i>
João Fornazaro	1910	Estação São Bernardo	<i>Tecidos</i>
Egydio Fiorini	1910	Ipiranguinha	<i>Tecidos</i>
Alfredo Flaquer & Cia	1912	Ipiranguinha	<i>Colchas</i>
Zaparolli, Balderi & Cia	1913	Ipiranguinha	<i>Tecidos</i>
Zanolli, Costa & Cia	1913	Ipiranguinha	<i>Tecidos</i>
Vitório Zanolli, Costa & Cia ²	1918	Ipiranguinha	<i>Tecidos</i>
Ignácio Pereira & Cia	1918	Santo André	<i>Tecidos</i>
Miguel Stomavescki & Cia	1921	Santo André	<i>Chita</i>
Sebastião Battle	1922	Sto André R. Francisco Amaro 52	<i>Tecidos</i>
José Omobioli	1922	Santo André	<i>Tecido para colchões</i>
Castilhos Batte & Cia	1923	Santo André	<i>Tecidos</i>
José Andreoli	1923	Santo André	<i>Toalha</i>
Oswaldo Zanatto	1924	Santo André	<i>Tecido de malha</i>
Palmira Calçada	1924	Santo André	<i>Tecido de malha</i>
Atílio Coricia	1925	Santo André	<i>Colchas</i>
Luiz Correia & Cia	1926	Santo André	<i>Colchas</i>
Oscar Barretos	1926	Santo André	<i>Malhas</i>
Begliomini & Ragghianti	1926	Sto André Rua Luis Pinto Fláquer	<i>Malhas</i>
Geraldo Rocco & Cia	1927	Santo André Rua Cel. Ortiz, 79	<i>Algodão p/ colchões</i>
José Gonçalves	1927	Sto André R. Xavier de Toledo, 51	<i>Tecido de algodão</i>
José Antonioli	1927	Santo André	<i>Colchas</i>
Joaquim Diniz	1928	Rua Luís Pinto Fláquer, 30	<i>Toalhas</i>
S. Boyes & Cia	1928	Rua Gertrudes de lima, 129	<i>Tecidos de algodão</i>
José Gonçalves	1928	Rua Xavier de toledo 51	<i>Colchas</i>
Luiz Correia & Cia	1929	Rua Cel. Alfredo Fláquer, 113	<i>Tecidos de algodão</i>
Fab. Colchas Nicolau Jorge	1929	Rua Senador Flaquer, 9	<i>Colchas</i>
Fab. Malha de Ernesto Lind	1929	Av. Santo André, 59	<i>Tecidos de malha</i>
João Moretti	1930	Rua Cel. Agenor de camargo, 7	<i>Tecidos de malha</i>
Julio Paccini	1930	Rua Cel. Agenor de Camargo, 73	<i>Tecidos de malha</i>
José Novella Filho e I. Blauco	1930	Santo André	<i>Tecidos para calçado</i>
Albina Pezzolo	1932	Avenida Santos Dumont, 68	<i>Tecidos</i>
Rhodiaseta	1932	Av. Tamanduatei, s/n	<i>Fiação de seda</i>
Carlos Waldlirches	1932	R.. Senador Fláquer, 95	<i>Tecidos de malha</i>
W. Tosberg e Cia ³	1934	R. Matriz, 25	<i>Tecidos de algodão</i>
Dione e Cia LTDA	1934	R. Cel. Alfredo fláquer, 113	<i>Tecidos</i>
Sociedade Anônima Valisere	1934	Av. Tamanduatei, 90	<i>Tecidos de malha</i>

Fonte: Livro de declaração de impostos do município de Santo André 1900-1940

Org.: Leandra B. Jesus.

Notas da Tabela 4

1- A tecelagem Silva&Seabra mudou de nome em 1909 para Companhia São Bernardo Fabril, que como já verificamos foi fundada em 1895. Essa mudança de nome se explica pela unificação da Silva&Seabra com a Cia. Fabril São Bernardo. Por isso não aparecem nessa tabela dados da produção desta última indústria.

2- Houve a divisão da fábrica a primeira ficou com Ricardo Zanolli e em 1918 Vitório Zanolli pede alvará de uma nova fábrica.

3- No cadastro aparece primeiramente com o nome de W. Tosberg na rua Matriz, 25. Em dados declarados do ano de 1934, no entanto, aparece uma outra indústria produtora de tecidos de algodão com o nome Streble e Cia. LTDA no mesmo endereço. Nos dados dos anos seguintes só aparece a indústria têxtil com o nome Streble e Cia LTDA, o que nos levou a concluir que houve a mudança de nome da tecelagem no ano de 1934, por isso duas contribuições de indústrias com nomes diferentes mas no mesmo endereço.

De acordo com os dados apresentados na tabela 4 temos até o ano de 1934 um total de quarenta e uma indústrias têxteis na região do atual ABC, sendo possível que o número de indústrias fosse superior a esses aqui apresentados. Provavelmente existiam outras pequenas indústrias têxteis não registradas nos cadastros da prefeitura, por serem pequenas unidades familiares, que possuíam uma produção artesanal de tecidos, mas que nos anos seguintes deram origem a novas indústrias têxteis em áreas mais afastadas da ferrovia, estando assim fora do limite do atual de Santo André³⁴.

Também é possível observarmos que muitas dessas indústrias estavam localizadas no bairro Ipiranguinha que fica próximo a estação ferroviária ou em outras ruas e bairros que também estão próximos a estação. Na passagem do século XIX para o XX a região só contava com duas indústrias têxteis, mas esse número salta para aproximadamente quarenta em menos de trinta anos. Muitas dessas indústrias foram constituídas por organização familiar, começaram como pequenas oficinas levantando recursos através de empréstimos de bancos e incentivos governamentais para a compra de maquinário e matéria-prima.

Por volta de 1908 a 1909 foi fundada a tecelagem Tognato, a princípio como uma oficina familiar que ao longo da primeira metade do século XX foi aumentando sua produção, seu capital e as dimensões da fábrica ganhando importância e relevância na produção têxtil.

Em 1914 a Cia. Rhodia, indústria química francesa compra um terreno entre as margens do rio Tamanduateí e a linha férrea no atual município de Santo André mas como a compra do terreno coincide com o início da Primeira Guerra Mundial, essa indústria de capital internacional só inicia a construção e a produção no Brasil após o término da guerra. Essa indústria é uma das primeiras indústrias de capital internacional a chegar ao país no século XX e marca o início de uma nova fase da industrialização, sobretudo a têxtil.

Na década de 1930 a Cia Rhodia começou a produzir a seda artificial, Rayon integrando a produção têxtil do ABC e marcando o início de uma nova era, das indústrias transnacionais na região.

Até o momento da chegada das indústrias automobilística na região do ABC Paulista as tecelagens existentes produziam artefatos para consumo doméstico: cama, mesa, banho, forros para colchão e vestimentas. Após a chegada do ramo industrial automobilístico, a

³⁴ No decorrer da realização dessa pesquisa encontramos dificuldades na obtenção de dados sobre a indústria. A falta de registro histórico das indústrias e atividades industriais na região do ABC é marcada por entraves estabelecidos com o processo de emancipação dos municípios, que gerou a disputa sobre arquivos públicos, que levou a perda de documentos de registros dessa região e também por acidentes, danificação de documentos do Centro de Memória de São Bernardo devido ao destelhamento provocado por vento e chuvas fortes e um incêndio que atingiu o centro de memória da cidade de Diadema, que reunia uma grande quantidade de dados sobre a atividade industrial da região.

tendência foi o desenvolvimento de novas indústrias têxteis que se dedicaram a produção de forros, mantas, tapetes para carros e outros produtos têxteis destinados à indústria do automóvel.

Na segunda metade do século XX existiam produções têxteis no ABC para consumo doméstico, vestuário e produtos para indústrias do setor automobilístico. Enquanto as indústrias ligadas ao setor automobilístico conseguiram manter equilíbrio econômico, mesmo com a reestruturação da sua produção, redução do espaço produtivo ou migrando para outros locais, essas indústrias não faliram, pois contavam com o apoio da indústria do automóvel, geralmente estavam associadas a capitais internacionais, que lhes possibilitaram a modernização sem entrar em declínio.

O mesmo não ocorreu com as antigas tecelagens de capital de origem familiar, essas produziam para o consumo doméstico, seu capital e rendimentos estavam diretamente ligado com a demanda do consumo doméstico, oscilante conforme a demanda dos consumidores e suas condições financeiras. Além disso muitas dessas indústrias menores por serem constituídas por um capital familiar chegaram a segunda metade do século XX com sua diretoria fragmentada pela existência de vários sócios/herdeiros, o que lhes impossibilitava o consenso para investimento em modernização constante do processo produtivo.

Indústrias têxteis instaladas no ABC na primeira metade do século XX representavam uma das principais fontes de oferta de trabalho para a população da região e do município de São Paulo, mas com a modernização da indústria colchoeira, a pequena capacidade de investimentos dessas empresas e a falta de sucessores para administrá-las, contribuíram para o fechamento de pelo menos, 50 indústrias de fiação e tecelagem na região, nas décadas de 1960 e 1970.(PARAFUNDI, 1981)

Se na décadas de 1960 e 1970 a indústria têxtil já estava reduzindo por falta de sucessores e modernização nas décadas seguintes esse processo intensifica-se por não suportar as crises ou por não dispor de capital para modernizar sua indústria para concorrer com outras maiores; outras foram incorporadas a indústrias maiores tendo sua instalação desativada ou reduzida. Redução essa que se caracteriza pela modernização da produção após a incorporação. Também houveram casos em que a indústria migraram para outras regiões ou localidade, que ofereciam custos de imóveis e mão de obra mais barata.

Esse processo não se restringiu a indústria têxtil, mas a diversos ramos industriais no ABC e na Região Metropolitana de São Paulo. No tocante a indústria têxtil o que podemos perceber é que as pequenas tecelagens foram incorporadas a grandes tecelagens, como foi o caso do Lanifício Santa Paula, que foi comprado pelo Lanifício Santo Amaro.

Tecelagens que encontraram dificuldades nas últimas décadas do século XX, mas conseguiram sobreviver perante a crise, abertura econômica e todos os advenços do final do século, foram aquelas ligadas ao setor automobilístico. Hoje são essas indústrias têxteis que geram o maior número de emprego no setor, pois as responsáveis por produzir tecidos, cobertores, matérias de uso doméstico de modo geral, quase não existem mais na região, as que sobrevivem operam com um número de maquinários e operários muito reduzidos, se comparados com as décadas iniciais da sua produção.

Essas indústrias têxteis de produtos voltados para o uso domésticos do ABC e da Região Metropolitana de São Paulo, de modo geral, sofreram um grande enfraquecimento a partir da abertura comercial da década de 1990, pois muitos produtos importados entraram no comércio brasileiro com um valor muito abaixo do produto nacional, aumentando a concorrência dos produtos nacionais versus os importados. Os produzidos internamente ficaram em desvantagem levando a uma redução da produção e das indústrias têxteis brasileiras.

Para vencer essa concorrência as tecelagens precisaram entrar em um processo de reestruturação produtiva, modernizando seu maquinário e remodelando todo o seu setor produtivo. Uma das estratégias utilizadas por essas indústrias foi a transferência da fábrica para locais que representassem um custo mais baixo com impostos, mão de obra mais barata e também a terceirização de alguns setores da produção.

A Fiação e Tecelagem Tognato na década de 1990 vai tentar se adequar a essas mudanças adotando algumas dessas estratégias para sobreviver a concorrência dos produtos estrangeiros com os quais passou a disputar o mercado a partir da abertura econômica, que possibilitou a entrada de produtos mais baratos e de novos produtos do segmento dos cobertores, como os edredons, que atraiu a atenção dos consumidores levando a uma redução da procura por produtos de lã, uma das especialidades da Tognato.

O drama da Tognato também foi o drama de outras indústrias têxteis da região do ABC no decorrer das décadas de 1980 e 1990. Segundo depoimento de dois industriais têxteis do ramo de cobertores do ABC, em entrevista realizada por Hildebrando Parafundi e Carlos Galli para o jornal O Estado de São Paulo de 1981, já apontavam os problemas que as tecelagens estavam vivenciando e que persistiu na década seguinte. André Didoni e Hélio Randi, proprietários das tecelagens Têxtil Didoni e Randi Indústrias Têxteis, afirmavam que o problema da indústria têxtil era a falta investimento na modernização do maquinário.

4.3 Origem e desenvolvimento da Fiação e Tecelagem Tognato

A Fiação e Tecelagem Tognato foi fundada em 1909 pelos irmãos Giacinto Pietro, Romano, Attilio, Massimiliano Ângelo e Amabile Tognato, imigrantes italianos, no atual município de Santo André³⁵, no cruzamento das ruas Fernando Prestes com a rua Alfredo Flaquer no bairro do Ipiranguinha. Para iniciar a produção industrial os irmãos recorreram ao financiamento com o Banco de Londres para aquisição do maquinário.

A família Tognato chegou ao Brasil no século XIX, para trabalhar na lavoura. Foram trabalhar na região de Mococa, interior do estado de São Paulo, mudando-se depois para a capital paulista, no bairro da Mooca, foram trabalhar na indústria têxtil Crespi, onde ganharam experiência no trabalho da tecelagem. Permaneceram na cidade de São Paulo até o final do século XIX, quando a família se mudou para Santo André e foram trabalhar na tecelagem Ipiranguinha³⁶.

Anteriormente destacamos que a tecelagem Ipiranguinha foi importante por gerar postos de trabalho para a população do ABC e para os futuros proprietários da Tognato. No depoimento do senhor Airton ex-trabalhador da Tognato fica evidente sua importância também para os fundadores da Tognato. Diz ele: “... *O pessoal da Tognato foram ex-tecelões da antiga Ipiranguinha, que era do Ademar de Barros, o político*”.

A Tecelagem Tognato iniciou em 1909 com a produção de colchas de algodão com apenas dois teares. No ano seguinte fez o pedido de alvará à prefeitura, passando a ser uma indústria e não mais uma oficina familiar. Nos anos seguintes a tecelagem apresenta um aumento do número de teares em atividade, dado que tende a refletir o crescimento produtivo da Tognato (tabela 5).

Na década de 1920 a Tognato produz colchas, cobertores e equipamentos para o processo produtivo. Segundo depoimento do senhor Antonio a tecelagem possuía uma equipe de mecânicos, que a partir de um modelo de tear importado faziam cópias desses, dessa forma não precisariam dispor de grandes investimentos na compra de teares importados, que poderiam ser caros, mas garantiriam o aumento do número de teares necessários para a produção.

³⁵ No ano de 1910 o atual município de Santo André era apenas um bairro do município de São Bernardo, os bairros que hoje compreendem o centro de Santo André eram conhecidos como distrito de Santo André da Borda do Campo e a estação de trem Estação São Bernardo. Na década de 1930 Santo André conquista sua emancipação política e passa a ser denominado apenas Santo André, a estação ferroviária passa a adotar o nome do município e São Bernardo passa a ser São Bernardo do Campo.

³⁶ Depoimento do Sr. Antonio Ângelo Peretto, engenheiro aposentado da Tognato.

Na descrição do senhor Airton essa informação sobre cópia de teares, se confirma e nos traz mais elementos sobre a produção e manutenção dos mesmos. Segundo ele, a tecelagem:

“ai fazia conserto, instalação, fazia maquinas ai dentro, um negocio bem..... a gente tinha a parte toda de mecânica né? Torneiro, ajustador, ferramenteiro, soldador, eletricitista. Enrolava motor ai dentro, pegava maquina, desmontava ela, reformava todinha, montava e punha pra trabalhar. É mais barato e você sabia que tava fazendo bem feito, um serviço que agente fazia ai rodava mais 30 ou 40 anos, rodava bem o material entendeu? Bem o tear e tal, depois foi se modernizando ai ficou mais difícil”.

Além de produzir os teares a tecelagem também produzia a embalagem dos seus cobertores. Compravam as caixas de papelão com os vincos indicativos de dobra, sem estampa alguma, na própria tecelagem existia um setor responsável por imprimir a marca da tecelagem e montagem das caixas na qual os cobertores e colchas eram embalados como nos descreve o senhor Airton: “ ... *nos tínhamos estamparia, a estamparia tanto pra fazer as caixas dos cobertores...* ”

Poderíamos pensar pela descrição dos ex-trabalhadores da Tognato que ela era auto-suficiente, desde a produção das colchas e cobertores até a distribuição, embora necessitasse, parcialmente, de outras empresas para distribuição das suas mercadorias. Os produtos da tecelagem eram distribuídos na região por caminhões de pequeno porte próprios, mas para localidades mais distantes esse serviço era feito por uma empresa de transporte, como nos declara o senhor Airton: “ *A maioria a gente mandava por transportadoras* ”

De acordo com alguns estudos realizados por pesquisadores, no decorrer das duas primeiras décadas do século XX muitas indústrias têxteis apresentaram um crescimento nesses anos possivelmente em parte em decorrência da Primeira Guerra Mundial.

É provável que essa guerra tenha contribuído de forma significativa para o crescimento e estabilização da Tognato e outras pequenas indústrias têxteis, que foram fundadas na região do ABC nas primeiras décadas do século XX. No período da Primeira Guerra a Tognato e outras indústrias têxteis, que também estavam iniciando suas atividades fabris na região, apresentaram um crescimento pequeno, porém significativo do número de teares, esse aumento do maquinário provavelmente ocorreu devido a demanda pelos produtos dessas indústrias têxteis que abasteciam os moradores da região.

Tabela 5 - Evolução do Número de Teares das Indústrias Têxteis do ABC no Período da Primeira Guerra Mundial ³⁷

Ano indústria	1910	1912	1913	1914	1915	1916	1917	1918
Tognato	02	02	10	10	10	10	10	16
Alfredo Flaquer		04	8	10	12	12	12	20
V.Zanolli, Costa & Cia. ³⁸			04	04	04	06	06	11
Zaparolli, Balderi & Cia			02	02	04	06	04	06

Fonte: Livro de declaração de impostos do município de Santo André 1900-1940

Org. Leandra B. Jesus

Os dados da tabela 5 nos revelam o aumento do maquinário na produção de algumas tecelagens do ABC no período de guerra. A princípio o aumento do número de maquinário não é muito expressivo, no entanto considerando que algumas das indústrias foram fundadas poucos anos antes do início da guerra a diferença do número de teares de uma ano para outro é expressivo, revelando um aumento da produção.

Por outro lado não descartamos também que o aumento da produção têxtil esteja ligado ao aumento populacional da região, para isso precisamos avaliar dentro desse processo o crescimento do número de imigrantes italianos e espanhóis, que se estabeleceram nessa região na passagem do século XIX para o XX.

Façamos um recuo, o primeiro núcleo de imigrantes dessa região data das duas últimas décadas do século XIX, no atual município de São Caetano do Sul. Segundo Martins (2002) em seu estudo sobre o subúrbio de São Paulo, nas décadas iniciais do século XX o número de imigrantes em São Caetano cresceu muito e os novos imigrantes se estabeleceram nas regiões vizinhas no atual município de São Bernardo e Santo André. Diante disso, o aumento da demanda pelos produtos das indústrias têxteis, poderiam estar relacionados ao aumento do número populacional na região nas duas primeiras décadas do século, período que coincide com a Primeira Guerra Mundial. O crescimento do número de teares, que poderiam significar o aumento da produção esta relacionado ao crescimento da indústria no período da guerra ou ao crescimento populacional?

³⁷ Na tabela estão incluídas apenas as indústrias que disponibilizaram a quantidade de teares em atividade entre os anos de 1910 e 1920.

³⁸ Entre o ano de 1917 e 1918 as tecelagens V. Zanolli, Costa & Cia. e a Zaparolli, Balderi & Cia foram divididas entre seus sócios, dando origem a novas tecelagens no ano de 1918. Aqui como pretendemos mostrar o crescimento do número de teares mantivemos o número total de teares entre essas indústrias que se dividiram, pois embora tenha ocorrido uma divisão das tecelagens houve o aumento do número de teares em detrimento do crescimento ocorrido nas mesmas antes da divisão da sociedade entre as famílias.

Em 1924 a tecelagem operava com 53 teares e empregava 500 funcionários, que trabalhavam com a fiação, tecelagem e tinturaria. Aproximadamente 60% da mão de obra da tecelagem era formada por mulheres e crianças.³⁹

Na descrição de todos os ex-funcionários da tecelagem que foram entrevistados a referencia ao trabalho feminino é presente. O senhor Airton inclusive nos informou que:

“Elas ficavam em toda área, menos tinturaria, que já era serviço pesado pra mexer com química, área de alvejamento elas não mexiam, nas fiações na tecelagem na área de expedição na área de revisão de tecidos (...) nas principais né tecelão principalmente era praticamente. Era num pavilhão. Num pavilhão de 50 teares cada uma tocava dois teares seriam 25 pessoas praticamente 24 eram mulheres. Mulher é mais jeitosa pra trabalhar com cobertor, pra trabalhar com tear, porque ali tem que pegar fiozinho tecer, tá sempre de olho, zelando”.

Essa preferência pelo trabalho feminino, historicamente sabemos que não é somente pelo trabalho zeloso, mas sim pela diferença salarial entre homens e mulheres. Mulheres e crianças recebem um salário menor mesmo desempenhando as mesmas funções que os homens.

Infelizmente não existem registros de imagens do cotidiano da Tognato, mas o cineasta Carlos Reichenbach ao produzir o filme Garotas do ABC, aborda alguns aspectos do cotidiano da tecelagem, no qual a presença feminina é marcante. Esse filme nos revela o interior da Tognato, o funcionamento dos teares, e a mulher dentro da indústria têxtil, compondo a maioria entre o número de trabalhadores.

O filme foi gravado dentro da Tognato com teares antigos da tecelagem que foram colocados em funcionamento para ser utilizado nas filmagens entre o ano de 2002 e 2003.

As crianças estão presentes nos depoimentos sobre a tecelagem, elas trabalhavam como auxiliares, que abasteciam as máquinas com fios, eram chamados de espuleiros, que aos poucos aprendiam o ofício de tecelão e fiandeiros. No depoimento do senhor Airton ele assim descreve o trabalho dos garotos:

... ele começava como carregador de espula. Ele levava espula pra esses tecelão, praquele tecelão, pra outro trazia de uma fiação, pra outra e no intervalo quando tava tudo carregado ele ficava lá, do lado tecelão, aprendendo ou ficava do lado de um fiandeira ou dum fiandeiro. Como é que funciona isso daí e aí a gente via que demonstrava interesse, aí a gente punha como ajudante, daí a pouco o bicho tava tocando tear fiandeira, e ai eu acho que tira a criançada da rua e aprendia um ofício, era um ofício bom.

³⁹ Livro de declaração de impostos do município de Santo André 1900-1940.

Garotos não eram os únicos que entravam para trabalhar na tecelagem antes de atingir a maioridade, mas segundo depoimento do senhor Francisco e do senhor Airton eram contratados mais meninos que meninas, segundo esse último:

Meninas não aí não tinha meninas. A gente pegava menor, mas pegava mais pra parte a gente tinha revisão de tecido, aí a gente tinha uma meninada lá menor de idade. Aí era ver se o tecido não tinha defeito né? Então uma coisa fácil visual não tinha muito segredo e acertar os defeito né? As vezes juntava duas tramas uma em cima da outra, tirava uma puxava um fio ou então tirava todo aquele fio e passava um fio novo, as vezes vinha com falta de fio lá da tecelagem, então pegava o fio e vinha trançando. Não tinha perigo de nada.

É provável que o senhor Airton, inicie sua frase sobre o trabalho de garotas menores dizendo que não havia meninas e, na sequência, ele a contradiga fazendo a descrição do trabalho dessas meninas, porque ele era o responsável pela segurança dos trabalhadores da tecelagem, essa ideia evidencia-se quando ele conclui a descrição dizendo *não tinha perigo de nada*, preocupação que não houve ao descrever a existência e o trabalho dos garotos.

Com as descrições do senhor Francisco, em 2005, sobre o funcionamento dos teares, que estão presentes no filme *Garotas do ABC*, os modelos existentes na Tognato eram de Teares Mecânicos não automáticos que usavam lançadeira, esse modelo quando estavam em funcionamento eram perigosos, pois os fusos da lançadeira poderia escapar da máquina colocando em risco os trabalhadores da tecelagem, tanto os que manuseavam o tear quanto outras pessoas que estivessem a sua volta.

Esse pode ser um dos motivos pela ausência de garotas menores de idade na descrição do trabalho infantil feminino na produção do tecido. Mas a respeito do trabalho infantil feminino e a não existência de meninas menores na Tognato, as explicações ainda não nos satisfazem, pois se nenhuma garota, menor de idade, trabalhava na produção do tecido, como explicar que a maioria das máquinas eram manuseadas por mulheres? Onde e como essas mulheres adquiriam o conhecimento para trabalhar nos teares? É contraditória a informação sobre o trabalho infantil feminino, a maioria nos teares eram mulheres, mas essas só começavam a trabalhar quando adultas?

O senhor Airton nos relata que, se em uma seção trabalhavam 25 pessoas, 24 eram mulheres, depois ao descrever o trabalho dos garotos ele nos informa que esses aprendiam o trabalho de tecelão, se assim era por que existiam 24 mulheres e apenas 1 homem na produção com os teares? Deveria ser o contrário, já que não haviam garotas aprendizes.

Também é possível pensarmos que essa seja uma realidade diferente da Tognato no período em que o senhor Airton trabalhou, entre 1976 e 1998. Provavelmente na década de

1920 quando a tecelagem apresenta um grande crescimento existiriam garotas menores de idade trabalhando na produção, até porque houve entre os primeiros anos da tecelagem e a segunda metade do século XX a mudança das leis trabalhistas, que configuraram novas regras para a contratação de trabalhadores.

Em 1924 o aumento do número de funcionários reflete o crescimento da produção, esse crescimento por sua vez implicou na necessidade de um galpão maior, que resultou na mudança de instalações da tecelagem em 1928.

Ela muda-se do bairro do Ipiranguinha, próximo a linha férrea, para uma área de 20.000m² na rua Washington Luís, no mesmo município, próximo da divisa entre os municípios de Santo André e São Paulo (nas proximidades do bairro São Mateus, Zona Leste do município de São Paulo), mas distante da ferrovia⁴⁰.

Na rua Washington Luís, em 1928, a Fiação e Tecelagem Tognato funcionava com 106 teares, 47 funcionários e uma cocheira com quatro animais. A necessidade de cocheira e animais era devido ao distanciamento da tecelagem com a estação ferroviária e também das demais tecelagens da região que no início do século estavam estabelecidas no bairro Ipiranguinha⁴¹ e suas imediações, esse distanciamento impunha a necessidade da tecelagem possuir um transporte tanto para a matéria-prima, quanto para a distribuição de seus produtos.

No ano de 1933, a tecelagem em continuidade de seu crescimento funda uma segunda unidade, a fábrica de produção de seda, na avenida Presidente Wilson no município de São Paulo com oito teares. A seda produzida pela tecelagem tinha como finalidade o acabamento dos cobertores produzidos. Esse acabamento é uma barra de fita de seda que costura-se nas barras do cobertor dando o acabamento final.

Entre os anos de 1928 e 1933 as indústrias têxteis brasileiras entraram em um período de recessão devido a crise de 1929. Cada setor da indústria têxtil sentiu os efeitos dessa crise de uma forma diferente, para a indústria de juta esse foi um período muito ruim, já para a indústria de seda esse representou um período de crescimento muito favorável⁴². Ao que

⁴⁰ Ao realizarmos a pesquisa no Museu em Santo André encontramos uma informação a princípio curiosa, a declaração da existência de uma cocheira e cavalos na declaração de bens da tecelagem, essa informação a princípio foi curiosa porque nos fez questionar qual a necessidade de uma cocheira se a tecelagem está tão próxima a linha férrea? No entanto no momento em que a Tecelagem Tognato é transferida para a rua Washington Luís ela distancia-se da ferrovia, o que implica na necessidade de outro transporte.

⁴¹ O bairro Ipiranguinha está localizado atualmente nas proximidades da ferrovia Santos-Jundiaí, no início do século XX compreendia também a parte do município de Santo André que hoje constitui o centro comercial do município.

⁴² Loureiro em seu trabalho “Nos fios de uma trama esquecida: a indústria têxtil paulista nas décadas pós-depressão (1929-1950).”, nos apresenta a situação detalhada dos vários segmentos têxteis no qual os menos prejudicados no período da crise de 1929 são os da seda e lã, sendo que os mais prejudicados são o de algodão e juta.

podemos observar, analisando os dados da tecelagem na declaração de impostos ao longo da década de 1920, a Tognato não foi fortemente atingida pela recessão econômica acentuada na passagem da década de 1920 para 1930, já que ela continuou apresentando um aumento no número de teares, que forçou a necessidade de ampliação da produção e do espaço de produção.

Tabela 6 - Número de teares da Tognato em atividade entre os anos 1908-1932

Ano	Número de Teares
1908	2
1913	10
1920	16
1921	5
1923	14
1924	56
1928	106
1934	106
1935 ¹	73

Fonte: Livro de declaração de impostos do município de Santo André 1900-1940

Org. Leandra B. Jesus

Nota da Tabela

1- Essa redução do número de teares entre o ano de 1934 (que a tecelagem ainda operava com 106 teares), não significa a redução de sua produção, pois nesse ano a tecelagem muda de endereço e parte fica operando na rua Washington Luís e outra parte no novo endereço da rua Siqueira Campos, os dados declarados em 1935 são referentes a esse novo endereço, o que deixa de fora também a produção de seda dessa tecelagem.

Observando a Tabela 6 podemos observar que na passagem da década de 1920 para 1930 não houve a redução do números de teares em atividade na tecelagem, o que possivelmente esteja relacionado com a produção. Ela manteve um crescimento constante no período citado, mantendo mais de cem teares em atividade nessa passagem de década. Seu crescimento também esta relacionado a uma série de fatores econômicos e políticos, que contribuíram para sua expansão, como a proximidade da ferrovia, políticas de investimento e crescimento da indústria têxtil.

Em 1934 a Tognato, que mantinha uma unidade na Washington Luís, foi parcialmente transferida para o Ipiranguinha, na rua Siqueira Campos. Embora o bairro Ipiranguinha tenha proporcionado condições que contribuíram para o desenvolvimento da Tognato a tecelagem precisou, novamente, de um espaço físico maior para abrigar sua produção e também um local que houvesse abundância de água, fundamental para o setor de lavanderia e tinturaria de uma tecelagem.

Essa necessidade, levou a tecelagem a fazer aquisição de um terreno, que não fosse caro e possuísse abundância de água. Na década de 1940 encontraram a localização ideal, o loteamento do Baeta Neves no qual existiam vários córregos, um inclusive passando no lote comprado pela Tognato. No decorrer da década a tecelagem construiu os galpões destinados a produção ocupando uma área de aproximadamente 75mil m² de um terreno de aproximadamente 220mil m².

A necessidade da água foi um dos fatores relevantes para a mudança da tecelagem, isso esta presente no depoimento dos ex-trabalhadores da tecelagem, isso é notável na fala do senhor Airton quando ele diz que:

“ela veio de Santo André pra cá por causa da água, o consumo nosso era muito grande então Santo André não tinha água, e como agente tinha tinturaria agente gasta água de mais. Nos tínhamos três poços artesianos, fornecia água a vontade, inclusive agente fornecia água pra o pessoal que vinham e tinha uma torneira no estacionamento, o pessoal vinha buscar água na Tognato⁴³, que nem faz na Termomecânica aqui, que tinha uma torneira ali e fornecia água pro pessoal”.

Assim como a água, a necessidade de um espaço, que abrigasse todo o processo produtivo da Tognato, e o baixo valor dos terrenos em São Bernardo, possivelmente justificam a mudança da tecelagem na década de 1950, quando ela saiu de Santo André para São Bernardo, no loteamento do Baeta Neves.

São Bernardo havia se emancipado na década de 1940⁴⁴, desde então o município estava incentivando a implantação de indústrias, provavelmente a Tognato foi uma das beneficiadas com esses incentivos.

A reportagem do Diário do Grande ABC “São Bernardo, da olaria às indústrias” de 30 de outubro de 1977, trás indícios desses incentivos, embora não pudemos comprovar com documentos, eles nos revela a preocupação do prefeito em exercício na década de 1950 em atrair indústrias para São Bernardo.

“Lauro Gomes (...) foi eleito prefeito de São Bernardo, pela primeira vez, no início da década de 1950 (...). Suas ações, repletas de vivacidade, eram divulgadas pelos moradores (...) tanto que um dos seus expedientes mais usuais, ligados a industrialização, tornou-se, particularmente famoso. Era assim: Objetivando atrair industriais para o município, convidava donos de empresas para conhecer a cidade.

⁴³ Muitas indústrias no ABC que possuíam poço artesiano colocavam torneiras em uma área fora do imóvel da fábrica para que os moradores vizinhos pegassem água, geralmente era para beber.

⁴⁴ Emancipação de São Bernardo do Campo foi estabelecida no decreto lei de 14.334, de 30 de novembro de 1944.

citava as vantagens que São Bernardo oferecia: a proximidade do parque industrial com São Paulo e com o porto de Santos; as grandes áreas livres às margens da Via Anchieta; os mananciais da Billings; a mão-de-obra fácil e barata (...) Deixa a prefeitura para mostrar a cidade aos empresários. Antes de sair, no entanto, Lauro Gomes, com muita discrição, dava uma ordem já conhecida pelos funcionários: ‘os que tem carro podem deixar o trabalho. Mas não parem de circular pela Marechal Deodoro. Precisamos causar boa impressão aos visitantes’”.

Todo o processo de construção e mudança da tecelagem de Santo André para São Bernardo foi concluído por volta do ano de 1952, nesse novo local a tecelagem possuía galpões para o setor de lavanderia, tinturaria, costura, fiação, tecelagem, mecânica, vestiários, refeitório, enfermaria, administração, expedição e até mesmo uma área recreativa com um campo de futebol, no qual os funcionários disputavam campeonatos nos finais de semana e também serviu como campo de treinamento de times paulistas: Palmeiras, Santos e Corinthians.⁴⁵ Segundo depoimento do senhor Francisco, no terreno da tecelagem existia também uma horta, que era mantida pelos funcionários e servia para abastecer o refeitório da tecelagem com algumas hortaliças.

Com toda essa ampliação da tecelagem fica evidente que o seu crescimento produtivo e acúmulo de capitais foi constante e sólido nessa primeira metade do século XX. Possivelmente, a concentração de indústrias têxteis, facilidade de transportes, terrenos disponíveis na região do ABC, água e fornecimento de energia elétrica, contribuíram muito para esse crescimento.

Outro fator importante para o crescimento da tecelagem Tognato e de outras indústrias têxteis, que foram fundadas no ABC no mesmo período que a Tognato, foram as organizações dos grandes representantes têxteis do estado de São Paulo, que na virada do século XIX para XX, associaram-se para exigir do governo brasileiro medidas que melhorassem a produção têxtil no Brasil, criando leis e decretos, como o 5.650, que trata da revisão das tarifas que incidiam sobre tecidos, no qual o governo atendeu as reclamações dos industriais, no tocante as tarifas aduaneiras que incidiam sobre os tecidos. (CANO e CINTRA 1975 p.92)

Decretos como o citado e, medidas do governo municipal⁴⁶, favoreciam o setor têxtil, que estava em expansão e conseqüentemente favoreceu as tecelagens menores como foi o caso da Tognato.

⁴⁵ Depoimento coletado com o ex-funcionário Sr. Francisco Pampollin. Trabalhou na tecelagem entre a década de 1960 até a de 1990.

⁴⁶ Relatório apresentado à CMSB pelo prefeito municipal Saladino Cardoso Franco, referente ao exercício de 1917 – aprovado em 07/06 de 1918. Coloca-se a indústria de tecido como principal ramo, constatando-a como a de maior capital empregado, o que lhe garantia “todas as regalias” por parte do poder público municipal. Aponta-se que a lei nº 95, de 16 de setembro de 1911 – que concedia favores às indústrias – estava obtendo êxitos, com a instalação de estabelecimentos industriais considerados importantes no município. O prefeito conclui essas

Mesmo que, em alguns momentos, esse grupo, de grandes empresários do setor têxtil, tenham incentivado e exigido a criação de leis e decretos para desenvolvimento do setor, que favoreciam as pequenas tecelagens, eles também incentivaram e pressionaram o governo de São Paulo e Rio de Janeiro para a criação de leis e decretos, que desfavoreciam as pequenas indústrias, como abordamos anteriormente na questão da redução da importação de maquinários têxteis para conter o excesso de tecidos disponíveis no mercado, que estava levando a uma redução de preços e consequentemente dos lucros dos grandes empresários da época.

Essas medidas, proibição das importações de maquinários, atingiam diretamente as pequenas indústrias que estavam em expansão e não podiam comprar maquinários pela proibição das importações. Esse evento serviu como estímulo para o desenvolvimento dos maquinários copiados no Brasil para essas tecelagens menores.

A existência, de outras tecelagens, solidamente estabelecidas na região também contribuiu como um fator facilitador para o desenvolvimento da Tognato, pois o ABC já contava, no momento da fundação da tecelagem, com uma estrutura favorável a indústria têxtil, essa estrutura era garantida por incentivos municipais e governamentais, citados anteriormente, mão de obra com experiência na área têxtil e facilidade na aquisição de maquinário, que poderia ser comprados de duas maneiras: primeiro pela compra de maquinários usados das tecelagens do município de São Paulo e a segunda pela proximidade com a ferrovia uma das principais porta de entrada de maquinários importados na primeira metade do século XX que chegavam pelo porto de Santos.

Com dados e estudos realizados nessa pesquisa não nos parece que a existência de outras tecelagens produzindo os mesmos artigos da Tognato como colchas, produtos de lã e seda tenham representado uma concorrência significativa. Possivelmente existia uma demanda muito grande por produtos têxteis na região do atual ABC e também nas regiões vizinhas. A existência de outras tecelagens não afetou a Tognato nas primeiras décadas de suas atividades. Durante todo o período que o senhor Airton trabalhou na tecelagem ele nos afirmou que “ *a Tognato era um cobertor muito bom, não tinha concorrência. Quem fazia um pouquinho de concorrência pra nós era a Paraíba, lembra a do bonequinho e tal? Ta voltando, mas a Paraíba também caiu né? Ela era de São Jose dos campos.*”

O senhor Francisco também fez a descrição da qualidade dos tecidos e cobertores da Tognato, nos chamando a atenção que a qualidade dos cobertores não são iguais ao período em que ele trabalhava na tecelagem. Para comprovar o que estava falando ele pegou um cobertor e puxou os pelos, que saíram algumas penugens nas mãos, segundo ele isso era um sinal de que aquele não era um cobertor de qualidade, pois no período do senhor Iolando isso não acontecia.

Se no início eram produzidas somente colchas, nas décadas seguintes aos anos 1920 começou a produzir cobertores e tecidos de seda. Dedicando-se até o início do século XXI unicamente a produção de colchas de piquê e cobertores de lã.

Tornou-se popular e importante na região por oferecer um grande número de postos de trabalho para os moradores de São Bernardo; pelos seus produtos, que eram conhecidos pela longa durabilidade, e também pelas atividades de lazer. Outro aspecto presente nos depoimentos dos ex-trabalhadores da tecelagem são as relações sociais dentro da tecelagem, muitos dos trabalhadores eram parentes, eram aceitos e mesmo preferido que os trabalhadores indicassem parentes para trabalhar na tecelagem.

Além da preferência por trabalhadores com laços familiares as atividades de lazer foram destacadas, como os bailes realizados dentro do vestiário do campo de futebol e jogos realizados no campo, do qual participavam não só os próprios funcionários da tecelagem em campeonatos como também times profissionais.

Na descrição do senhor Airton sobre as atividades de lazer ele nos fala que na propriedade da tecelagem havia

...um salão de baile, a gente fazia baile onde eram os vestiários, inclusive o Palmeiras, o dono era palmeirense, o Palmeiras veio jogar aqui. O Palmeiras, jogar não, treinar, o Palmeiras vinha treinar aqui, o Santos chegou treinar aqui, que era um gramado muito bem cuidado, diziam que era um tapete. Eu não cheguei a pegar essa época entrei um pouquinho depois...

Possivelmente, o campo da Tognato era um importante local de lazer nos fins de semana, com a organização de campeonatos entre os trabalhadores ou pelos jogos realizados para treino dos clubes Palmeiras e Santos, quando estavam concentrados em São Bernardo, para os campeonatos que seria disputados na capital paulista.

A existência de campos de futebol nas tecelagens, é uma característica muito presente. Outras tecelagens da região também possuíam campos de futebol. O estádio 1º de Maio em São Bernardo, palco das greves do ABC ao longo dos anos de 1980, era o campo de futebol

de uma antiga tecelagem do município a Elni. Essa tecelagem foi desativada e suas instalações abrigam hoje o Poupa Tempo, ao lado do estádio de futebol.

A já citada obra de Stein, sobre a indústria têxtil brasileira, ele menciona a importância da tecelagem Pau Grande no Rio de Janeiro, essa também mantinha uma vila operária, mercearias e um campo de futebol para campeonatos nos finais de semana. O campo era utilizado por trabalhadores da fábrica, que se organizavam em times para disputar campeonatos nos finais de semana com o intuito de proporcionar lazer para os moradores da vila e trabalhadores da tecelagem⁴⁷.

Provavelmente os campeonatos que aconteciam no campo da Tognato foram se reduzindo diante do crescimento de São Bernardo e da criação de novos espaços de lazer disponíveis para a sociedade. Em 1976 o senhor Airton começou a trabalhar na tecelagem e o campo já estava abandonado.

O shopping Metrópole, construído quatro anos após a entrada do senhor Airton na Tognato, poderia representar uma das novas formas de lazer disponíveis em São Bernardo, pois, embora o objetivo do shopping seja vender, ele apresenta alguns dos seus produtos como lazer, o cinema, os restaurantes, os parques internos com jogos e brinquedos são apresentados pelo shopping como área de lazer, o que caracterizaria o crescimento de outras atividades de lazer independente das fábricas.

Na década de 1970 existiam aproximadamente 2 700 trabalhadores na Tognato, a população de São Bernardo também já havia ampliado bastante, como observamos na Tabela 7. No início década de 1990 ela possuía 2000 trabalhadores, já no final dessa década a tecelagem reduziu o número de trabalhadores para aproximadamente trezentos. Entre esses já não existiam mais trabalhadores menores de idade⁴⁸, mantendo a predominância de mulheres na produção da fábrica.

Essa redução do número de funcionários segundo depoimentos de ex-funcionários da tecelagem e de jornais da região⁴⁹ fez parte de um processo de reestruturação produtiva na qual a tecelagem já não necessitava mais de tantos funcionários para a produção das colchas e

⁴⁷ A descrição das atividade de lazer na tecelagem Pau Grande não estão presentes no estudo de Stein, ele dedica-se exclusivamente a produção dessa indústria, mas no livro de Ruy Castro “Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha”, esse autor nos traz uma descrição detalhada da importância do campo de futebol para o lazer da sociedade.

⁴⁸ Não existiam menores trabalhando na tecelagem porque a constituição de 1988, proíbe a contratação de jovens menores de 18 anos para trabalho que não seja na condição de aprendiz a partir dos 16 anos.

⁴⁹ Jornal: Diário do Grande ABC

cobertores, devido a modernização do maquinário e também por conta da terceirização de alguns setores da produção.⁵⁰

Concomitantemente a esse processo de reestruturação, como vimos no primeiro capítulo, houve a mudança da tecelagem do bairro Baeta Neves, para outra localidade, situada em um condomínio industrial na rodovia Anchieta Km 22 Sul, nas proximidades do bairro Planalto ocupando uma área bem menor, com 18 mil m², dessa forma a tecelagem reduz sua área de produção de 75 mil m² para 18 mil m².

As explicações sobre as transformações ocorridas na tecelagem como redução do número de funcionários, mudança para um galpão menor⁵¹ a partir da década de 1990 giram em torno da modernização da produção com a introdução de novos teares o que resultou em uma nova dinâmica na qual não havia necessidade de um imóvel tão grande para a produção. De fato no início da década de 1990, a indústria têxtil brasileira intensificou o seu processo de reestruturação produtiva com a modernização do maquinário e aplicação de novas técnicas que garantiam um aumento da produtividade.

Fazia parte dessa reestruturação a troca de maquinários e também a redução dos custos através do enxugamento da mão de obra necessária, mudança para regiões que ofereciam incentivos fiscais favoráveis, redução ou isenção de impostos, oferta de mão de obra barata e em alguns casos proximidade com as regiões produtoras das fibras para a indústria têxteis.

Diante disso, essas primeiras transformações da Fiação e Tecelagem Tognato na década de 1990 atendiam essa dinâmica da indústria têxtil brasileira, reestruturar, modernizar para concorrer com produtos importados que chegavam ao mercado brasileiro.

⁵⁰ Além disso também houveram mudanças na legislação brasileira na qual as indústrias não poderiam mais contratar menores de idade para trabalhar.

⁵¹ A mudança da tecelagem Tognato da avenida Pereira Barreto no bairro Baeta Neves em São Bernardo para o galpão da rodovia Anchieta implicou em uma redução de uma área industrial de 220 mil m² para uma área de 18mil m²

PLANTA DOS CORREGOS DA REGIÃO CENTRAL DE SÃO BERNARDO

4.4 A luta da Tecelagem Tognato entre 1990 e 2006

Até meados dos anos 1990 quem passasse de carro, de ônibus ou a pé ao longo da avenida Pereira Barreto poderia avistar o muro da tecelagem e parte da arquitetura dos seus galpões altos com teto que formavam um gigante serrote. A partir do ano de 2003 inicia-se uma mudança na tecelagem, o observador notaria galpões destelhados e algumas paredes derrubadas.

Em 2005 pudemos visitar as instalações da Tognato, na avenida Pereira Barreto, em companhia de um ex-trabalhador da tecelagem, o senhor Francisco. Ele nos descreveu o seu trabalho na tecelagem e as etapas necessárias para a produção dos fios, das colchas e dos cobertores, demonstrando um grande conhecimento de todo o processo produtivo da tecelagem. Nesse ano a demolição dos galpões da tecelagem já estava bem avançada. Não haviam demolido, até então, a lavandeira, a loja de fábrica e outras instalações menores que haviam servido de administração, vestiários, refeitórios e enfermaria.

Na lavanderia, no momento dessa visita, apenas alguns trabalhadores estavam no setor cuidando da lavagem dos tecidos para colchas. Na loja, haviam duas moças, que atendiam aos clientes. Todo o restante do processo produtivo da Tognato já havia mudado para o galpão da rodovia Anchieta.

A desativação da produção na avenida Pereira Barreto, demolição dos galpões da tecelagem, ocorreu devido as mudanças na tecelagem no processo de reestruturação produtiva, que implicou em reduzir a área ocupada pela tecelagem de 220 mil m² no bairro Baeta Neves, na avenida Pereira Barreto para uma área de aproximadamente 18 mil m² em um condomínio fabril na rodovia Anchieta, nas proximidades do bairro Planalto, bairro em que se concentram várias outras indústrias de segmentos diferentes, como indústrias de autopeças, e montadoras automobilísticas.

Quando a tecelagem foi para essa nova localidade, várias explicações foram noticiadas pelos jornais e revistas da região do ABC entre o ano de 2000 e 2005⁵² informando sobre essas mudanças que estavam ocorrendo. Em entrevista ao jornal, um dos diretores, Nívio Tognato, informou que a tecelagem estava entrando em um processo de modernização, segundo o qual não havia necessidade de galpões com as dimensões dos existentes na avenida Pereira Barreto, diante disso a tecelagem passava então de uma área de aproximadamente

⁵² Jornal Diário do Grande ABC e revista Livre Mercado.

75mil m² de área construída para outra área de aproximadamente 15mil m² na rodovia Anchieta.

Ocupar um espaço físico menor consistia em uma estratégia para redução de gastos, assim como a reestruturação produtiva, que modernizou a produção através de novos maquinários, que dinamizavam a produção necessitando de menos mão-de-obra, menos custos para a tecelagem.

Reduzir os custos era essencial para a modernização do processo produtivo da tecelagem, isso incluía reduzir os gastos do imóvel no Baeta Neves, pois o bairro estava adquirindo características do centro, valorizando os imóveis e, conseqüentemente, aumentando o valor do imposto predial, que tendia a impedir investimentos em novos maquinários.

Ocupando uma área menor contribuiria para a redução de gastos com manutenção predial, valor dos impostos e trabalhadores. Para efetivar essa mudança a Fiação e Tecelagem Tognato fez um investimento por volta de US\$ 3 milhões, conforme declaração do diretor no Diário do Grande ABC em maquinários modernos, que demandava menos trabalhadores, o que reduziria o gasto com mão-de-obra.

Mudar a Tognato para um espaço físico menor, na rodovia Anchieta, não reduziu de todo os seus gastos, pois a saída da Pereira Barreto, ocorreu em 2000, mas entre esse ano e 2005 esse imóvel continuou representando um custo para a tecelagem, com a dívida do IPTU.

A princípio, nesse terreno da avenida Pereira Barreto, deveria ser construído um condomínio residencial e empresarial, que geraria riquezas para os proprietários da Tognato e postos de trabalho.

Empreendimento esse, aproveitando-se da proximidade com o centro comercial de São Bernardo, seria chamado de “Cidade Tognato”. Nesse projeto o condomínio teria várias torres empresariais, comerciais, residenciais e espaços de lazer.

Para a execução desse projeto foi contratado o arquiteto Greco, que elaborou o projeto e encaminhou para a prefeitura do município, o projeto foi aceito, mas as incorporadoras do ramo imobiliário não demonstraram um interesse. Não encontrando um apoio do ramo imobiliário o projeto não foi colocado em prática por falta de condições financeiras, sendo assim, a Tognato não conseguiu dar uso ao terreno da avenida Pereira Barreto nem recursos para manutenção do mesmo e investimento em novas modernizações na tecelagem. A tecelagem continuou com o problema: falta de capital e dívidas com IPTU se acumulando.

No ano de 2005 a Fiação e Tecelagem Tognato voltou a ser destaque nos jornais da região do ABC, devido a falta de pagamento dos trabalhadores. Fato inédito para uma

indústria com quase cem anos, que segundo depoimento de ex-trabalhadores como o senhor Airton era uma das fábricas que melhor pagavam aos seus trabalhadores.

“Teve uma época, que pagava melhor que a Volkswagen. Um tecelão nosso ganhava mais que um ajustador um torneiro lá na Volks ou ajudante. Depois lógico a indústria automobilística desenvolveu muito e eles começaram a ganhar mais que nós e começamos a perder muitos empregados nossos pra eles. Pagavam bem pra produção”.

Quando a tecelagem passou a não cumprir os pagamentos de salários, aluguéis do galpão na Anchieta, tínhamos um breve vislumbre de que a transferência da tecelagem para a Anchieta e a redução do número de trabalhadores era muito mais que medidas de reestruturação produtiva. Estaria a tecelagem perdendo seu potencial produtivo e riqueza acumulada por quase cem anos?

Os desdobramentos seguintes, processos trabalhistas, ordens de despejo e paralisação da produção, podem ser considerados indícios do declínio dessa indústria quase centenária. A Tognato estava com um débito de aproximadamente US\$ 1 milhão referente ao pagamento dos trabalhadores e do galpão alugado no qual mantinha sua produção na Anchieta.

Entre abril e maio de 2005 a tecelagem permaneceu por 51 dias com a produção paralisada e seus trabalhadores em férias coletivas sem receber salários. Após esse período a tecelagem retoma suas atividades estabelece acordo com os proprietários do imóvel e com os trabalhadores. Os trabalhadores últimos teriam seus pagamentos regularizados nos meses seguintes através de parcelamentos.

Nesse acordo estabelecido com os trabalhadores, que totalizavam aproximadamente 72, ficou definido que eles receberiam os salários em atraso até o mês de agosto, os depósitos de fundo de garantia, INSS e férias seriam realizados até dezembro. Como garantia de que a tecelagem cumprisse o acordo parte do seu imóvel, 17 mil m² foi arrestado para pagamento de dívida trabalhista.

Segundo o jornal local, um dos fatores alegados pela senhora Elizabeth Tognato, diretora da empresa, foi que a tecelagem passou a acumular dívidas a partir do ano 2000, pois houve um grande investimento na troca do maquinário, acreditando que o projeto “Cidade Tognato” seria levado adiante, rendendo capital que seria investido na modernização da tecelagem, como já vimos o projeto não foi adiante, representando um aumento dos custos da empresa, pois ela precisava pagar o aluguel, impostos do galpão e o IPTU do imóvel da

avenida Pereira Barreto, que em 2005 estava acumulado em 30 milhões de Reais, referente ao período de 2000 a 2005, arcando também com os custos da produção. Em meados de 2006 a Tognato entra em falência.

Em 2007 foi entregue uma parte do terreno da tecelagem à prefeitura do município de São Bernardo como pagamento de IPTU que estava em atraso desde o ano de 2000.

A Fiação e Tecelagem Tognato representava uma das últimas indústrias de origem familiar do ABC do segmento têxtil, fundada no início da industrialização dessa região. Sua desativação no Baeta Neves e falência em 2006 coincide com a evasão industrial do ABC nesse período.

Após a falência a marca Tognato foi incorporada à T4 Indústria de Comércio Importação e Exportação de propriedade da senhora Elizabeth Tognato e José Vicente Novita Martins. Essa empresa foi fundada em dezembro de 1995. Registrou-se na Junta de Comércio do Estado de São Paulo como empresa do ramo químico-farmacêutico, e em agosto de 2001 passa a produzir artefatos têxteis para uso doméstico.⁵³ Até o setembro de 2005 a T4 estava registrada em Santo André com um capital declarado de R\$ 3.000,00; em outubro do mesmo ano ela passa a ter o endereço da Fiação e Tecelagem Tognato na Anchieta com capital da sede alterado para R\$ 30.000,00. A empresa T4 manteve o nome da antiga tecelagem Tognato como marca dos seus produtos, T4 Tognato, segundo informação no sítio virtual da empresa, mantendo também a tradição da produção e da qualidade dos cobertores e colchas. Item esse que é questionado pelos ex-trabalhadores que concederam depoimentos para essa pesquisa como nos revela o senhor Airton: *“Trabalho muito bonito, muito bem feito muito bem elaborado, produto de primeira o seu Iolando achava que o produto tinha que durar pelo menos 50 anos, se não nada feito.”* O senhor Francisco, como já citamos anteriormente, também faz a comparação entre a qualidade dos cobertores no período do senhor Iolando Tognato e a nova geração.

Possivelmente foi a qualidade dos produtos da Tognato que contribuiu para seu crescimento ao longo do século XX, mas seguindo a lógica do custo da produção e comercialização relacionado ao consumo, um produto não pode ter uma durabilidade de 50 anos, isso significaria a estagnação da produção, pois não haveria necessidade de comprar novos cobertores.

Em 2005 a Fiação e Tecelagem Tognato manteve a lavanderia, pudemos verificar a sua atividade no galpão da avenida Pereira Barreto, no entanto quando visitamos a T4

⁵³ Informações cedidas pela Junta Comercial do Estado de São Paulo em 2009.

Tognato (que funcionava nas instalações da já falida Tognato), não havia na fábrica a seção da lavanderia. Ao realizarmos a entrevista com o senhor Airton, ele nos informou que não existia lavanderia, porque após a desativação da mesma na avenida Pereira Barreto, a T4 Tognato terceirizou o processo de lavanderia para outra empresa.

Após a visita em 2008, tentamos marcar uma nova entrevista e observação da tecelagem, no entanto o encarregado não nos recebeu e a proprietária não nos concedeu entrevista ou permissão para visitar as instalações da tecelagem. Tentamos o contato por telefone, cartas, e-mail e pessoalmente, mas nada nos foi concedido. Isso não gerou um impedimento para a realização deste trabalho, ao contrário nos direcionou a buscar e trabalhar com outras fontes como jornais, revistas, depoimentos e análise de documentos que trouxessem informação sobre a tecelagem.

A TECELAGEM E O BAIRRO

5. A fiação do Baeta na trama da Tognato: a tecelagem transforma o bairro ou o bairro transforma a tecelagem?

Agora você vai ver as novidades – Lá os Sampieri constroem, aquele é um edifício novo de gente de Novara, e as monjas, também as monjas, se lembra do jardim com bambus que se via lá embaixo? Agora, olha só que buraco, quem sabe quantos andares querem levantar sobre aqueles alicerces! E a araucária da vila Van Moen(...), agora a empresa Baudino comprou toda a área, uma planta com a qual deveria ter se preocupado a prefeitura, transformada em lenha para queimar; de resto, mudá-la era impossível, quem sabe onde chegavam as raízes. Venha deste lado, agora; aqui a leste, já não haviam nenhuma vista para tirar-nos, mas veja aquele novo telhado que apareceu: pois bem, agora o sol, pela manhã, chega aqui meia hora depois⁵⁴.

5.1 Transformações do bairro Baeta Neves

A Avenida Pereira Barreto é uma importante via de circulação para o município de São Bernardo e embora ainda não possuísse essa denominação nas primeiras décadas do século XX, ela existe desde então. Surge na década de 1920, juntamente com o bairro Baeta Neves através da implantação do trilho para bonde da Companhia Melhoramentos, que pertencia a família Pujol.

O caminho do bonde, que transformou-se na avenida Pereira Barreto, era o principal caminho entre São Bernardo e Santo André. A partir daí, atraiu diversas indústrias⁵⁵ devido a confluência entre a rodovia Anchieta, que estava em construção, e a linha férrea Santos-Jundiaí.

Uma das primeiras indústrias a se instalar no bairro nesse período foi a Fiação e Tecelagem Tognato que, como já abordamos anteriormente, comprou um terreno no início da década de 1940, no qual construiu diversos galpões que abrigavam sua produção. Na mesma década outras indústrias de menor porte, geralmente indústrias de móveis, instalaram-se no bairro.

Em seu depoimento o senhor Airton nos descreve a avenida.

⁵⁴ CALVINO, I. A especulação imobiliária. p.09

⁵⁵ Folha de São Bernardo Suplemento especial 1978-1979 parte dois.

Quando a Tognato veio pra cá (...)a Pereira Barreto, isso aqui era uma estrada era de terra, isso aqui você não via nada (...), você via a Tognato, dava pra ver a igreja aqui e uma fabriquinha, que tinha aqui embaixo de móveis, o resto era tudo mato, você via só mato. As vezes o ônibus vinha e atolava, depois começaram a calçar. Quando a Tognato veio pra cá, não tinha nada, só meia dúzia de casas.

A partir do momento em que a tecelagem entrou em funcionamento, início da década de 1950, o bairro Baeta Neves passou a conviver com uma nova dinâmica, seu número populacional cresceu, já que muitos dos operários da fábrica foram residir nesse bairro pela oportunidade de comprar um terreno mais barato do que os terrenos em Santo André. O senhor Airton atribui o crescimento do bairro em detrimento da tecelagem *“o Baeta nasceu em função da Tognato, porque quando a Tognato veio pra cá tinha 30 ou 40 casas aqui no máximo e, hoje em dia se pergunta a qualquer morador aí, ou teve um tio ou teve um avô ou teve alguém que trabalhou na Tognato”*.

Provavelmente muitos moradores foram para esse bairro por incentivos da tecelagem, ela não construiu uma vila operária, como outras indústrias fizeram, mas construiu seis casas no Baeta Neves, na qual alguns de seus trabalhadores moravam. O senhor Airton foi um dos beneficiados com uma das casas da Tognato, *“essa casa aqui era da fábrica (...). Essas casas todas aqui em volta daqui até lá embaixo a da esquina, o sobradinho, era tudo da Tognato. Casas que eles davam pros funcionários morar aí eu vim morar aqui e acabei comprando a casa deles aqui”*.

As casas não eram dadas aos funcionários, isso evidencia-se no final da fala do senhor Airton quando ele diz que acabou comprando a casa. Nem todos os trabalhadores da tecelagem recebiam casas no Baeta para morar, provavelmente os primeiros trabalhadores que foram na década de 1950 para São Bernardo e eram responsáveis por cargos de chefia, recebiam as casas como estímulo para continuar na tecelagem não precisando fazer o percurso entre São Bernardo e Santo André.

Nas décadas seguintes com a chegada das indústrias automobilística e autopeças, o município de São Bernardo passou por um grande crescimento econômico e populacional, isso levou a uma transformação espacial significativa para muitos bairros, com a criação de novas vias de circulação e alargamento das já existentes atendendo a necessidade das indústrias que se estabeleceram no município de São Bernardo.

Uma das vias que provocou transformações na região do ABC e também na RMSP foi a Rodovia Anchieta. Construída no decorrer da década de 1950, interliga o município de São Paulo com o litoral paulista. Essa rodovia estadual atravessa o município de São Bernardo e muito favoreceu as indústrias que ali estavam e incentivou muitas outras a se instalarem no município, alguns exemplos são a Volkswagen, a Mercedes Benz e a Ford, embora as duas últimas não estejam na rodovia, estão muito próximas a ela.

Essas transformações promovidas pela Anchieta estão diretamente ligadas ao Baeta Neves, pois o bairro que até então abrigava trabalhadores da Tognato passou a abrigar também trabalhadores das indústrias que vieram para São Bernardo devido a rodovia.

A proximidade da Anchieta também favoreceu a Tognato, pois essa estando a uma distância de aproximadamente 3Km da rodovia dispunha da facilidade de escoamento de sua produção que era feita por transportadoras para longas distâncias ou pela própria Tognato para distâncias mais curtas aproveitando-se desses caminhos.

De acordo com o senhor Airton:

...em São Paulo, alguns bairros mais próximos eram os nossos caminhões que faziam a entrega, e a maioria agente mandava por transportadoras. O ABC e os lugares mais perto, Guarulhos, Osasco, Ribeirão Pires, agente entregava, mas fora agente mandava por transportadoras, não compensa. Hoje pior ainda pois tem os horários que pode, tem caminhão que pode entregar que não pode. É difícil fazer o roteiro de carga porque tem os horários de entrega.

A avenida Pereira Barreto é importante para o Baeta Neves e para a cidade de São Bernardo por ser um entroncamento entre a rodovia Anchieta, que conduz tanto para São Paulo quanto para o Porto de Santos e o município de Santo André, que também permite a conexão para São Paulo como ao porto de Santos através da ferrovia. Embora essa última tenha perdido sua importância diante da rodovia Anchieta para transporte de cargas.

Com o aumento da circulação de pessoas e carros na avenida Pereira Barreto, o crescimento industrial e populacional do município de São Bernardo, o bairro Baeta Neves também cresceu e apresentou transformações significativas ao longo das décadas seguintes.

Na avenida Pereira Barreto se instalaram as fábricas e atividade comerciais, o comércio foi crescendo cada vez mais se diversificando ao contrário da atividade fabril. Isso não significa que houve um incentivo maior para a atividade comercial em detrimento da fabril, pois as fábricas que instalaram-se ao longo da avenida escolheram os terrenos menos acidentados do Baeta e compraram grandes lotes, que eram cortados pelo Ribeirão dos

Meninos ou como é conhecido popularmente Ribeirão dos Couros, que devia resolver o problema do destino dos dejetos de esgoto das fábricas. O comércio se estabeleceu na porção dos terrenos mais acidentados em lotes menores, o que possibilitou o crescimento do número de estabelecimentos comerciais.

Esses estabelecimentos comerciais, a princípio eram bares pequenos que serviam alimentação aos operários. Na década de 1960 foi construída a escola profissionalizante ETE Lauro Gomes, que atendia a necessidade das novas fábricas do município e região. A avenida até meados da década de 1970 não possuía muitas atividades comerciais, como lojas e mercados, o que predominava em sua paisagem era a Tognato.

A partir da década de 1980 as atividades comerciais tornaram-se muito mais intensas ao longo da avenida Pereira Barreto e do bairro Baeta Neves, promovendo uma nova configuração a avenida que até então era marcada pelas chaminés e caixas d'água das fábricas.

É importante observarmos que não ignoramos o fato de que no momento em que houve o loteamento da fazenda da família Baeta Neves, que deu origem ao bairro houve uma transformação espacial importante, de área rural à área urbana, ao analisarmos o loteamento a chegada das fábricas a expansão do comércio ao longo do século XX, pretendemos compreender essa transformação espacial dentro das dinâmicas urbanas, pois agora diferentemente do início do século XX, não houve a mudança de uma dinâmica rural para urbana, mas as mudanças que estão ocorrendo são dentro da dinâmica das relações urbanas. É o urbano e o processo de metropolização em cena, nos desafiando para compreendê-lo.

Observar a trajetória da Tognato oferece elementos que nos permitem compreender o desenvolvimento do bairro e ao observar o bairro, encontramos elementos que permitem melhor compreender as transformações da tecelagem. São esses elementos que nos possibilita perceber que a tecelagem foi importante para o bairro, que o bairro foi importante para a tecelagem, mas a desativação da tecelagem envolve outros fatores que independem do bairro, assim como as mudanças no bairro envolve outros fatores que não a desativação da tecelagem. A saída da tecelagem só dinamizou o processo que estava em curso.

Outro fator importante para compreendermos as transformações que ocorrem no bairro foi o desenvolvimento do centro comercial de São Bernardo que se expandiu até as proximidades do bairro Baeta Neves.

O centro comercial de São Bernardo, cumpre um importante papel para a região do ABC e também para a região metropolitana, pois ele atende aos moradores de São Bernardo e dos demais municípios que estão a sua volta. Se em meados da década de 1970 para um

morador da região do ABC comprar algo ou pagar uma conta era necessário ir até o centro do município de São Paulo, na passagem do século XX para o XXI isso não é mais necessário, pois ele pode realizar suas compras e pagar ou resolver suas problemas bancários no centro comercial de São Bernardo, esse é um dos aspectos da metropolização, o desenvolvimento de novas centralidades espalhadas pela metrópole e na região metropolitana.

O crescimento do centro comercial de São Bernardo chegou até as proximidades do bairro Baeta Neves, através da avenida Prestes Maia e rua Dos Vianas com a instalação de comércios, lojas mercados, hospitais, escolas privadas e redes de supermercados.

Em maio de 1980 houve a inauguração do shopping Center MetrÓpole, popularmente conhecido como Jumbo devido a existência do supermercado de mesmo nome, que era a loja âncora do shopping. Além do supermercado existiam outras lojas, menos populares, o cinema e a praça de alimentação. O shopping esta no centro da cidade, em frente ao paço municipal e ao lado do terreno da Tognato. Após a inauguração do shopping, concessionárias de veículos, redes de supermercados, centros médicos e hospitais instalaram-se nas proximidades do centro comercial, nos terrenos da avenida Pereira Barreto em frente a Tognato, dando sequência no processo de formação e transformação espacial no Baeta Neves.

O Baeta Neves contava com atividades comerciais como já citamos anteriormente e também com a existência de bancos, mercados, centros culturais da prefeitura municipal, teatro público e hospital. Ao mesmo tempo que houve a expansão do centro comercial de São Bernardo em direção ao Baeta houve a expansão das atividades comerciais do Baeta em direção ao centro da cidade. Esses dois movimentos, interno e externo ao bairro possibilitaram a aproximação do bairro com o centro do município. Isso contribuiu para a configuração do novo perfil do bairro e de seus moradores?

A expansão do comercio na avenida Pereira Barreto, sobretudo a partir do Shopping MetrÓpole com lojas de roupas, calçados, eletrodomésticos, produtos eletrônicos, lojas de departamento, cinema, praça de alimentação com restaurantes de vários tipos e parque de diversão para crianças e jovens; revendedoras de veículos, supermercados, centros hospitalares privados, escolas privadas. Todas essas novas atividades econômicas promoveram diversas transformações na paisagem do bairro.

As pessoas, que por ali circulavam nos anos 1990, já não eram, tão somente operários das fábricas e moradores humildes do bairro e das cidades vizinhas, mas também clientes do shopping center, das concessionárias, mercados e pacientes dos hospitais. Com essas mudanças o valor dos imóveis também mudou, pois devido as facilidades como hospitais, supermercados, shopping center, que encontram-se nas proximidades do Baeta Neves, houve

a valorização do bairro, pois quando as imobiliárias fazem anúncios de imóveis vendem não só o terreno, a casa, o apartamento, mas também vendem os equipamentos públicos e privados existentes no bairro.

Como exemplo de equipamento privado vendido pelas imobiliárias, podemos citar o shopping, as escolas privadas os mercados; os equipamentos públicos são os parques⁵⁶, praças, proximidades das vias de circulação e de linhas de ônibus que conectam a cidade com a metrópole.

Final da década de 1980, foi construído o corredor de ônibus interligando municípios do ABC com os bairros Jabaquara, Brooklin e São Mateus do município de São Paulo. A construção desse corredor foi muito importante para uma nova transformação no ABC e no Baeta Neves, pois agora era muito mais fácil para os moradores do ABC circularem pelos municípios e chegar até a metrópole paulista sem precisar de vários ônibus nem pagando diversas passagens, existia agora linhas de ônibus que cumpriam jornadas mais longas, levando a população a lugares distantes com pagamento de uma só passagem, já que tornou-se possível a troca de ônibus dentro dos terminais espalhados pela região.

Os imóveis localizados ao longo do corredor de ônibus tornaram-se atrativos para os empreendimentos comerciais, pois com a passagem diária de milhares de usuários de ônibus ao longo do corredor esses empreendimentos estariam no campo de visualização dessas pessoas. Em geral os empreendimentos que mais se destacam ao longo desse corredor são as revendedoras de veículos, lojas de departamento para material de construção civil, lojas de tintas, supermercados, shopping Center e centros médicos hospitalar privado.

Na década de 1990 o referido shopping, amplia o número de lojas através de reformas, como a saída do supermercado Jumbo, a principal loja do shopping até então. Reformulou o seu espaço e atividades oferecidas para os clientes⁵⁷, isso atraiu um novo público, pois as pessoas que iam ao shopping pela existência do mercado para fazer compras de produtos de uso no cotidiano doméstico deixaram circular pelo shopping, esse a partir de então passou a atrair um outro público, voltado para atividades de lazer, como já nos referimos anteriormente. Essa reforma trouxe um maior número de clientes e aumentou a circulação nas proximidades do shopping.

Nas ruas próximas ao shopping, que em sua maioria já compõem parte do bairro Baeta Neves, os terrenos que estavam desocupados foram ocupados com a construção de

⁵⁶ Em Agosto de 2007 foi inaugurado o Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Marostica ao lado da ETE Lauro Gomes, bem próximo ao Baeta Neves.

⁵⁷ Uma das atividades oferecidas pelo shopping depois da reforma foi a apresentação semanal de músicos e intérpretes conhecidos da música brasileira como, Leila Pinheiro, Elba Ramalho entre outros.

novos empreendimentos, condomínios residenciais verticais de alto padrão, muito diferente e contrastante com os imóveis dos antigos operários do bairro Baeta Neves. Essa verticalização é notada pelos moradores do bairro como nos revela o depoimento do senhor Airton *“Já tem uns 10 anos pra cá, o Baeta, você olha assim e fala, mas pera aí, não tinha ontem aí como ele ta aí? Ta um sobe, sobe, aí que você olha assim e ta tudo vertical”*.

A partir de então, meados da década de 1990 e mais acentuadamente no final dessa década, antigas casas de operários começaram a serem vendidas, cedendo espaço para a construção de novos condomínios verticais de alto padrão. O senhor Airton nos informou que as construtoras *“compram as casas e levantam os prédios, e terreno no Baeta é difícil pra maioria ta tudo terreno caro desmanchando e construindo.”*

Na passagem do século XX para o XXI as transformações no bairro Baeta Neves são visíveis, os moradores já não são os mesmos, as pessoas que circulam já não usam mais macacões de fábricas, alguns galpões de antigas fábricas passam a abrigar outros ramos de atividade, geralmente ligadas ao setor de serviços. A única a permanecer no local em operação na virada do século XX foi a Fiação e Tecelagem Tognato, que mantinha o setor de lavadeira na Pereira Barreto. No entanto, ela também já estava em processo de mudança para o galpão na rodovia Anchieta na altura do bairro Planalto.

Alguns galpões da Fiação e Tecelagem Tognato, na avenida Pereira Barreto, permaneceram em pé até o ano de 2006 a maioria existiam apenas suas ruínas, a partir de 2007 iniciou-se a demolição dos galpões e muros da tecelagem e a única coisa que até o momento permanece em pé, do antigo imóvel da tecelagem, é a torre da caixa de água, como já citamos anteriormente, que agora leva o nome das construtoras que compraram a área e estão erguendo um novo condomínio no terreno, Cyrela Agra e construtora Setin.

Em 2006 foi entregue a prefeitura de São Bernardo uma área do terreno da Tognato de 44.566m² como pagamento de dívidas da tecelagem para o município. Essa área foi ocupada por um terminal de ônibus. Em 30 de maio de 2007 houve o leilão desse terreno.

O terminal permaneceu nesse local, cruzamento da Aldino Pinotti com a José Versolato até o final de 2007. Esse terminal estava em uma área que pertencia a Tognato, percebemos isso, pois em uma visita realizada a Tognato em companhia do senhor Francisco, ex-trabalhador da tecelagem em 2005 ele nos direcionou até o local onde eles plantavam a horta, o mesmo local onde estava o terminal, essa observação nos levou a buscar informações sobre a implantação do terminal naquele local junto a prefeitura municipal.

Ao realizarmos consultas na prefeitura municipal de São Bernardo do Campo em 2006 para sabermos se o terminal estava em parte da propriedade da Tognato, tanto o setor de

Planejamento Urbano quanto o de Título e Imóveis nos informaram que de forma alguma o terminal estava ocupando área da tecelagem, no entanto, o senhor Campanaro ex-trabalhador da tecelagem e membro do sindicato dos tecelões afirmou que aquela foi sim uma área pertencente a tecelagem, que foi desapropriada para o alargamento da rua José Versolato, que passa ao lado da tecelagem, alargando a avenida entre a tecelagem e o shopping, para que ocorresse esse alargamento houve a desapropriação de uma faixa lateral do terreno da tecelagem e a desapropriação de uma longa faixa ao longo do terreno onde estava o imóvel da Tognato dando origem a avenida Aldino Pinotti, o que fez com que o imóvel da tecelagem ficasse dividido em dois.

Para o senhor Airton, o terminal de ônibus *“Não chegou a pegar nosso terreno, “(...) Não chegaram a pegar nada nosso...”*.

Embora no relato do senhor Airton ele afirme que não houve desapropriação do imóvel da tecelagem, ao fazer a descrição de como fica o terreno após o alargamento da José Versolato e a construção da avenida Aldino Pinotti nos evidencia que houve não só a desapropriação como também a canalização do córrego para a passagem da avenida Aldino Pinotti.

o que foi desapropriado nosso foi é a avenida onde é o rio, Aldo Pinotti (Aldino Pinotti) uma coisa assim, a Lauro Gomes ali o nosso terreno dava duas frente antigamente, Pereira Barreto e Avenida Vergueiro, com essa passagem ai ele ficou com quatro frente, Pereira Barreto Lauro Gomes, Lauro Gomes, Vergueiro. Dividiu o terreno e ficou muito melhor ficou uma avenidona ai que vai desafogar, porque ela vai emendar com uma outra avenida aqui, que no futuro vai emendar para lá, vai passar pela baronesa vai chegar até Mauá então, a dificuldade, que o trânsito aqui em São Bernardo esta meio caótico né? Tem hora que não dá pra andar.

A princípio essas informações parecem contraditórias, a prefeitura diz que não houve desapropriação, mas o terreno da tecelagem foi dividido em duas partes para a passagem de uma avenida e alargamento da outra. O senhor Campanaro, membro do sindicato afirma que houve a desapropriação de parte da tecelagem, o senhor Airton morador do Baeta Neves e ex-trabalhador da tecelagem diz que não houve desapropriação, mas confirma a divisão do terreno da tecelagem em duas partes. Essa contradição nos revela como estão sendo feitas as transformações no Baeta Neves e no entorno do centro de São Bernardo.

Em 2006 a área do terreno da Tognato ainda não havia sido vendido, mas as imobiliárias da região já especulavam os valores possíveis do terreno e possíveis usos para esse terreno, acreditamos que propostas já estavam sendo feitas para a uso do terreno isso

pode ter levado a prefeitura a dar respostas e informações vagas sobre o local onde estava o terminal.

Outra informação que obtivemos no setor de planejamento da prefeitura foi o projeto de prolongamento da rua Kara, que vai da avenida Vergueiro até a avenida Pereira Barreto. Para efetivar esse prolongamento mais uma porção de terra da Tognato precisaria ser desapropriada. Em meados de 2007 foi iniciada as obras de abertura da rua Kara passando pelo terreno que antes pertencia a Tognato. O prolongamento dessa rua é importante para as transformações observadas porque ela possibilita a circulação das pessoas tanto de carro quando a pé entre a avenida Vergueiro e Pereira Barreto sem a necessidade de deslocamento até o paço municipal para ir de uma avenida a outra. A existência da tecelagem impedia essa circulação.

Outro aspecto desse prolongamento é que o mesmo tende a aumentar a expansão do centro comercial da cidade, pois a partir da rua Kara até o Paço Municipal já estão sendo instaladas revendedoras de veículos, lojas e empresas prestadoras de serviços, que estão sendo beneficiadas pela abertura dessas novas ruas e avenidas.

O terminal de ônibus, que ao qual nos referimos há pouco, permaneceu no cruzamento da Aldino Pinotti com a José Versolato até 2008, a partir do momento em que iniciaram as obras do condomínio no terreno comprado da tecelagem esse terminal foi desativado e transferido para as proximidades do cruzamento da Aldino Pinotti com a rua Lauro Gomes.

O referido terminal nos chama a atenção porque ele a princípio foi construído no terreno da tecelagem e a partir de 2008 foi transferido para uma área que até 2007 eram moradias precárias, barracos. Isso nos faz acreditar que o terminal de ônibus é uma estratégia para evitar a expansão desses barracos que formariam uma favela nos terrenos que estavam aguardando as construções dos condomínios, o que levaria a desvalorização desses empreendimentos que são vendidos como condomínios de luxo. É provável, inclusive, que esse terminal após a construção dos condomínios, seja desativado, pois poucas pessoas utilizam o terminal para tomar o ônibus, assim como poucas tem no terminal o seu destino final.

Todo esse processo que acabamos de descrever foi a partir da venda do terreno da Tognato, mas até esse momento não houve a divulgação do valor de venda, as construtoras que comparam pediram sigilo do valor da transação, existem especulações sobre esse valor. Várias lacunas como a venda e desapropriação do terreno da tecelagem, alargamento de rua, construção de terminal de ônibus permeiam essas transformações que vem ocorrendo no Baeta Neves, mas observando as mudanças do terminal podemos perceber alguns detalhes que

esclarecem essas lacunas e que geram a contradição sobre a desapropriação ou não de parte do terreno.

As transformações estão ocorrendo com uma velocidade impressionante no bairro Baeta Neves. A saída das fábricas, e principalmente a saída da tecelagem, acentuou o processo de transformações no bairro embora não sejam exclusivamente as responsáveis pelas mudanças observadas.

Foto 1- Vestiários da Tognato na avenida Pereira Barreto ao fundo prédios do bairro Baeta Neves (foto da autora 10/05/05)

Foto 2 - Refeitório da Tognato na avenida Pereira Barreto (foto da autora 10/02/05)

Foto 3- Local onde ficava o campo de futebol da Tognato. Além dos arbustos que nasceram no meio do campo é possível ver os prédios e parte de uma das revendedora de automóveis. (foto da autora 04/07)

Foto 4 - Galpões da fiação e tecelagem a esquerda com teto em forma de serrote, galpões de acabamento e expedição a direita e ao fundo a caixa d'água da Tognato. (foto da autora 10/02/05)

PLANTA DA TECELAGEM

PLANTA PARCIAL DA REGIÃO CENTRAL DE SÃO BERNARDO

FOTOGRAFIA AÉREA

5.2 A tecelagem transforma o bairro? Ou o bairro transforma a tecelagem?

Responder a pergunta: a tecelagem transforma o bairro ou o bairro transforma a tecelagem? É um questionamento importante para compreendermos as transformações ocorridas no bairro Baeta Neves, no município de São Bernardo do Campo e também as transformações na Fiação e Tecelagem Tognato.

A princípio as transformações ocorridas no bairro e na tecelagem estão muito ligadas e se confundem, nos levando a questionar se as transformações do bairro foram somente pelo chegada da tecelagem? E em outros momentos questionamos se a transformação da tecelagem foi pelo crescimento do bairro? A tecelagem é desativada porque o bairro cresceu e promove um processo de expulsão da atividade fabril? Ou podemos pensar: com a saída da tecelagem o bairro se transforma e se valoriza?

Para chegarmos a esse esclarecimento é importante observarmos que o bairro em seu processo de formação é anterior a chegada da tecelagem Tognato, no entanto também precisamos avaliar que a tecelagem teve um importante papel para o bairro, pois esse só apresentou um crescimento significativo, com a venda de lotes para os trabalhadores da tecelagem.

A tecelagem e o bairro possuíam uma ligação importante, pois a tecelagem instala-se no bairro Baeta Neves, que só apresentou um crescimento significativo a partir da instalação da tecelagem. O bairro abrigou ao longo da segunda metade do século XX trabalhadores da tecelagem e trabalhadores de outras indústrias do município e região, que resultou de uma dinâmica diferente para a tecelagem após a chegada de moradores de outras indústrias.

A Tognato obedece as dinâmicas do capital, o bairro obedece as dinâmicas da sociedade, mas sabemos que as dinâmicas capitalista só existem porque existe a sociedade, o capital não é uma entidade desassociada da sociedade, é a sociedade que promove e alimenta as relações capitalista, dessa forma as transformações da Fiação e Tecelagem Tognato e as transformações do bairro Baeta Neves obedecem tanto as dinâmicas capitalistas quanto as dinâmicas sociais, dinâmicas essas que estão relacionadas com o espaço, produção e reprodução desse espaço.

Para melhor compreendermos essas dinâmicas fazemos a análise das transformações do bairro no decorrer do século XX e início do XXI para compreendermos e obtermos a resposta a nossa pergunta: a tecelagem transforma o bairro ou o bairro transforma a tecelagem?

Na década de 1920 foi colocado a venda sob a forma de loteamento, a área que hoje corresponde ao bairro Baeta Neves, no município de São Bernardo. Nos primeiros anos do loteamento poucos lotes foram vendidos, não haviam compradores interessados pelos terrenos do loteamento, pois os mesmos estavam distantes do centro comercial do então município Santo André⁵⁸ e não contava com benfeitorias, como rede elétrica, transporte público e etc.

O primeiro e único benefício existente para os que estabeleceram-se no Baeta Neves era a existência de uma linha de bonde que funcionava entre o bairro e a estação de trem no atual município de Santo André. É possível que essa distância entre o Baeta Neves e a estação ferroviária, tenha inibido a compra dos lotes nos primeiros anos em que os mesmos foram colocados a venda.

No final da década de 1930 o atual município de São Bernardo separa-se do município de Santo André. A partir dessa separação é construído o paço municipal de São Bernardo, nas proximidades do bairro Baeta Neves.

Década de 1940, aproveitando-se do baixo custo do terreno e outras peculiaridades que abordamos anteriormente a Fiação e Tecelagem Tognato compra uma área de 220 mil m², para instalação dos galpões para o processo produtivo. Além do terreno para a instalação da tecelagem a família Tognato comprou outros lotes no bairro Baeta Neves como forma de investimento e para construção de moradias para alguns trabalhadores da tecelagem. Como nos relata o senhor Airton

essas casas aqui ó (...), aqui tem o hospital, essa parte do hospital e o posto de gasolina aqui era deles e as casinhas aqui onde eu tô, as casinhas, todo o quarteirão aqui era deles, o posto de gasolina, o hospital as casinhas era deles. Esse buraco que tem no posto de gasolina⁵⁹ foi terra que tiraram para jogar do lado de la aterrar porque lá era muito baixo. Eles tiraram terra daqui, tiraram muita terra, aqui era um morro. Era um brejão ai ai tinham que aterrar, mas tinha uma vantagem tinha água.

Nos primeiros anos de atividade da tecelagem, no bairro Baeta Neves, em São Bernardo, os trabalhadores eram moradores do município de Santo André, a tecelagem providenciou transporte diário do trajeto Santo André-São Bernardo e São Bernardo-Santo

⁵⁸ Na década de 1920 o atual Baeta Neves ainda era parte do município de Santo André, assim como toda a área que hoje compreende os municípios que compõe o ABC paulista.

⁵⁹ O buraco ao qual o senhor Airton se refere é um desnível nos terrenos do posto de gasolina, e do hospital, que estão em frente ao terreno da Tognato. Olhando o posto e o hospital temos a impressão de que foi feito terraplanagem para a construção dos mesmos.

André, para transportar os trabalhadores da tecelagem que moravam em Santo André⁶⁰.
 Informação confirmada pelo senhor Airton

como a tecelagem, a Tognato, veio de Santo André pra São Bernardo, eu acredito que a Tognato foi a incentivadora de transporte de fretado, que naquela época eles já fornecia quando eles vieram pra cá em 1952. O pessoal que morava em Santo André, aqui, eles forneciam ônibus pro pessoal vir trabalhar aqui a um custo zero cobrava nada, o pessoal tinha que se deslocar tinha que levantar mais cedo que vir trabalhar aqui então os funcionários antigos antes vieram pra cá, mas com proposta de ter condução grátis..

A inovação da tecelagem no fornecimento de transporte para os trabalhadores gratuitamente nos revela muito mais que a preocupação com esses, pois o fornecimento desse serviço era por uma necessidade da tecelagem que precisou mudar o local de produção para um mais distante e não dispunha de mão de obra nesse novo local. Mesmo motivo que levou a tecelagem a construir casas para alguns trabalhadores e incentivava outros a comprar lotes no Baeta Neves.

Muitas indústrias utilizaram essa estratégia ao longo do século XX, ao que parece houve a redução dessa estratégia na passagem do século XX para o XXI, possivelmente porque houve uma ampliação do serviço público de transportes que levou as indústrias deixarem de fornecer ou reduzir o fornecimento de ônibus fretado gratuito para seus trabalhadores. Ou, também a redução, e em alguns casos o fim desse benefício oferecido aos trabalhadores estão ligados ao processo de reestruturação das indústrias que foram intensificados justamente nessa passagem de século.

Nas décadas de 1950 e 1960 o loteamento do bairro Baeta Neves vendeu muitos lotes para operários da tecelagem, a Tognato contratava preferencialmente operários que morassem em São Bernardo e a curtas distâncias entre residência e a tecelagem, isso promoveu um crescimento moradores no bairro. Esse aumento populacional atraiu pequenas mercearias e outras atividades como as oficinas moveleiras, bancos e escolas, que também se instalaram no Baeta Neves.

⁶⁰ Acreditamos que a tecelagem oferecia esse transporte para seus funcionários devido a dificuldade de encontrar mão de obra no município de São Bernardo, nas imediações do Baeta Neves, que na década de 1940 não possuía muitos trabalhadores com experiência na indústria têxtil. Segundo relatos e depoimentos a maioria das indústrias têxteis treinavam e formavam seus tecelões, logo era muito mais prático para a tecelagem oferecer transporte para os tecelões que já estavam na tecelagem do que contratar novos e treiná-los.

As escolas profissionalizantes, ETE, SENAI revelam o crescimento industrial do município e também da população dos bairros em sua proximidade, pois nessas escolas eram oferecidos cursos que preparavam os jovens para o trabalho fabril. Embora em nenhuma das duas escolas existissem cursos ligados a tecelagem a Tognato segundo o senhor Airton,

A gente tínhamos muitos garotos no SENAI alunos do SENAI, que a gente, nos tínhamos que manter um numero de alunos no SENAI por conta da empresa, então ele ficava um período lá e um tempo na empresa. Então, mais ai ele aprendia mais: torneiro, ajustador, porque a gente também tinha oficina mecânica né? Pra tomar conta dessas maquinas agente fazia tudo. Ai fazia conserto, instalação, fazia maquinas ai dentro um negocio bem..... a gente tinha a parte toda de mecânica né? Torneiro, ajustador, ferramenteiro, soldador, eletricista. Enrolava motor ai dentro, pegava maquina, desmontava ela, reformava todinha, montava e punha pra trabalhar.

Era necessário manter esses garotos do SENAI na tecelagem para que a mesma continuasse a contratar menores para o trabalho de espuleiro ou outras funções. Tradicionalmente as indústrias têxteis utilizavam a mão-de-obra infantil, que era muito mais barata que a mão de obra adulta.

A partir da década de 1950 foi instalado no município de São Bernardo novas atividades industriais. É o período em que chega ao ABC e São Bernardo em especial as indústrias automobilística e indústrias ligadas ao setor automobilístico como as indústrias de autopeças. Com a chegada dessas indústrias houve um crescimento considerável da oferta de empregos no município e na Região Metropolitana de São Paulo, o que, por sua vez, atraiu muitas pessoas que migraram para a Região Metropolitana de São Paulo, em busca dessas ofertas de emprego. Muitos migrantes brasileiros optaram por se estabelecer em São Bernardo.

Os migrantes que chegavam a São Paulo, procuraram se estabelecer nos locais que ofereciam o menor custo habitacional e também proximidade com o local de trabalho. Nesse período o bairro Baeta Neves entrou em uma nova fase de transformação e povoamento, pois a partir de então os moradores não eram exclusivamente tecelões ou moveleiros.

A partir do final da década de 1950 houve o aumento do contingente populacional do Baeta Neves, que se deu pela chegada dos migrantes que vieram para trabalhar nas novas indústrias estabelecidas no município. Esses migrantes a princípio compravam um lote no bairro, mas não tinham condições de construir as casas, diante disso utilizavam moradias de

madeira, como já citamos anteriormente, que com o tempo foram sendo substituídas por casas de alvenaria.

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 o município de São Bernardo apresentou um crescimento populacional muito grande, tanto em taxa de natalidade quanto de migrantes. Esse crescimento populacional promoveu transformações importantes nos bairros do município, inclusive no Baeta Neves.

Tabela 7 - Crescimento Vegetativo e Migratório de São Bernardo do Campo

Ano	População	Taxa de Crescimento Anual %	Participação Vegetativa/Migrante %		Taxa de crescimento Anual Vegetativa/Migrante. %	
1950	29.295	10,74	30,73	69,27	4,45	8,34
1960	81.255	9,52	29,28	70,72	3,67	7,43
1970	201.662	7,76	38,69	61,31	3,64	5,33
1980	425.602	2,64	83,20	16,80	2,24	0,49
1990	566.893	2,42	62,71	37,29	1,57	0,96

Fonte: Compêndio estatístico de São Bernardo do Campo 2008

Banco de dados da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo.

Como já informamos anteriormente na década de 1960, o bairro Baeta Neves recebeu a ETE escola profissionalizante e o SENAI, que oferecia cursos técnicos para formação de operários especializados, muitos dos operários das indústrias do município frequentaram essas escolas. A presença desses dois centros de formação promoveram uma nova dinâmica no Baeta Neves, pois por suas ruas passam a transitar não apenas os moradores do bairro e funcionários das indústrias que estavam aí instaladas, mas passavam também as pessoas que frequentavam esses centros de formação e estudos.

Essa circulação de pessoas relacionadas com a ETE e o SENAI, permeia essa discussão porque o perfil de seus alunos na década de 1960 e 1970 não é o mesmo das décadas seguintes. No momento em que foram construídos as duas instituições, a maioria de seus alunos eram homens adultos, que faziam os cursos para melhorar e mudar de função na indústria que trabalhavam, com isso as pessoas que circulavam pelo Baeta Neves eram pais de família, possíveis compradores dos lotes e casas que estivessem a venda. O senhor Airton é um exemplo desse aluno da ETE:

Eu era bancário, e aí foi puxa vida. Era casado, com 4 filhos, não tá dando o salário era pouco (...). Aí me formei nesse curso de Técnico de Segurança. Interessante, uma boa né? Fiz o curso aqui na ETE, um curso de 240 horas aulas. Era o sábado e domingo o dia todinho e na semana a noite.

A partir da década de 1980, os estudantes dos dois centros profissionalizantes eram em sua maioria jovens com idades entre 14 e 18 anos. Esses também tiveram um papel importante dentro das transformações do Baeta Neves, que trataremos logo a seguir.

No início dos anos 1980 o município de São Bernardo já havia alcançado o desenvolvimento econômico do município vizinho, Santo André. A partir dessa década os moradores do município já não dependiam mais dos centros médicos, lojas e bancos de Santo André ou de São Paulo.

A população do Baeta Neves nos anos 1980 era de operários da tecelagem Tognato, das indústrias de automóveis, das moveleiras e de diversos setores produtivos da região e do município de São Bernardo.

Segundo o senhor Martins, morador do Baeta que conversou conosco informalmente em uma visita ao bairro no dia 09 de Maio de 2009, existiam linhas de ônibus que tinham destino para outros bairros do município e também para os municípios vizinhos, como: linhas de ônibus que levavam até o bairro do Braz no município de São Paulo, linhas para o município de Santo André e linhas municipais, que levavam os moradores até a Volkswagen, nas proximidades da rodovia Anchieta até a Ford, no bairro do Taboão, que está na divisa do município com Diadema e São Paulo.

Esses destinos de ônibus são parcialmente confirmados pelo depoimento do senhor Airton, ele não confirma a existência de ônibus que saísse do Baeta para São Paulo

pra São Paulo não, pra São Paulo sempre saiu aqui do paço, mas pra Santo André, nós tínhamos um ônibus que passava aqui no Baeta né? Pra Santo André e centro e alguns bairros aqui, e hoje em dia tem ônibus daqui que vai até a balsa lá no riacho grande, é bom de condução aqui, e é perto do centro

No ano de 1980, como já abordamos anteriormente, foi inaugurado nas proximidades do bairro Baeta Neves o atual shopping Metrôpole. Nesse shopping além das lojas existia o cinema, que atraía muitos jovens, muitos deles eram alunos dos centros profissionalizantes, do bairro Baeta Neves, que está localizado defronte ao shopping.

Esse shopping promoveu transformações significativas tanto para o bairro quanto para a tecelagem. Para os moradores do bairro Baeta Neves o shopping significou o progresso da região, pois para a população o local de compras estava muito próximo a suas residências(embora esse não representasse um grande problema para os moradores já que o centro comercial do município de São Bernardo não se encontrasse tão longe), e também um local para lazer, já que no shopping existia a área de alimentação e cinema. O shopping representou muito mais que uma nova área de lazer, ele representou e ainda representa a integração, de São Bernardo com a metrópole paulista. A cidade não é mais um subúrbio de São Paulo com ares de interior ela torna-se parte integrante da metrópole, não é mais necessário ir para a “cidade”⁶¹. Os equipamentos da “cidade” estão presentes em São Bernardo.

Para a tecelagem as transformações promovidas pela chegada do shopping como: aumento da circulação de veículos e pessoas nas ruas e avenidas próximas ao shopping; aumento do valor dos imóveis, por estarem próximos ao shopping, tornaram-se mais significativa na década seguinte. Quando houve a mudança do perfil dos moradores e das residências do Baeta Neves, essa mudança de perfil levou a valorização do bairro que acarretou no aumento dos imóveis e dos impostos. Essas transformações contribuíram para a desativação da tecelagem no Baeta para reduzir os gastos com o IPTU.

As residências do bairro passaram por grandes transformações, não se encontra mais casas de madeira, que existiam na origem do bairro, muitas das casas foram reformadas ao longo dos anos 1980 e 1990 deixando de serem casas térreas como no início da formação do bairro e passaram a ser sobrados, mas as transformações mais significativa que ocorreu no Baeta Neves foi a verticalização residencial com os condomínios verticais e o aumento do setor comercial ao longo da avenida Pereira Barreto e avenida Getúlio Vargas.

A partir de então o bairro Baeta Neves não traz mais as características de um bairro industrial, os moradores que trabalham na indústria em sua maioria não trabalham na produção, mas sim nos departamentos de escritório. Segundo o senhor Airton “... *Esses dos prédios estão fazendo aqui de dormitórios. Trabalham lá em São Paulo e dormindo aqui. Vem, só dorme, só tem a casa aqui mas o emprego em São Paulo e provavelmente não na indústria*”.

No depoimento do senhor Airton é possível notar que há uma diferenciação do perfil dos moradores antigos do Baeta e dos novos, diferenciação essa que afastam a possibilidade

⁶¹ Ir a “cidade” assim referiam-se os moradores do ABC quando precisavam ir até o centro comercial do município de São Paulo, para compras ou lazer.

de desenvolvimento das relações de vizinhanças entre o velho e o novo. Ao se referir aos moradores que trabalhavam nas fábricas de moveis e moravam no bairro ele diz “*trabalhadores muito antigo aqui eu conheço uns 10 ou 12 que trabalhava com móveis*”, mas ao se referi aos novos moradores do bairro que estão no condomínio ele usa uma expressão, que nos parece, desdenhosa “*esses dos prédios*”, isso nos revela que não há uma integração entre esses dois perfis de moradores do Baeta.

Certamente isso ocorre pelo modelo de moradia existente no bairro, que se divide em dois momentos: primeiro com trabalhadores da indústria que construíram casas umas vizinhas as outras, muitas vezes sem um muro que as separassem; segundo com condomínios verticais fechados, dos quais muitos dos moradores saem dos mesmos já dentro dos carros não parando ao longo das ruas para conversar ou cumprimentar os vizinhos das residências antigas do bairro.

Ao longo da avenida Pereira Barreto instalaram-se supermercados, revendedoras de veículos, hospitais⁶², postos de gasolina, clínicas veterinárias e lojas variadas. Além das empresas do setor comercial outra importante construção dessa avenida foi o corredor de ônibus (Troleibus), que interliga a região do ABC e também a interliga com o município de São Paulo na zona sul (Jabaquara e Brooklin) e zona leste (São Mateus).

A avenida Getúlio Vargas também passou por transformações significativas, nela instalaram-se lojas de vários segmentos, mercearias, padarias, bares, restaurantes, centro cultural, escolas e bancos. Essa avenida cumpre o papel de pequeno centro comercial para os moradores do bairro.

O bairro Baeta Neves, mediante seu crescimento populacional no decorrer do século XX, aumento das atividades industrial, comerciais, lojas, bancos, escolas (públicas e particulares), centro cultural, teatro, centro esportivos e empresas prestadoras de serviços, possibilitaram ao bairro a função de uma das centralidades da cidade de São Bernardo, já que os moradores do bairro e de suas imediações não necessitam se deslocar do bairro para o centro da cidade para fazer compras ou resolver questões bancárias.

No tocante a Fiação e Tecelagem Tognato, essa também possuiu um papel importante para o bairro, como já citamos anteriormente, e o bairro, esse também foi muito importante para o desenvolvimento da tecelagem, pois a partir do momento em que os trabalhadores da tecelagem constroem suas casas no Baeta Neves contribui para a tecelagem, solucionando o problema de transporte, de trabalhadores e também os custos que envolviam esse transporte.

⁶² O hospital construído na avenida Pereira Barreto, segundo depoimento do ex-funcionário da Tgonato, ocupa um dos antigos terrenos comprado pela família Tognato nos anos 1940.

Por décadas seguidas o bairro teve um importante papel de abrigar trabalhadores de diversos setores da tecelagem. Dessa forma nos é evidente que o bairro, embora inicialmente, estivesse ligado e em função da atividade industrial, ele assim permanece apenas por uma fase, fase essa do seu desenvolvimento, após seu crescimento temos o distanciamento do bairro em relação as fábricas. Esse distanciamento, que socialmente passa a ser a negação da fábrica, já que tudo o que lembre a existência de fábricas no bairro são transformado ou mascarado, faz parte do processo de urbanização. O bairro surgiu, como já citamos, através de um loteamento em um momento que as terras dos Baeta Neves não estavam rendendo tanto capital, a sua venda era uma forma de garantir a acumulação de capital por essa família, no final do século XX quando essas terras sofrem uma nova valorização devido as mudanças ocorridas em suas imediações e especulações imobiliárias. Diante disso, a valorização do bairro, a reformulação do tipo de residência, implantação de novos ramos de estabelecimentos comerciais atendem aos interesses capitalistas do setor imobiliário e não necessariamente a dinâmica da atividade industrial.

A princípio a transformação do bairro e a saída da tecelagem parecem estar interligadas por acontecerem na mesma época, mas ao analisarmos os dois, tecelagem e bairro, mais detidamente notamos que houve contribuição de um para com o outro e vice versa, mas cada um tendo essas transformações por dinâmicas distintas, dentro de um processo de transformação de escala ampliada, essas transformações seguem a lógica da metrópole, do processo de metropolização.

Para compreender essas transformações é necessário observar a Fiação e Tecelagem Tognato dentro do contexto da industrialização brasileira, do segmento têxtil e do panorama econômico brasileiro no qual ocorreram as transformações. Compreender as transformações do Baeta Neves é compreender a formação do bairro, do município de São Bernardo do Campo e da região do ABC, dentro do contexto da formação do município de São Paulo e da formação da metrópole paulista.

Diante disso a formação do bairro se dá dentro do processo de transformação da tecelagem. A transformação do bairro no final do século XX se dá dentro do processo de reformulação e desativação da tecelagem. Ao mesmo tempo em que um está associado ao outro eles desassocia-se através de um processo de negação do bairro para com a tecelagem.

Foto 5- Imagem da propaganda de pagina inteira no Jornal Folha de São Paulo 13/10/2007 do empreendimento a ser construído em parte do antigo terreno da Tognato

Foto 6- Condomínio em construção no local onde ficava a Tognato, a esquerda esta o shopping Metrpole e os edifcios da regio central de So Bernardo. (11/05/09)

Foto 7- rea cercada para construo de condomnio vertical e ao fundo condomnios j habitados na rua Liberdade no Baeta Neves (foto da autora 11/05/09)

Foto 8- Os prédios parecem avançar contra as casas na avenida Catanduva no Baeta Neves. (foto da autora 11/05/09)

5.3 As transformações espaciais no ABC

No início do século XX a região que veio a se tornar o ABC apresentou uma série de transformações significativas. Começou a apresentar um crescimento populacional, suas oficinas transformando-se em indústrias. A paisagem local ganhou grandes galpões com chaminés, bairros com construções modestas foram aparecendo na paisagem da região substituindo antigas fazendas e atividades agrícolas.

Passados aproximadamente cem anos, o ABC pouco possui da paisagem suburbana que tinha no início do século XX e mesmo aquela na qual a indústria predominava. Bairros que possuíam a concentração da atividade industrial, no início do século XXI, abrigam shoppings, academias de ginástica, hospitais, hotéis, supermercados e uma grande variedade de empresas do setor de serviços. Nos bairros residenciais, que até a década de 1980, eram compostos de casas eram térrea, a partir da década de 1990 inicia-se um processo de verticalização intenso, com a construção de prédios residenciais.

A população, que circula por essa região do ABC, também, já não é mais constituída por uma maioria de operários fabris, com seus macacões escuros e bicicletas. Agora nas ruas que antes abrigavam as fábricas e os operários circulam jovens, adolescentes que trabalham nas lojas e prestadoras de serviços instaladas na antiga região fabril.

As ruas ganharam um novo aspecto, ganharam jardins nas calçadas, foram ampliadas, ganharam nova pavimentação. Não se vê mais bicicletas circulando, essas deixaram de ser visualizadas no momento em que os operários deixaram de circular pelos antigos bairros industriais, agora é a vez dos carros e seus donos que frequentam os shoppings ou trabalham nos mesmos.

Os sons do ABC também mudaram. Antigamente as pessoas se orientavam através do som das sirenes das fábricas. No decorrer da década de 1980 e 1990 esses apitos ou sirenes foram silenciando, uma após a outra, hoje é muito raro escutar essas sirenes e impossível uma orientação a partir das mesmas. Isso não significa dizer que o ABC não é mais industrial, alguns bairros como o Baeta Neves houve sim uma desindustrialização, as fábricas saíram do bairro, mas não podemos generalizar o que é pontual a alguns bairros para toda uma região ou mesmo município. Muitas fábricas ainda estão presentes na região do ABC, mas a dinâmica dessas fábricas mudaram, suas necessidades físicas mudaram, a modernização pelo processo de automatização das máquinas, a reestruturação produtiva com a redução do número de funcionários, a implantação do método flexível no processo fabril de muitas indústrias vem contribuindo ainda mais para a transformação na paisagem do ABC.

Essas transformações políticas, produtivas, econômicas tiveram um reflexo na sociedade da região. A população já não identifica mais os municípios pelas indústrias como antigamente, quando São Bernardo do Campo, por exemplo, era a cidade da Volkswagen; Santo André, da Petroquímica; São Caetano do Sul da GM (General Motors). Hoje esses municípios são reconhecidos pelos seus habitantes como São Bernardo do Campo a cidade do Shopping Metrôpole; Santo André do Shopping ABC Plaza; São Caetano do Sul a cidade dos bares e casas noturnas ou simplesmente avenida Goiás, já que os bares e casas noturnas estão reunidas nessa avenida. Houve uma mudança no referencial da sociedade do ABC, mas as indústrias continuam a existir nos municípios do ABC. Elas já não são mais sua grande referência, e quando o são, cumprem ao papel de chamariz para interesses políticos em época de eleições.

As fábricas, já não estão mais na memória dos jovens, alguns porque são jovens demais para ter conhecido a dinâmica de bairros, que tinham a indústria dominando a paisagem, outros porque simplesmente não tiveram nenhum membro da família, que tenha trabalhado em indústrias, logo não traziam para casa histórias de eventos que tenham acontecido na fábrica, histórias que poderiam permitir aos mais jovens perceber a existência da indústria de forma marcante na região.

Em uma enquete informal com jovens estudantes de uma escola e universidade nas proximidades do endereço da tecelagem Tognato, no bairro Baeta Neves, foi perguntado se eles sabiam “O que funcionava no terreno em que o condomínio encontra-se em construção?”⁶³ Alguns responderam que nada existia antes naquele local. Outros responderam que existia apenas um galpão que não servia pra nada há muito tempo. Eles não recordaram ou sabiam que naquele local existia uma tecelagem.

Compreender as mudanças acontecidas nos permite compreender um pouco mais sobre o lugar, a sociedade que vive nesse lugar. Talvez, essa imagem do ABC das empresas do setor de serviços e comércio, que jornalistas e estudiosos da região apontam como transformação do ABC de região industrial para uma região de serviços signifique uma solução para o desemprego, que poderia ter se estabelecido com muito mais impacto dentro desse processo de reestruturação produtiva e desindustrialização pontuada, caso esse ramo de atividade, os serviços, não houvesse ocupado o vazio deixado por algumas indústrias, que

⁶³ Esse questionamento foi feito em Março de 2009 aos estudantes do Colégio e Faculdade Anchieta, que está vizinho ao imóvel que pertencia a Fiação e Tecelagem Tognato na avenida Pereira Barreto. O questionamento foi feito para aproximadamente 300 jovens de 14, 16 e 20 anos. A maioria recordaram-se do show de lançamento do condomínio mas nenhum recordou-se da existência de uma fábrica ali ao lado.

migraram para outras localidades ou reduziram o número de operários pelo processo de reestruturação produtiva.

Para a nova geração as mudanças dos últimos vinte anos não representam exatamente uma mudança, pois não conviveram com uma região na qual a indústria predominava, gerando oportunidade de emprego, mas aqui precisamos registrar um questionamento: e para a geração anterior? Como ficaram os operários demitidos pelo encerramento ou reestruturação de algumas fábricas da região? Alguns podem ter se aposentado, mas e aqueles que não estavam em idade de se aposentar ou não tinham ainda tempo de contribuição necessária para aposentar?

As fábricas continuam a existir na região do ABC, a atividade fabril ainda é a maior fonte de renda obtida pela arrecadação de impostos dos municípios da região. A marca Tognato também continua existindo, embora a tecelagem Tognato tenha falido. Diante disso podemos perceber que as transformações estão longe de serem concluídas e, qualquer tentativa de compreensão das mesmas são parciais, mas fundamentais para entender essa região.

No ano de 2007 ocorreu no ABC um congresso que tinha como temática “A classe operária depois do paraíso”, esse congresso reunia estudiosos e pesquisadores do ABC em mesas temáticas discutindo o ABC depois do paraíso. Nosso propósito aqui não é fazer uma crítica, mas deixar claro as transformações que estão em andamento nos municípios do ABC, com isso voltemos ao título do congresso: “A Classe operária depois do paraíso”. Nesse congresso o tema era o trabalho no século XXI. Muitos intelectuais e pesquisadores, que estudaram ou continuam a estudar a região, abordaram as mudanças do mundo do trabalho, mas o que nos chama mais a atenção é o fato das discussões estarem ou totalmente voltadas para descrever o “antigo ABC” ou para os “antigos trabalhadores das fábricas”, pouco discutiu-se sobre as novas formas de trabalho no ABC⁶⁴. Por que essa temática, o operário depois do paraíso, não foi mais explorada? Por que as apresentações culturais com música, dança e artes plásticas receberam mais enfoque do que o trabalho ou trabalhador do ABC na atualidade?

Se fizéssemos essa pergunta a algumas pessoas, que participaram do encontro, provavelmente, nos responderiam que o trabalho e o trabalhador era o enfoque, mas com uma nova abordagem; que o congresso estava com um formato mais inovador. Importante essa

⁶⁴ Temas propostos no espaço de diálogo e debate do 9º Congresso de História do ABC – A classe operária depois do paraíso. “Dança no ABC; Gestão de Cultura e ação cultural; Futebol operário; Movimentos sociais; Memória e meio ambiente; Educação e cultura: construção de conhecimentos; As cenas musicais no ABC; Culturas e formas de trabalho”.

nova abordagem ou inovação, mas também muito reveladora, pois nos apresenta uma região na qual a indústria prevalecia e, que a partir do final do século XX, precisou encontrar novos caminhos, precisou inovar. Inovação, renovação ou nova abordagem estão impregnadas de mudanças e transformações, essas ficam presentes na paisagem, construída pela sociedade e na própria sociedade, com suas novas dinâmica, sociais e econômicas.

O Baeta Neves e a Fiação e Tecelagem Tognato, mesmo com as transformações presenciadas em São Bernardo, ainda estão presentes no cotidiano da cidade e da própria sociedade, seja através dos relatos, das memórias ou das construções de prédios, shoppings que representam as transformações.

A tecelagem em sua história, notamos, é anterior ao bairro, embora sua origem não tenha se dado no Baeta Neves. O loteamento do bairro é anterior a instalação dos galpões Tognato, embora deva a ela o aumento inicial da venda de seus lotes. A tecelagem dependeu do bairro, ele foi atrativo para a produção e expansão da tecelagem por suas características geográficas, abundância de água, um gigantesco terreno com um baixo custo, bem como abrigar a maioria da sua mão-de-obra ao longo de 30 a 40 décadas.

Passado quatro décadas após a tecelagem estar em atividade no Baeta Neves novas transformações aconteceram na Tognato e, o que podemos perceber é que essas transformações foram ditadas muito mais pelo processo de transformação industrial como reestruturação produtiva, declínio de um modelo da indústria têxtil do ABC baseado na administração e capital familiar e falta de proteção ao setor têxtil frente a abertura econômica dos anos 1990, do que pelas transformações ocorridas no bairro.

Atribuir, o crescimento do Baeta Neves e a mudança do perfil dos moradores, os motivos que levaram a desativação da Tognato, no Bairro Baeta Neves e, a sua falência cinco anos depois, estaríamos desconsiderando toda a dinâmica industrial no decorrer do século XX e também a dinâmica sócio/espacial, que nos permite compreender a formação, transformação do bairro e da cidade de São Bernardo.

No entanto, não podemos ignorar, que nos últimos trinta anos as transformações do bairro, como a mudança da atividade econômica e da sociedade, que o compõe influenciaram nas transformações da tecelagem, a desativação e a venda do terreno, que abrigou por tantos anos os seus galpões. Assim como também é preciso perceber, que com a saída da tecelagem a verticalização dos condomínios de alto padrão e a ampliação das empresas do setor de serviços ampliaram-se consideravelmente no Baeta Neves.

A tecelagem contribuiu significativamente para a formação do bairro na década de 1950. O bairro contribuiu para as transformações da tecelagem na década de 1990. Mas não

foram inteiramente responsáveis pelas suas transformações mais significativas. A presença da tecelagem no bairro não atraiu esse novo perfil de moradores, de classe média alta, que esta se estabelecendo no Baeta Neves ocupando os condomínios verticais, ela não atraiu o shopping Metrópole nem tão pouco as lojas e as empresas do setor de serviços. O bairro não foi responsável pela desativação da tecelagem no Baeta Neves com uma redução da área de produção de 75 mil m² para 18mil m², tampouco pela redução da produção, e falência no ano de 2005.

As transformações da tecelagem e do bairro não representam também uma situação isolada dentro do município de São Bernardo. Elas já se fazem perceber em outros bairros do município, nos quais a atividade fabril esta cada vez mais “apagada” pela altura ou suntuosidade dos condomínios, academias e redes de supermercados. Esse fenômeno não é particular a São Bernardo ele é presente nos demais municípios do ABC e na Região Metropolitana de São Paulo.

O apito da fábrica foi silenciado agora o barulho que se escuta são das buzinas dos veículos, das máquinas utilizadas para a construção civil. Os galpões fabris foram transformado em supermercados e Shopping Centers, as chaminés são tão raras que é difícil perceber a existência delas. As únicas coisas que ainda nos revelam aqui ou ali as antigas indústrias que foram desativadas são suas caixas de água preservadas com o nome da construtora responsável pelas construções dos condomínios ou com o nome do shopping e os telhados em forma de serra dos galpões aproveitados na implantação de shoppings e supermercados nas antigas instalações fabris.

Todas essas mudanças, transformações que vem ocorrendo em São Bernardo e que estamos presenciando será o ABC depois do paraíso?

Considerações Finais

A pesquisa mostrou que para um melhor entendimento da tecelagem e do bairro na década em estudo, foi também necessário compreender a formação e o desenvolvimento da cidade e da região na qual ela encontrava-se inserida.

Isso porque, como notamos, a formação, desenvolvimento e declínio dessa tecelagem ocorreu dentro do processo de industrialização, desenvolvimento da atividade industrial e reestruturação produtiva e da indústria em São Bernardo, na Região Metropolitana de São Paulo e no Brasil.

Ao estabelecermos a relação entre a Tognato e o Baeta Neves tornou-se evidente, que as relações sociais foram fundamentais para as transformações, neste estudo observadas. Transformações essas, que resultaram em uma configuração e reconfiguração do bairro ao longo de todo o século XX.

Entendemos, que, embora o bairro tenha se configurado na sua origem através da tecelagem, suas transformações intensificadas na década de 1990, obedeceram a dinâmica da urbanização e da metropolização, que a princípio, podemos atribuir unicamente a saída da tecelagem. Entretanto, quando a tecelagem sai do Baeta ela possibilita a expansão dos condomínios, do comércio e dos serviços no bairro, já que esses puderam fazer aquisição de imóveis em uma área privilegiada do bairro, que está próxima ao centro comercial, mas a saída da tecelagem não explica todas as mudanças ocorridas no bairro.

A tecelagem por sua vez, compreendemos que foi desativada no Baeta Neves por vários fatores, entre eles, a expansão das atividades comerciais e do setor de serviços do bairro, que atraíram um perfil de morador diferente daquele da primeira metade do século XX, essa nova configuração do bairro trouxe a valorização dos imóveis, que resultaram na valorização do terreno da tecelagem, que possivelmente viu na transferência, no final do século, a possibilidade de um grande investimento imobiliário no Baeta com o projeto Cidade Tognato.

Compreender a tecelagem e o bairro até o final dos anos 1990, nos possibilitou perceber que a dinâmica da fábrica e do bairro, pareçam estar relacionadas, mas elas se rompem em suas particularidades. O Baeta não foi tão somente o bairro dos trabalhadores da Tognato, a Tognato muda de bairro, porque viu nesse a possibilidade de manutenção da sua riqueza, através de um novo empreendimento econômico.

Sendo assim duas dinâmicas se estabelecem em São Bernardo, que o configuram na passagem de século XX para XXI, a reestruturação produtiva, na qual a indústria não necessita de imensos galpões e terrenos para implantar seu processo produtivo, que foi necessário em meados do século XX e a expansão da metrópole paulista, que expande as necessidades da metrópole, como empresas de serviços, moradias para as cidades a sua volta.

Entender essas mudanças e transformações, a princípio configuraram-se como uma luta para ver quem permanece nessas cidades do ABC, a indústria ou o comércio e serviços, mas com o desenvolvimento da pesquisa percebemos, que as indústrias não saíram em sua totalidade do ABC, algumas mudaram de bairro, foram incorporadas a outras indústrias ou suas dimensões foram reduzidas dando espaço para novas atividades.

Compreendemos, que o trabalho a análise espacial de São Bernardo e do ABC, não estão finalizadas, ao contrário, essa pesquisa nos mostrou, que outras discussões ainda serão necessárias, por exemplo entender a configuração da verticalização do ABC e a atração de moradores de classe média alta mediante a expansão das favelas para as áreas de mananciais.

Esperamos, que essa dissertação tenha chegado ao seu objetivo: compreender a desativação da Fiação e Tecelagem Tognato e as transformações do espaço industrial do Baeta Neves em São Bernardo, intensificadas na passagem do século XX para o XXI, e também suas conseqüências na vida e cotidiano da sociedade do ABC.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo. Ed. Boitempo, 2003
- AZEVEDO, A. A cidade de São Paulo. VI. IV Os subúrbios paulistanos. Ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1958.
- BAER, W. A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil. Rio de Janeiro. FGV. 1979
- BELATTO, L. F. B. <http://www.klepsidra.net/klepsidra4/methuen.html> (10/04/09 - 15 horas)
- BOTELHO, A. O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo. FAPESP. Annablume. 2007.
- BRAGA, R. Política urbana e gestão ambiental: considerações sobre o plano diretor e o zoneamento urbano. In. BRAGA, R., CARVALHO, P.F. (org.) Perspectivas de gestão ambiental em cidades médias. Rio Claro: UNESP –IGCE – Laboratório de Planejamento Municipal – Deplan, 2001
- CANO, W. CINTRA, L. Algumas medidas de política econômica relacionadas à industrialização brasileira (1874-1970). IFCH-DEPE Universidade Estadual de Campinas. 1975
- CANO, W. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL. 1977
- CARLOS, A.F.A. Espaço-tempo na metrópole. São Paulo. Contexto, 2001.
- _____ (re)produção do espaço urbano. São Paulo. Ed. USP 1994
- CARONE, E. O pensamento industrial no Brasil (1880-1945). DIFEL. Rio de Janeiro - São Paulo. 1977.
- CARVALHO, J. M. Levantamentos documentais sobre industrialização em Santo André – 1895/1968 e saúde pública na região do ABC 1895/1937. Santo André 2005.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo. Paz e Terra. 2005.
- CASTRO, R. Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo. Ed. Cia. das Letras. 1995
- CORREA, M.L. São Bernardo do Campo descaracterização da paisagem urbano-industrial e a “nova pobreza urbana”. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Geografia FFLCH – Universidade de São Paulo 2000.
- CORREA, T.B. Pedra: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas. Ed. Papirus, 1998

COTRIN, F. Tognato tem 40% da fábrica transferida. Santo André. Diário do Grande ABC, 02/12/2000

CUNHA, A.A. Desenvolvimento e espaço: da hierarquia da desconcentração industrial à formação da macrópole paulista. São Paulo. Dissertação de Mestrado Sociologia FFLCH Universidade de São Paulo. 2008

DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1971

EBER, F. O padrão de desenvolvimento industrial e tecnológico e o futuro da indústria. Rio de Janeiro. Revista de economia contemporânea – vol.5 Edição especial. 2000

FERRARI, T. Fabricação da cidade e ideologia da circulação. São Paulo, Ed. Coletivo. 2008

FILGUEIRA, L.A.M. Estruturação Produtiva, Globalização e Neoliberalismo: Capitalismo e exclusão social neste final de século. *In* O Mal-estar no fim do século XX – Org. Depto. De Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia. 14/05/1997 - disponível em www.cefetsp.br (consultado em 08/09)

_____. História do Plano Real. São Paulo. Editora Boitempo, 2003

GAIARSA, O. A. A cidade que dormiu três séculos. Santo André, Bandeirante, 1968.

GORINI, A. P. F. et SIQUEIRA, Sandra H. G. Complexo têxtil brasileiro. Rio de Janeiro. AO1/GESET2 – SEBRAE/RJ (<http://www.redetec.org.br>) 2002

GOUNET, T. Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel. Editora Boitempo. São Paulo, 1999

HIRATUKA, C. *et all* Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil.. Campinas Editora UNESP- Instituto de Economia da UNICAMP 2003.

IGLÉSIAS, F. A industrialização brasileira. São Paulo. Brasiliense. 1994

KON, A. COAN, D. C. Transformações da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. São Paulo. Revista de Econômica Mackenzie. Ano 3 nº 3 2005.

LAFER, Betty Mindlin. Planejamento no Brasil. São Paulo. Editora Perspectiva – 1970

LANGENBUCH, J.R. A estruturação da Grande São Paulo. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1971.

LAMPARELLI, C. A metropolização como uma das formas de urbanização. *In* Machado D.P. Metropolização e Rede Urbana: perspectivas dos anos 90. Rio de Janeiro. IPPUR/ANPUR/CNPq. 1990.

LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte. Humanitas. 2004

_____. A cidade do Capital. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 1999.

_____. O direito a cidade. São Paulo. Editora Moraes. 1991

LEITE, M.P. Trabalho e sociedade em transformação: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2003

LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada *In*: SANTOS, M. *et al*, Território Globalização e Fragmentação, São Paulo, Editora HUCITEC/ANPUR, 1994

LOUREIRO, F. Nos fios de uma trama esquecida: a indústria têxtil paulista nas décadas pós depressão 1929-1950 – Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo – História – 2009.

MANZAGOL, C. Lógica do espaço industrial. São Paulo. DIFEL 1985.

MARQUES, I.C. O Brasil e a abertura dos mercados: o trabalho em questão. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2002

MARTINS, Jose S. Subúrbio, São Paulo, Hucitec Unesp, 2002

MEDICI, Ademir. São Bernardo, seus bairros, sua gente. Cadernos Históricos. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1984.

MELLO, Maria R. C. A industrialização do algodão em São Paulo. São Paulo. Editora Perspectiva. 1983

MONTEIRO, Arlete A. Santo André: dos primórdios à industrialização Um estudo sobre os imigrantes ao longo da São Paulo Railway. Tese Doutorado FFLCH, São Paulo 1995.

NEGRI, B. Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990). Campinas, Editora UNICAMP 1996.

PARAFUNDI, H. GALLI, C. A extinção das fiações no ABC. São Paulo. O Estado de São Paulo, 08/11/1981

PARANHOS, K.R. Era uma vez em São Bernardo. Editora UNICAMP/Centro de Memória-Unicamp, 1999.

PENTEADO, Antonio Rocha. *In* AZEVEDO, Aroldo de. A cidade de São Paulo. VI. IV Os subúrbios paulistanos. Ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1958.

PEREIRA, José C. Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo. São Paulo, Editora Nacional. 1967

PIMENTEL, Maria I. S. O migrante em São Bernardo do Campo. Dissertação FFLCH-USP

POCHMANN, M. O emprego na globalização. São Paulo. Ed. Boitempo, 2001.

POSTHUMA, A.C. Org. Brasil, abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil – ministério do trabalho e emprego - 1999

PRADO JR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo. Editora Brasiliense. 1995

RAMOS, A.W. Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: transformações da cidade e dimensão do vivido. *In* GEOUSP – Espaço e tempo. VI.15, p.103, São Paulo, 2004

SHCLESINGER, Hugo. Geografia industrial do Brasil. São Paulo Ed. Atlas, 1958

SMITH, Neil. Desenvolvimento desigual, natureza, capital e a produção do espaço. Bertand Brasil, 1988.

SOJA, E. W. O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA. In. SANTOS, M. Território Globalização e Fragmentação. HUCITEC/ANPUR 1994

STEIN, Stanley. Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil (1850-1950) Rio de Janeiro Ed. Campos, 1979.

SUZIGAN, Wilson – Estado e industrialização no Brasil, in: ODÁLIA, N. org. Brasil, o desenvolvimento ameaçado : perspectivas e soluções. São Paulo. Centro Brasileiro de Estudos e Formação para o Desenvolvimento-CEBRAEF/ UNESP, 1989.

_____ Indústria brasileira, origem e desenvolvimento. São Paulo. Brasiliense. 1986.

VALLE, R. CARLEIAL, L. Reestruturação produtiva e mercado de Trabalho no Brasil. São Paulo. Ed. HUCITEC-ABET, 1997

VERSIANI, F. SUZIGAN, W. O processo brasileiro de industrialização: uma visão econômica geral – Congresso Internacional de História Econômica, Louvain, 08/1990. disponível em www.unb.br/face/eco/textos/industrializacao.pdf (consultado em 25/07/09)

VILLAÇA, Flavio. Espaço Intra-urbano no Brasil. São Paulo, Nobel, 1998.

Periódicos

Diário do Grande ABC

O Estado de São Paulo

Folha de São Paulo

Revista Livre Mercado

Folha de São Bernardo Suplemento especial 1978-1979

Fontes Estatísticas e Cartográficas

Compêndio Estatístico da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, 2008.

Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – Setor de Planejamento Urbano

Relatório de divulgação do PIB dos municípios paulistas 2008. Disponível em: www.seade.gov.br acessado em 25/09/09.

Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça Junta Comercial do Estado de São Paulo.

Fontes Orais

PAMPOLIM, Francisco. Ex-funionário (encarregado da seção de tecelagem) aposentado da Fiação e Tecelagem Tognato.

PERETTO, Antonio A. Ex-funcionário (Engenheiro mecânico), aposentado da Fiação e Tecelagem Tognato.

RODRIGUES, Airton. Ex-funcionário(Encarregado Segurança do Trabalho), aposentado da Fiação e Tecelagem Tognato.

CAMPANARO, Edmundo. Ex-funcionário da fábrica (Tecelão), aposentado e atuante como membro da diretoria do sindicato dos trabalhadores da indústria têxtil de São Bernardo e Diadema.

MARTINS, (não informou o primeiro nome). Aposentado, Morador do bairro Baeta Neves.

SRA. ADA (não quis informar sobrenome). Dona de casa, moradora do bairro Baeta Neves.

Imagens

Folha de São Paulo 13/10/2007

Fotos da autora

Outras Fontes

ARQUIVO NACIONAL (<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br>)

IBGE (www.ibge.com.br)

SEADE (www.seade.gov.br)

EMPLASA (www.emplasa.org.br)